



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Gestão de Tomar

Mélanie da Silva do Nascimento

**EDUCAÇÃO EM PATRIMÓNIO HISTÓRICO-
ARTÍSTICO PARA OS ALUNOS DO ENSINO
BÁSICO**

Dissertação de Mestrado

Orientado por:

Doutor Luís Mota Figueira, Instituto Politécnico de Tomar – Orientador

Mestre Carlos Rodarte Veloso, Instituto Politécnico de Tomar – Co-Orientador

Dissertação apresentada ao Instituto Politécnico de Tomar
para cumprimentos dos requisitos necessários
à obtenção do grau de Mestre
em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural

MARÇO DE 2012

*Aos meus filhos,
Diogo, Gabriel e Isaac*

RESUMO

O estudo planeado e aqui apresentado consiste em procurar educar as crianças, nomeadamente os alunos do ensino básico, para o património histórico-cultural, a fim de desenvolver nos mesmos uma sensibilidade que não irão possuir de outra forma tão cedo quanto a esse tema e formá-los como futuros turistas culturais e cidadãos. Comprovar e argumentar com factos reais foi o objectivo principal.

Palavras-chave: Educação patrimonial; História da Arte; Ensino básico; Turismo Cultural

RÉSUMÉ

L'étude élaborée et présentée ici est à la base d'une recherche menée sur un certain type d'éducation chez les élèves. Ces derniers sont plus particulièrement des élèves qui suivent l'enseignement primaire. Il s'agit d'une étude qui met l'accent sur le patrimoine historico-artistique, dans la perspective de développer chez eux une sensibilité dans ce domaine qu'ils ne développeraient pas autrement. Le but recherché est de les former en tant que futurs citoyens et touristes culturels potentiels. Le principal objectif a été de prouver et d'argumenter, sur la base de faits réels, cette étude.

Mots-clés : Éducation patrimonial; Histoire de l'Art; Enseignement primaire, Tourisme culturel

ABSTRACT

The purpose of the study hereby presented was trying to teach the historical and cultural heritage to the children, more precisely the primary school students, to develop sensitivity they will not have in any other way so early and form them as future cultural tourists and citizens. Prove and argue with real facts was the main goal.

Keywords: Heritage education, Art History, Primary school, Cultural tourism

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, ao meu orientador Doutor Luís Mota Figueira pela disponibilidade, pelo exemplo, pelo profissionalismo e pelas críticas construtivas, que ajudaram a abrir-me para uma realidade que não era a minha.

Ao Professor Carlos Veloso pelo seu cepticismo obrigando-me a defender a minha escolha sem duvidar.

O meu especial agradecimento ao Dr. Ricardo Triães, pela sua preciosa ajuda, pelo altruísmo, pelo profissionalismo e pelo interesse.

Aos meus colegas, por terem sido exemplos para mim. À Dra. Joana Alexandre.

Ao meu irmão, Dr. Nelson Nascimento, pela paciência, ajuda, compreensão e competência que sempre demonstrou. Aos meus pais pelo incentivo e pela educação. Ao meu companheiro.

À Câmara Municipal de Constância, nomeadamente ao Sr. Presidente Doutor Máximo Ferreira, à Vereadora Dra. Manuela Arsénio, à Vereadora Dra. Júlia Amorim e a todos os intervenientes que me ajudaram na divulgação da dissertação e demonstraram o seu interesse.

Às docentes Maria Manuel, Maria José Pereira e Sílvia Pedro, pela disponibilidade, sinceridade e ajuda fundamentais, e à Dra. Anabela Grácio, directora do Agrupamento de Escolas de Constância.

O maior agradecimento vai para os alunos do 1º ano, do 3º ano e do actual 4º ano do ensino básico, por me terem aceitado e, com este estudo, nos ensinarem o que só as crianças podem ensinar às mentes demasiado fechadas dos adultos. Aos encarregados de educação pela colaboração e pela amizade.

Obrigado a todos os que participaram directa ou indirectamente à elaboração deste estudo, e que por lapso momentâneo e involuntário, me tenha esquecido de nomear.

Índice

Introdução	1
-------------------------	----------

Metodologia	3
--------------------------	----------

Capítulo I – Pedagogia e Património

1. A importância da pedagogia na aprendizagem dos alunos.....	5
2. A pedagogia do Património e do Turismo – breves considerações.....	5
3. Turismo cultural	7
3.1. Breve definição	7
3.2. O perfil do turista cultural	9
4. Identificação de Património histórico-artístico neste estudo.....	10
5. O estado da arte e o modelo educativo no ensino básico, 1º e 3º anos.....	11
5.1. Programa de Estudo do Meio.....	11
5.2. Educação artística.....	12
5.3. A História da Arte no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.....	14
6. Arte e público infantil: pontos de contacto.....	16

Capítulo II – Trabalho de campo – turmas-piloto

1. Caracterização das turmas de estudo e dos alunos.....	19
2. Justificação para a escolha das turmas de estudo.....	20
3. Validade estatística do estudo.....	20
4. Agrupamento de escolas de Constância.....	21

Capítulo III – Trabalho de campo – as aulas de Património histórico-artístico

1. Conteúdo das aulas teóricas e práticas.....	23
--	----

1.1.	Introdução ao Património.....	23
1.1.1.	Teórica.....	23
1.1.2.	Prática.....	25
1.2.	História da Pintura.....	29
1.2.1.	Teórica.....	29
1.2.2.	Prática.....	32
1.3.	História do Azulejo.....	33
1.3.1.	Teórica.....	33
1.3.2.	Prática.....	34
2.	Análise das aulas.....	35
3.	Comentário global aos resultados obtidos no trabalho de campo.....	51
3.1.	Feedback dos docentes e dos pais/encarregados de educação	51
3.2.	Análise dos inquéritos	51
3.3.	Análise dos questionários dos alunos.....	55
4.	Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do ensino básico” (27.10.2011).....	59
5.	Balanço aos resultados obtidos no Seminário e análise aos inquéritos.....	61

Capítulo IV – Projecto ESAP

1.	Criação e objectivos da empresa	63
2.	O produto e a sua aplicação.....	65
2.1.	Aulas de Património histórico-artístico.....	65
2.2.	Maletas pedagógicas.....	65
2.3.	Manuais auxiliares para docentes.....	68
3.	Plano de negócios.....	69
3.1.	Análise da proposta e estratégia financeira.....	69
3.2.	Viabilidade económica.....	73
3.3.	Análise SWOT.....	73

Capítulo V – Resultados e comentários

1. Objectivos atingidos e resultados obtidos.....	75
2. Relevância científica.....	77
3. Problemática da ausência de estudos nesta temática.....	77
4. Necessidade de um parecer de uma equipa multidisciplinar.....	78
5. Contributo para o Turismo cultural e inserção no PENT.....	79
6. Enquadramento legal.....	80
Conclusão.....	83
Bibliografia.....	85
Anexos.....	88

Índice de figuras

Figura 1: Quadro das principais dificuldades existentes no ensino da disciplina de História da Arte	15
Figura 2: Programas televisivos infantis, destinados à Cultura.....	17
Figura 3: Universo de estudo	21
Figura 4: Escola Básica 1º ciclo e Jardim-de-Infância de Constância (à esquerda) e Escola Básica 2º e 3º ciclos Luís de Camões, sede do Agrupamento de Escolas de Constância (à direita).....	22
Figura 5: Ícones "multipatrimoniais" apresentados aos alunos	24
Figura 6: Aula de Introdução ao Património histórico-artístico	25
Figura 7 - Planta da igreja Matriz de Constância	25
Figura 8: Aula de Introdução ao Património histórico-artístico	25
Figura 9: Quadro cronológico de História da Pintura.....	25
Figura 10: Materiais usados para o fabrico das tintas conforme cada técnica	25
Figura 11: Imagens apresentadas aos alunos sobre a História do Azulejo.....	25
Figura 12: Aula de História do Azulejo.....	25
Figura 13: Aula de História do Azulejo (prática) com Dr. Ricardo Triães	25
Figura 14: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo Cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico”	25
Figura 15: Elaboração do exercício didáctico pelos alunos do 3º ano (2010) durante a aula de Introdução ao Património	25
Figura 16: Exemplo de resultados do exercício didáctico elaborado	25
Figura 17: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico”	25
Figura 18: Turmas de 1º e 3º anos durante a visita-guiada à igreja Matriz	25
Figura 19: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico”	25
Figura 20: Aula prática de História da Pintura com os alunos dos 1º e 3º anos	25

Figura 21: Um dos desenhos elaborados pelos alunos do 3º ano (2010) durante a aula prática de História da Pintura	25
Figura 22: Tela elaborada pelos alunos do 3º ano (2010) durante a aula prática de História da Pintura	25
Figura 23: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico”	25
Figura 24: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico”	25
Figura 25: Alunos do 3º ano (2010 e 2011, respectivamente) perante as explicações do Professor Ricardo Triães	25
Figura 26: Professor Ricardo Triães frente ao painel de azulejos elaborado pelos alunos	25
Figura 27: Aluna do 3º ano durante o exercício didáctico sobre a História do Azulejo	25
Figura 28: Padrão do azulejo usado na elaboração do painel, a preencher pelos alunos individualmente a lápis de cor	25
Figura 29: Resultado final do painel de azulejos elaborado pelos alunos	25
Figura 30: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico”	25
Figura 31: Seminário, vista geral (à esquerda) e presença de Doutor Luís Mota Figueira e Doutor Máximo Ferreira	25
Figura 32: Núcleo do projecto e sua dinâmica	25
Figura 33: Projecto das maletas pedagógicas	25
Figura 34: Gráfico do ciclo de vida de um produto	25
Figura 35: Análise SWOT do projecto ESAP	25
Figura 36: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico”	25
Figura 37: Contributo para o Turismo Cultural	25
Figura 38: Alvará régio de 20 de Agosto de 1721	25

Lista de abreviaturas e siglas

APTC – Associação Portuguesa de Turismo Cultural

CNEB – Currículo Nacional do Ensino Básico

ESAP – Educação para a Salvaguarda do Património cultural

FENPROF – Federação Nacional de Professores

IAPMEI – Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação

IPT – Instituto Politécnico de Tomar

OMT – Organização Mundial do Turismo

PENT – Plano Estratégico Nacional do Turismo

Nota:

1. Algumas das figuras que não são de autoria própria, foram pesquisadas em www.google.com/imagens, e considera-se que sendo aplicadas nesta dissertação, não precisam de direitos de autor, na medida em que este não é um produto comercial.
2. Por razões de compreensão e leitura, optou-se por classificar todos os quadros, gráficos e fotografias como figuras.

Introdução

O curso de Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural tem uma componente que suscitava o meu mais profundo interesse: a interacção entre a cultura, as artes e o património. Neste caso a vertente turística trata estes temas como “amostras” do contexto histórico, artístico e social de cada lugar. A minha área de formação - Artes Plásticas e Pintura - contribuiu para uma grande influência sobre a escolha do tema.

Buscando a génese do Turismo Cultural, deparei-me com uma problemática ao nível das práticas deste segmento do turismo: o perfil do turista que pretende usufruir de experiências culturais pode parecer demasiado conciso e elitista. Tendo em conta que a cultura é um bem acessível a todos (ou deveria sê-lo sem qualquer excepção), qual é a razão para o Turismo Cultural ser praticado por pessoas possuindo certas características do perfil médio? Tentei procurar respostas a essa pergunta. A educação será então a base de tudo isso? No território delimitado para o meu estudo constatei vários aspectos relevantes para a compreensão deste fenómeno.

Observei que os pais na sua grande maioria, não levam os seus filhos a visitarem locais de enfoque cultural. Quando justificam, remetem esse comportamento para o investimento que se impõe, quer em viagens, quer em entradas ou pagamentos de certas actividades ou até aquisição de lembranças. Contudo, existe uma quantidade incalculável de produtos culturais no nosso país, não sendo necessário percorrer muitos quilómetros para ter contacto com a cultura. É certo, também, que museus e certas actividades ligadas ao Turismo Cultural não têm um preço inacessível para as famílias com menos poder económico. É igualmente possível os pais proporem aos filhos um passeio e actividades por si planificados. Quanto a recordações dessa experiência, uma simples fotografia mais tarde emoldurada ou uma pedra apanhada no local, chegam amplamente para se ter uma evocação de um momento de lazer, de índole cultural. Então qual é a verdadeira razão para a baixa fruição das propostas culturais que temos ao nosso alcance? A meu ver só existe uma resposta plausível: a culpa poderá estar associada à educação e formação dos pais. Cada geração tem os seus padrões de educação. A frequência de visita a um edifício qualificado como património cultural por parte das famílias, organizada sob várias formas, parece não ser muito habitual.

Felizmente essa tendência demonstra estar a mudar. Contudo existem ainda demasiadas crianças que não usufruem desse contacto com a cultura histórica e artística. De que maneira então se pode criar esse hábito, como fazê-lo chegar a elas? A resposta pode estar em vários lugares, porém a Escola é certamente o lugar mais importante.

Assim a minha aposta de trabalho foi claramente definida. Trabalhei com o ambiente escolar, com os alunos das turmas do 1º ano e do 3º ano do ensino primário. Ainda foi feita uma abordagem com os alunos do Jardim de Infância, que poderá ser usada numa fase “pós-mestrado”, visto não ser oportuno trabalhá-la nesta dissertação. O principal obstáculo para a elaboração do meu estudo consistiu na falta de material bibliográfico. Sobre este tema em concreto, há escassa produção bibliográfica pelo que tive de adoptar uma pesquisa mais alargada direccionada para a educação, para a pedagogia, para o turismo e para o ensino artístico, entre outros.

Os objectivos deste estudo foram planeados, um projecto foi traçado e um outro projecto surgiu devido às conclusões positivas que no processo de trabalho me conduziram à proposta que apresento como dissertação para avaliação.

Esta foi a primeira ideia que me surgiu, mas pensando sincera e erradamente que haveria outros temas mais interessantes e que este não teria o impacte que desejava, deixei-a de lado, guardada numa gaveta. Contudo, após reflexão, não restam dúvidas que este tema está em concordância com o conteúdo do mestrado e em sintonia com a minha personalidade e com a minha experiência profissional e pessoal.

O estudo, a “Educação em Património histórico-artístico para os alunos do ensino básico”, pretende transmitir e, portanto, responder a uma necessidade socialmente sentida: a Educação para o Património, numa perspectiva cívica e turística.

Metodologia

A metodologia que utilizamos estruturou-se na pergunta de partida que se baseava no seguinte enunciado:

- Como criar uma educação para o Património histórico-artístico no Ensino Básico?

O objectivo era o de educar futuros cidadãos responsáveis e cientes da cultura patrimonial e futuros turistas culturais.

Realizamos pesquisas bibliográficas, recolhemos dados que foram sendo seleccionados e realizamos aulas teóricas e práticas com as turmas de 1º ano e 3º ano do Ensino Básico, da Escola Luís de Camões, em Constância.

Com os resultados destas aulas, concluímos com um Seminário: *“Turismo Cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino básico”*, realizado em Constância no dia 27 de Outubro de 2011, organizado para testar esta ideia e a forma como foi sendo desenvolvida e recebida.

Posteriormente surgiu a ideia de uma aplicação deste estudo num projecto de criação de uma empresa ou associação.

CAPÍTULO I

Pedagogia e Património

*“É no problema da Educação que assenta
o grande problema da humanidade”*

Immanuel Kant

1. A importância da pedagogia na aprendizagem dos alunos

É sabido que da qualidade pedagógica do ensino depende o êxito de formação do indivíduo. O acréscimo de número de alunos, as mudanças sociais, as mudanças culturais têm vindo a transformar a pedagogia na parte técnica do termo. Em Portugal, sobretudo nas últimas décadas, assiste-se a um desequilíbrio da Educação, que se reflecte na comunidade escolar (alunos, pais e profissionais). A obstinação em criar uma educação escolar baseada no enfoque fundamental do Português e da Matemática tem vindo a criar uma consequência inevitável: a perda de interesse por parte dos alunos, a criação de disciplinas mal aproveitadas por terem um programa demasiado curto, e lacunas a nível de outro tipo de ensino, como é o caso do ensino artístico, que além de não ser valorizado pelas entidades competentes, faz com que não seja valorizado pela sociedade em geral.

2. A pedagogia do Património e do Turismo – breves considerações

Na perspectiva de utilização da pedagogia do património e do turismo teremos que observar de que modo ela pode ser processada em ambiente de Ensino Básico. Considerando que a sociedade contemporânea busca a formação integral do indivíduo e que o turismo já representa uma das principais actividades económicas, e se configura

com um domínio de empregabilidade no futuro imediato, parece-nos fazer sentido avançar com uma proposta desta natureza. Assim, se os jovens estudantes forem confrontados com pedagogias onde possam perceber a envolvente socioeconómica, a vertente do turismo aparecerá naturalmente no espectro das actividades humanas.

Do trabalho de campo desenvolvido foi-nos possível observar que a abordagem a esta temática foi feita com interesse por parte dos Alunos e com o empenhamento dos Docentes. O objectivo era o de testar o interesse das crianças para a temática do património por via turística, ou seja, da relação entre o bem patrimonial, o sujeito que o frui e a circunstância da actividade turística de suporte a essa fruição.

Constata-se que no que toca à educação artística, esta é quase sempre subvalorizada. Em termos de estruturação do ensino nacional, a evidência que se pode assinalar é a que se assiste à falta desta componente.

No ensino básico a Educação pela Arte é quase sempre relegada para a expressão plástica mas não orientada com a formação adequada de docentes, tal como sucede normalmente na vida do aluno nos seus três anos de jardim-de-infância. Existem demasiados erros na transmissão desses conhecimentos aos alunos pelos professores. Obviamente que os docentes tentam desempenhar o seu papel da melhor forma possível. Usam assim os conhecimentos adquiridos durante a sua formação académica. É certamente necessário doravante melhorar esta relação. Neste propósito, acreditamos que a nossa proposta de abordagem pode ajudar a melhorar este quadro de relação entre a educação escolar e a sua componente de formação artística dos alunos do Ensino Básico.

Denise Grinspum, na sua tese de doutoramento sobre educação para o património faz esta referência: “(...) o trabalho de Educação Patrimonial procura levar as crianças e adultos a um processo activo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural” (Grinspum, 2000: 18). Da mesma autora “ (...) poderíamos pensar no conceito de Educação para o Património, que pode ser entendido como formas de mediação que proporciona aos diversos públicos a possibilidade de interpretar objectos (...) estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de partilhar, preservar e valorizar patrimónios com excelência e igualdade. A arte

enquanto bem patrimonial torna-se acessível a todos (...)”(Grinspum, 2000: 30). Como se pode observar, escolhemos este extracto de texto porque ele corresponde ao que pensamos sobre esta matéria.

3. Turismo Cultural

3.1. Breve definição

Não existe uma definição única de Turismo Cultural, podendo de facto variar segundo autores. É possível defender vários objectivos ou várias aplicabilidades para esta subdivisão do sector turístico, pois o Turismo Cultural é um ramo da vasta árvore do Turismo. No entanto, concordam no mesmo princípio-base e na importância que o Turismo Cultural tem na economia mas também na educação dos povos.

A preocupação com o Património, e com o Turismo Cultural como sua consequência, tem sido abordada desde o final do século XIX, altura em que se começam a desenhar certos comportamentos de deslocações por motivos de lazer, em que a visitação de locais com conteúdo cultural era o mais comum. São elaborados tratados, cartas, declarações internacionais, numa tentativa de implementação de procedimentos adequados. Actualmente o Turismo Cultural representa um sector em constante crescimento, pelo que é do interesse de todos os intervenientes, directos ou indirectos, investir nesta área, em termos financeiros mas também científicos.

A Carta do Turismo Cultural (México, 1976), define o Turismo Cultural como *“um facto social, humano, económico, e cultural irreversível. O Turismo Cultural é uma forma de turismo que tem por objectivo central o conhecimento de monumentos, sítios históricos e artísticos ou qualquer elemento do património cultural. Exerce um efeito positivo sobre estes porque contribui para a sua conservação, mas também corremos riscos de provocar efeitos negativos que devem ser evitados por meio da educação e de medidas políticas concretas.”*¹.

¹ in www.patrimonio-santarem.pt, site da Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico e Cultural de Santarém.

A mesma carta revela ainda: “*os objectivos que o Turismo Cultural deveria atingir são: transmitir a importância do património cultural, respeitar as culturas, facilitar e animar o diálogo entre os conservadores do património cultural e a indústria do turismo, com o objectivo de um desenvolvimento sustentável; apoiar a conservação e a gestão do património cultural. (...)*” embora o crescimento do sector do Turismo Cultural seja óbvio, alguns destes objectivos estão ainda por alcançar, mesmo após trinta e cinco anos da redacção desta carta. Facilitar e animar o diálogo entre os conservadores e a indústria do turismo é um deles. A falta de ligação entre os *stakeholders* é notória, sobretudo a nível nacional, devido a um factor já demasiado instaurado e que se prende com a mentalidade de serem todos concorrentes entre si. É essencial criar uma sinergia. O apoio à conservação e gestão do território tem sido visível, embora actualmente a conjuntura económica não o beneficie.

Segundo a organização norte-americana National Trust for Historic Preservation, de defesa do Património cultural, o Turismo Cultural é “*a prática de viajar para experimentar atracções históricas e culturais com o fim de aprender sobre o passado de uma região, de um país, de forma divertida e informativa*”, percebendo com isto que em qualquer ponto do globo a definição do Turismo Cultural adapta-se.

Pode fazer-se ainda uma abordagem antropológica à definição de Turismo Cultural: “*(...) face ao turismo convencional, de massas, o Turismo Cultural significa uma reacção contra a banalização social e o excesso de mercantilização(...)*.” (Pérez, 1999: 3). É ainda possível concordar com a seguinte afirmação: “*(...) O Turismo Cultural está ligado (...) ao interesse dos sujeitos pela formação, pela estética, pelo património cultural e a criação cultural de outro país.*” (Pérez, 1999: 4) Com isto defende-se que o Turismo Cultural é exclusivamente dedicado a um público formado, sensibilizado e instruído. A problemática está aqui presente: dedica-se um sector a um público pré-formado, em vez de formar o público para o sector pré-determinado.

Em 1991, o tratado de Maastricht referia o Turismo Cultural como “*uma das prioridades da União Europeia*” (Richards: 2001, *apud* Pérez: 2002) devido à sua importância para o desenvolvimento turístico. A OMT (Organização Mundial do Turismo) evidencia o Turismo Cultural como: “*(...) o movimento de pessoas essencialmente por motivos culturais, incluindo visitas de grupos, visitas culturais,*

viagens a festivais, visitas a sítios históricos e monumentos, folclore e peregrinação”. Talvez seja a definição mais concisa e objectiva.

Numa visão autárquica: “(...) *O Turismo Cultural estará (...) relacionado com a exploração criativa dos recursos naturais e culturais de cada território, sendo importante verificar os segmentos da demanda e a possibilidade de adequar as ofertas de cada Município.*” (Vicente, 2011: 9). É uma aplicação do conceito de Turismo Cultural mais recente e de alguma forma mais adequada aos dias actuais. Segundo este autor, o país tem imensas potencialidades a nível de Património cultural como recurso turístico. Estas potencialidades não são de todo aproveitadas.

A definição do Turismo Cultural, apesar de poder ser feita através de diferentes visões da sua aplicação, do seu público, dos seus objectivos, entre outras coisas, é um tema que tem suscitado debate desde os seus primórdios. Actualmente o Turismo é das maiores oportunidades de negócio, e é sabido que o Turismo Cultural detém um crescimento em termos de volume de negócios, portanto a importância que é dada ao Património cultural tem felizmente sofrido uma progressão.

3.2. O perfil do turista cultural

A existência de um perfil socioeconómico com um carácter demasiado elitista foi o ponto de partida para a elaboração desta dissertação. “ (...) *Estrangeiros, nacionais com procura de relação aprofundada com o património do próprio país, rendimentos acima da média, com mais tempo e mais cultura, na sua maioria mulheres, jovens para experiências culturais intensas, (...) apelidam-no de turismo de qualidade.*” (Pérez, 1999: 10). Claramente não passa de um perfil percebido através de estatísticas e haverá com certeza outros tipos de turistas. Mas esta é a maioria, e é esta maioria que se pretende modificar, alterando os hábitos turísticos em geral. Isto não será desprovido de um efeito negativo: uma globalização e uma homogeneidade do Turismo Cultural serão mesmo benéficas? Muitos fruidores desses produtos são-no por se tratar de produtos não “globalizados”, o que poderá originar a perda desse público.

Podemos citar: “(...) *O turista com interesses culturais não procura apenas uma experiência aferida à viagem (...), gosta de confrontar a sua cultura com outras culturas. (...)*”(Figueira, 2007:16). No mesmo texto é acrescentado um perfil do turista cultural através de alguns itens caracterizadores, dos quais se destacam:

- É curioso pela obra humana e da natureza.
- Está disposto a esforçar-se para compreender o que lhe é mostrado.
- Aprecia o facto de poder adquirir mais conhecimento perante factos objectivos.
- Participa activamente no processo de visita.
- Está atento à beleza e à descrição técnica, valorizando a componente interpretativa.
- É actor interessado no processo interpretativo, sendo interrogativo, dialogante e crítico.
- É sensível e informado sobre as questões da salvaguarda do património.

Estes são os itens escolhidos e que se adequam ao nosso estudo. De facto podemos perceber que é um indivíduo informado. Infelizmente em Portugal este tipo de perfil tem uma amostra reduzida, e é essa amostra que pretendemos aumentar através de uma boa educação e formação quanto ao tema do Património desde o mais cedo possível.

4. Identificação de Património histórico-artístico neste estudo

Se entendermos que: “*O Património (...) é tudo o que os nossos antepassados e contemporâneos nos deixaram, o que significa todos os vestígios de intervenção humana que caracterizaram as sociedades do passado (...) e consideramos que devem ser necessariamente preservados para as gerações futuras porque representam a nossa cultura*” (Moura, 2011: 5), então este é um conceito adequado a esta dissertação e iremos utilizá-lo ao longo do texto, focando o estudo no ramo da História da Arte.

Tal como se verifica na definição de Turismo Cultural, o conceito de Património histórico-artístico possui diferentes versões segundo os autores e críticos. No entanto, para efectuar este estudo foi necessário proceder a uma definição própria e adequada daquilo que se pretendia. Com efeito, entendemos como “Património histórico-artístico” todos os assuntos que se referem à História da Arte directa ou indirectamente. Não focámos somente objectos pertencentes ao universo tradicional e académico da História da Arte, pois foi essencial enriquecer esse tema com outros elementos, para conseguir abranger um conjunto de assuntos relacionados não só com o tema de estudo mas também com o ambiente em que os alunos e a escola estão inseridos.

O nível de linguagem a utilizar na comunicação com os alunos deste nível de ensino obrigou-me a organizar uma terminologia que para eles fizesse sentido, assim como organizar os exemplos usados.

5. O estado da arte e o modelo educativo no ensino básico, 1º e 3º anos

5.1. Programa de Estudo do Meio

No manual de Estudo do Meio do 3ºano é possível ler: “*Chamamos a tua atenção para o respeito que devemos (...) aos diferentes costumes e tradições*” (Dinis, 2006: 3). Esta frase denota uma consciencialização da importância da cultura no currículo escolar. Alguns títulos apontam para a aprendizagem de assuntos ligados ao património histórico-artístico, tais como: “*À descoberta do passado*”, que afirma “*devemos estar todos atentos e preservar todo esse património*” (Dinis, 2006: 43), “*Vestígios do passado*” que estuda as construções e edificações passadas, “*A defesa do património local*” com um exercício didáctico em que os alunos elaboram um dossiê sobre a região, e “*o turismo do meio local*” que destaca a questão do desenvolvimento de um turismo de qualidade.

No entanto, a disciplina de Estudo do Meio do 1º ano não possui qualquer ponto de ensinamentos sobre o tema do Património ou das artes.

O 3º ano é portanto o ponto de partida para o estudo relacionado com o tema principal desta abordagem. Um ponto de partida que achámos lacunar e pouco específico, conseqüentemente foi nosso desafio testar e comprovar que este conteúdo pode e deve de ser modificado.

5.2. Educação artística

É óbvio que a Educação pela Arte promove o sentido crítico dos cidadãos e melhora a sua compreensão sobre a realidade sensitiva em que se integra.

A afirmação seguinte: *“É confiado ao estado português a promoção da democratização da cultura e ao sistema escolar a função essencial de contribuir para a compreensão e preservação do património, e a educação patrimonial é uma componente importante da Educação Artística em Portugal.”* (Moura, 2011: 2), resume a intenção da elaboração deste estudo, face ao enquadramento institucional.

Segundo este ponto de vista, estudar o Património deveria ser um objectivo definido, mas não o é. Para tal seria necessário que este tema fosse abordado mais cedo e de outra maneira, afirmação demonstrada através deste estudo. Não esqueçamos que mais do que uma abordagem artística, seria imprescindível aplicar-lhe as noções da História da Arte associada ao Património:

*“Na escola, a História da Arte deveria ter um papel essencial na descoberta do património, fazer amar as cidades e vilas pelas quais os seus habitantes só têm desprezo e desdém, por ignorância das riquezas tão variadas que possuem. (...) O nosso país (França), é visitado por quase oitenta milhões de turistas anuais, turistas atraídos pela França pelo seu património excepcional, mas no entanto tão negligenciado. (...) A história da arte ao serviço do nosso património e da nossa economia.”*². Em França, o ensino da História das artes está presente na primária,

² Extraído do discurso de Pierre ROSENBERG intitulado *“L'école apprend à lire et à écrire, elle n'apprend pas à voir”*, durante o colóquio *“l'enseignement de l'histoire de l'art à l'école”*, na Universidade da Sorbonne (Paris) a 21 de Setembro de 2009 (retirado de : www.latribunedelart.com)

embora de maneira seccionada, contrastando com o que acontece no ensino italiano, em que a arte e a História da Arte estão omnipresentes no currículo escolar. Este facto prende-se à reforma “Gentile”, implementada em 1923 (2º ano de poder de Mussolini) e que procurou a defesa do Património e da Cultura em termos nacionalistas. Os alunos que beneficiam deste tipo de ensino distinguem-se na fruição de produtos de Turismo Cultural.

Seguindo portanto esta sequência de ideias, o autor refere ainda sobre a arte: “(...) *Não somos naturalmente sensíveis a tal, nem o somos desde nascença, nem o somos sem um esforço, sem uma educação, sem um ensino.*”

Referindo a implementação de um sistema de ensino artístico, no ensino primário e secundário, no Brasil, e a pedagogia aplicada: “ (...) *O sistema educacional não exige notas em artes porque arte-educação é concebida como uma actividade, mas não como uma disciplina (...). Algumas escolas exigem em colocar notas a fim de colocar as artes num mesmo nível de importância com outras disciplinas; nestes casos, o professor deixa as crianças se auto-avaliarem ou as avalia a partir do interesse, do bom comportamento e da dedicação ao trabalho.*” (Barbosa, 1989: 172). Esta abordagem é uma ideia a ter em conta e poderia sem dúvida ser desenvolvida em Portugal.

A nível nacional assiste-se a um crescimento da importância do ensino artístico, interesse presente no documento do Ministério da Educação sobre Educação Artística³: “(...) *As artes são indispensáveis ao desenvolvimento global do ser humano*” e o objectivo é desenvolver a literacia artística dos alunos, numa óptica de exprimir a “*identidade nacional e facilitar o entendimento das tradições de outras culturas*”. No entanto, esta matéria continua a ser marginalizada em detrimento de outras disciplinas científicas e linguísticas.

Assiste-se igualmente a uma tendência em fazer da educação artística uma disciplina focada somente no desenho e na cópia, devido claramente à falta de formação dos docentes nessa área. Este caso obriga-me a expor a minha experiência enquanto aluna de outro tipo de ensino: na escola primária, no cantão de Genebra (Suíça), as disciplinas

³ in Currículo Nacional do Ensino Básico de 2011, p.155.

são dadas pelo mesmo docente, tal como sucede em Portugal, excepto as disciplinas de Educação Física e Desenho, que são leccionadas por docentes formados nessas áreas. A disciplina de desenho sendo mais abrangente em termos artísticos. A dúvida sobre a razão de tal desprezo em relação à educação artística no nosso país subsiste. Como resposta inversa, seria necessário *“encetar uma mudança no currículo de Educação Artística nos diversos níveis de ensino e visando a promoção da investigação nesta área científica e de uma política coerente de reforma educativa na sociedade portuguesa”* (Moura, 2011: 6).

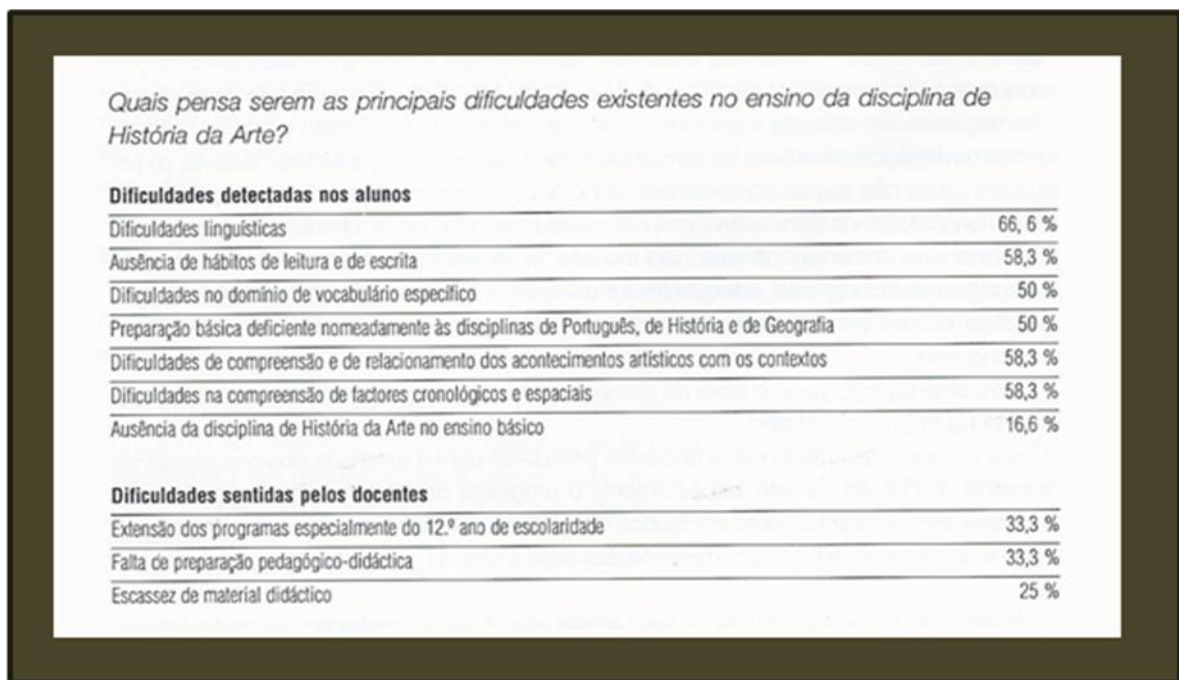
5.3. A História da Arte no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Elaboramos uma análise global ao ensino da História da Arte tendo como exemplo o ensino público corrente e não o ensino profissional ou especializado. No 3º ciclo do Ensino básico, os alunos contactam com a História da Arte através de uma abordagem ligeira, no contexto da disciplina de História. No 7º ano, estudam as manifestações artísticas pré-históricas em consonância com o período histórico leccionado. No 8º ano, o Renascimento, o Barroco e a arquitectura Pombalina fazem parte da matéria em estudo. No 9º ano, numa ligação das artes à literatura, os alunos abordam o Modernismo e o Abstraccionismo. Assistimos portanto ao estudo de algumas bases, embora contextualizadas na disciplina de História. Esse estudo carece obviamente da componente de interpretação da obra de arte, essencial no estudo artístico: *“A preocupação integradora dos acontecimentos artísticos no acontecimento histórico, de carácter mais lato, incorre no risco de ver as competências do foro artístico desvanecerem-se no meio de considerações eminentemente históricas. (...) Direcção-se a leccionação da disciplina para uma vertente que privilegia uma formação de carácter historicista, relegando para plano secundário a formação artística ou estética.”* (Lopes, 2004:17). A abordagem é sintetizada e superficial, tal como sucede no 1º ciclo com a disciplina de Estudo do Meio. O facto dos docentes da disciplina de História não estarem preparados em termos de formação artística, contribui para a

dificuldade em aprofundar da melhor maneira elementos fundamentais da História da Arte.

Felizmente “*é do conhecimento comum que diversas instituições têm levado a cabo esforços na dinamização de actividades que possam facilitar o aproximar dos jovens ao mundo artístico, salientando-se, entre outras, a Fundação Calouste Gulbenkian ou o Museu de Arte Antiga, em Lisboa, e a Fundação de Serralves, no Porto*” (Lopes, 2004: 24). No entanto, não é o suficiente, pois não abrange todas as crianças. Só uma minoria terá acesso a estas actividades, por vários factores externos, sendo o principal a falta de incentivo por parte dos pais.

Baseamo-nos nos dados de um inquérito que visa detectar as principais dificuldades existentes no ensino da disciplina de História da Arte, na opinião dos docentes, cujo quadro reproduzimos:



Quais pensa serem as principais dificuldades existentes no ensino da disciplina de História da Arte?

Dificuldades detectadas nos alunos	
Dificuldades linguísticas	66,6 %
Ausência de hábitos de leitura e de escrita	58,3 %
Dificuldades no domínio de vocabulário específico	50 %
Preparação básica deficiente nomeadamente às disciplinas de Português, de História e de Geografia	50 %
Dificuldades de compreensão e de relacionamento dos acontecimentos artísticos com os contextos	58,3 %
Dificuldades na compreensão de factores cronológicos e espaciais	58,3 %
Ausência da disciplina de História da Arte no ensino básico	16,6 %
Dificuldades sentidas pelos docentes	
Extensão dos programas especialmente do 12.º ano de escolaridade	33,3 %
Falta de preparação pedagógico-didáctica	33,3 %
Escassez de material didáctico	25 %

Figura 1: Quadro das principais dificuldades existentes no ensino da disciplina de História da Arte (Lopes, 2004: 29)

Apesar da importância concedida ao ensino da Língua Portuguesa, existe paradoxalmente uma dificuldade perceptível a nível linguístico e nos hábitos de leitura. A nossa proposta teria o efeito de baixar substancialmente a percentagem dos pontos

seguintes: dificuldade no domínio do vocabulário específico, dificuldade de compreensão e de relacionamento dos acontecimentos artísticos com os contextos, e ausência da disciplina de História da Arte no ensino básico.

Relembramos que o estudo relacionado com este quadro refere os alunos do ensino secundário, portanto com idades compreendidas geralmente entre os 15 anos e os 18 anos. Estes jovens são já potenciais turistas/excursionistas, mas continuam a ser uma minoria, devido ao facto do contacto com a disciplina de História da Arte fazer-se apenas nas áreas de formação artística. Será esta minoria, no entanto, que usufruirá doravante de uma sensibilização para as artes, e consequentemente, para o Património histórico-artístico. Sustentando a nossa proposta, este contacto deveria ser um direito comum a todos os alunos.

Assistimos portanto a uma constante subvalorização pelo ensino ligado às artes.

6. Arte e público infantil: pontos de contacto

Tem sido notório um crescimento do interesse em relação aos temas como a arte e o património, na sociedade em geral. Tal é reflectido na comunicação social. Tratando-se de temas que não são vulgarmente divulgados, esta novidade proporciona uma variedade de aplicações, incitando à criatividade e inovação. É o que tem vindo a acontecer nos meios de comunicação destinados às crianças: uma multitude de aplicações em programas televisivos, jogos de vídeo, brinquedos, jogos de mesa, etc. A televisão é no entanto o canal de transmissão mais usado pelos pais. É possível felizmente notar evocações ao Património nacional e internacional, a artistas, a museus, ao turismo; existindo igualmente programas de visitas guiadas, de ajuda à elaboração de certas experiências artísticas, de interpretação de obras de arte, entre muitos outros exemplos. Essa abordagem é transmitida de forma mais rigorosa ou mais divertida, umas mais adequadas, outras menos acertadas, quer na linguagem usada, quer no objectivo pretendido. Mas o facto de ter aberto esse caminho é sem dúvida um ponto positivo.

Claro que o papel dos pais não pode ser esquecido. Infelizmente só uma pequena minoria terá a sensibilidade de perceber o quão importante é a arte no desenvolvimento psicológico dos filhos. Como constatação do nosso trabalho de campo, registamos que a falta de informação/formação dos indivíduos é, muitas vezes um obstáculo para uma educação pela arte. A televisão, especialmente a pública, deveria ter um papel ainda mais activo neste domínio da educação dos nossos jovens.

A televisão é portanto hoje o veículo de informação mais importante desta faixa etária a que o estudo se dedica (5 a 10 anos), e isso é visível no reconhecimento de imagens, tais como a imagem da “*Leiteira*”, abordada nas aulas, que os alunos conhecem através da publicidade.



Figura 2: Programas televisivos infantis, destinados à Cultura ("*Panda Museus*", do Canal Panda, e "*Arte do Vinnie*", do canal Baby First") (imagens retiradas de www.google.com/imagens, acedido em 14/11/2011)

As figuras acima representam o exemplo de dois programas infantis dedicados à cultura, em que o primeiro ("*Panda Museus*", do canal Panda) se destina a visitas aos museus nacionais, e o segundo ("*Arte do Vinnie*", no Baby First) interpreta os quadros mais famosos. É uma tendência cada vez mais presente nos canais de televisão, o meio de comunicação com maior contacto com o público infantil e que necessita de conteúdos com maior enfoque cultural. A seguinte afirmação confirma a nossa opinião: "*Em resumo, a imagem, o filme e os processos audiovisuais acerca dos quais toda a*

pedagogia que se quer moderna nos martela os ouvidos, são auxiliares preciosos enquanto assistentes ou bengalas espirituais. (...)” (Piaget, 1976:110 *apud* Duborgel, 1992:184).

CAPÍTULO II

Trabalho de campo – turmas-piloto

*“Todas as grandes personagens
começaram por ser crianças, mas
poucas se recordam disso”*

Antoine de Saint-Exupéry

1. Caracterização das turmas de estudo e dos alunos

No trabalho de campo efectuado com três turmas, é importante ter em consideração vários aspectos, tanto para a aplicação das aulas como para a análise *a posteriori* das mesmas.

Turma de 1º ano (estudo efectuado em Outubro de 2011): 12 alunos, 8 rapazes e 4 raparigas, todos com 5 e 6 anos. Oito destes alunos residem no concelho de Constância, e quatro alunos residem fora do concelho, concretamente nos concelhos de Entroncamento, Vila Nova da Barquinha, Tomar e Abrantes. Estes últimos três no entanto residem a uma distância de um máximo de cinco quilómetros da vila de Constância. Onze alunos provêm do Jardim-de-Infância da mesma escola, portanto afirmamos que os alunos na sua totalidade estão em contacto directo com a realidade do território, ou seja, contactam diariamente com a vila de Constância, universo do nosso estudo.

Turma de 3º ano (pertencentes ao estudo efectuado em Junho de 2011): 9 alunos, 5 rapazes e 4 raparigas, de 8 e 9 anos, todos residentes no concelho de Constância. À semelhança da turma do 1º ano, estes alunos contactam diariamente com a realidade do território escolhido para a elaboração do estudo. Esta turma será mencionada neste texto com o ano 2010, pois pertence ao ano lectivo 2010/2011 e deste modo diferenciar-se-á da turma de 3º ano do ano lectivo 2011/12.

Turma de 3º ano (pertencentes ao estudo efectuado em Outubro de 2011): 17 alunos, 12 rapazes e 5 raparigas. Todos com 8 anos, excepto um aluno repetente com 10 anos de idade. Estes alunos residem todos no concelho de Constância. Mais uma vez, estes alunos estão em contacto permanente com o território escolhido para o estudo.

Deparamo-nos com um universo misto em termos de níveis socioeconómicos e de habilitações dos pais / encarregados de educação. A formação dos pais é essencial para determinar o ambiente familiar e as possíveis influências sobre o carácter e conhecimentos dos alunos.

2. Justificação para a escolha das turmas de estudo

É essencial conviver com o ambiente que se está a estudar. O universo de estudo baseou-se na Vila de Constância por diversos factores: tratar-se de uma localidade que vive essencialmente do turismo, pelo facto de ser o meu local de residência (proximidade funcional), e pelo facto de conhecer a vila nos seus recursos patrimoniais.

A escolha prendeu-se inicialmente e essencialmente ao 3º ano do ensino básico, pois é durante esse ano lectivo que os alunos têm o primeiro contacto com o património local através dos manuais escolares, nomeadamente através da disciplina de Estudo do Meio. A primeira fase de estudo foi elaborada com esses mesmos alunos. No entanto, decidi a título experimental efectuar a primeira abordagem do estudo (primeira aula sobre Introdução ao Património) com uma turma do jardim-de-infância. Contrariamente ao que se poderia prever, a abordagem foi muito bem aceite e a reacção dos alunos tendeu a ser positiva, tanto a nível de comportamento como a nível de entendimento. Portanto o estudo abriu-se igualmente ao 1º ano do ensino básico, numa finalidade de focar essencialmente o ensino primário, e não desviando o estudo para o ensino pré-primário.

3. Validade estatística do estudo

Optou-se por duas amostras, uma para cada nível de ensino (1º ano e 3º ano) correspondendo ao ano lectivo 2011/2012. No entanto acrescenta-se mais uma amostra derivada do primeiro estudo efectuado durante o ano lectivo 2010/2011.

Sendo assim, e recorrendo ao gráfico seguinte, pode afirmar-se que partindo de um universo composto por quatro turmas do 1º ano e duas turmas do 3º ano, no concelho de Constância, compondo um total de 51 alunos do 1º ano e 37 alunos do 3º ano, a percentagem estudada é de 33 %, adicionando a esta percentagem nove alunos da turma do 3º ano do ano lectivo 2010/2011. Conclui-se que nos termos deste estudo e segundo os objectivos pretendidos, se trata de uma amostra significativa, conferindo-lhe validade a nível de estatística. Optámos por usá-la na medida em que queríamos ilustrar o processo de obtenção destes dados que em nossa opinião, é também muito relevante. Essa relevância decorre da intervenção que fomos construindo entre as deduções que protagonizam a componente experimental do nosso estudo.



Figura 3: Universo de estudo (Elaboração própria)

4. Agrupamento de escolas de Constância

É necessário destacar que a concretização do trabalho de campo, feita em colaboração com o Agrupamento de escolas de Constância, decorreu de forma optimizada. Todos os intervenientes parecem ter percebido e assimilado a nossa proposta. A constatação desta situação foi muito útil para o desenvolvimento de todo o

trabalho visto que contribuiu em muito para se manter a motivação de todos. Esta abertura a propostas inovadoras tem sido o mote de distinção deste agrupamento escolar. Todo o concelho é influenciado por esta escola que, desde a sua construção em 1991, tem demonstrado uma forte presença a nível da comunidade e é bastante activa. Alunos e professores participam dinamicamente em acções culturais importantes para o concelho, tal como as Festas de Nossa Senhora da Boa Viagem (Páscoa) e as Pomonas Camonianas (10 de Junho).

O Agrupamento é composto por cinco escolas com Jardim-de-Infância e 1º ciclo: Portela, Malpique, Aldeia, Montalvo e Constância. O 2º ciclo e 3º ciclo funcionam nas instalações da Escola Luís de Camões, em Constância, sede de Agrupamento.

A Escola possui nas suas instalações uma biblioteca escolar (Biblioteca Carlos Cécio), oferece cursos de Educação e Formação de adultos desde 2008 e é vencedora de vários prémios nacionais (Ler+, EcoEscolas, etc.).

A escola beneficia de um factor que ajuda neste desenvolvimento positivo: apesar de ter quase setecentos alunos, funciona como uma instituição de proximidade, os alunos identificam-se completamente e a comunicação entre todos (pais/encarregados de educação, docentes, alunos, pessoal não-docente) funciona.



Figura 4: Escola Básica 1º ciclo e Jardim-de-Infância de Constância (à esquerda) e Escola Básica 2º e 3º ciclos Luís de Camões, sede do Agrupamento de Escolas de Constância (à direita)
(Fotos da Autora – Fevereiro de 2012)

CAPÍTULO III

Trabalho de campo – as aulas de Património histórico-artístico

*“A Escola ensina a ler e a escrever,
não ensina a ver”*

Pierre Rosenberg

1. Conteúdo das aulas teóricas e práticas

As aulas de “Património histórico-artístico” dividem-se em 6 sessões, com três aulas teóricas e três aulas práticas, seguindo um método próprio e adequado tanto a este tipo de estudo como à idade dos alunos, para uma melhor aprendizagem do tema. A aula teórica precede a aula prática que lhe é inerente. Em cada aula é apresentado um verbo, incitando para uma determinada acção pertencente ao tema do Património. Nas aulas seguintes o verbo da aula anterior é repetido, inculcando deste modo, com maior facilidade, esta abordagem teórico-prática.

A linguagem foi adaptada aos alunos segundo o nível de ensino. No entanto pretendeu-se aplicar termos técnicos, a fim de habituar os alunos a palavras que não estão habituados a ouvir, a ler ou a expressar. Mais uma vez optou-se pelo uso da repetição para que os alunos conseguissem memorizar da melhor forma e de maneira inconsciente.

As aulas teóricas têm uma duração média de sessenta minutos e as aulas práticas têm uma duração média de noventa minutos.

1.1. Introdução ao Património

1.1.1. Teórica

Nesta abordagem escolheu-se apresentar de maneira geral uma definição do conceito de Património histórico-artístico, pretendendo a criação de uma base de ideias para os

alunos que será aproveitada ao longo das outras aulas. Com efeito, na primeira aula teórica, procedemos à apresentação de alguns ícones “*multipatrimoniais*”, ou seja, partindo da ideia de património material e imaterial para que se percebesse a abrangência do tema. As imagens (*vide* Anexo 1.1.) são apresentadas uma a uma, em folhas de tamanho A4, partindo do património local e regional, para o património nacional e seguidamente para o património internacional, numa estratégia de alargamento do conhecimento e de escala, que eles ainda não dominam mas que, desta forma, já obtêm uma aproximação. O nosso conceito de “*ícones multipatrimoniais*” adequa-se à forma como queríamos transmitir esta ideia aos alunos. Assim organizámos um quadro com imagens (fotografias) conforme se descreveu anteriormente. As imagens apresentadas são as seguintes:

PATRIMÓNIO LOCAL E REGIONAL	Camões Varino Igreja Matriz	Literatura Tradições Arquitectura
PATRIMÓNIO NACIONAL	“O Fado” de José Malhoa Torre de Belém Castelo de Almourol Fernando Pessoa Templo de Diana	Pintura e tradições Arquitectura Arquitectura Literatura Arquitectura
PATRIMÓNIO MUNDIAL	“A Gioconda” de L. da Vinci Torre Eiffel (Paris) Arte rupestre Catedral “Notre-Dame” (Paris)	Pintura Arquitectura Pintura Arquitectura

Figura 5: Ícones “multipatrimoniais” apresentados aos alunos (Elaboração própria)

Após esta introdução, é-lhes pedido um pequeno exercício didáctico com a finalidade de perceber se o tema foi explícito assim como perceber o nível de interesse por parte dos alunos. Numa folha branca, de tamanho A4, efectuem um desenho livre sobre o

tema da aula a que assistiram. Deste modo são acrescentados a este estudo os resultados significativos destes exercícios didácticos (*vide* Anexo 2). O verbo inerente ao tema do Património histórico-artístico apresentado nesta aula é “*preservar*”, criando deste modo nos alunos a percepção da necessidade da preservação do Património, na expectativa de um futuro comportamento cívico correcto. Foi igualmente abordada a falta de preservação que se verificava outrora e as lacunas provenientes desses comportamentos.



Figura 6: Aula de Introdução ao Património histórico-artístico (Fotos da Autora)

1.1.1. Prática

Na mesma semana, os alunos visitam um local de carácter patrimonial. Neste caso escolheu-se a igreja Nossa Senhora dos Mártires, Matriz de Constância, sobretudo devido à sua riqueza patrimonial, à sua inserção no território em estudo e à sua proximidade do estabelecimento de ensino. O objectivo é inserir fisicamente as crianças “*in situ*” para uma melhor percepção e consciencialização de um objecto patrimonial. Com efeito pretende-se medir o interesse dos alunos e a sua capacidade de concentração em relação a um objecto temático de História da Arte. Percebemos deste modo a linguagem a adaptar para cada faixa etária. Os termos técnicos são no entanto empregues durante toda a visita. Tivemos em consideração a elaboração de um circuito de visita que permitisse aos alunos reterem a visualização do espaço ao mesmo tempo que, através do processo de apresentação/ interpretação desta obra de arte, compreendessem os vários significados que ela encerra e permite descobrir.

A visita é iniciada no exterior, tendo no verbo “*respeitar*” o ponto de partida, explicando a necessidade de ter um comportamento adequado em contexto de visita e em locais relacionados com o património (museus e edifícios religiosos, entre outros). Numa técnica semelhante à aula precedente, utilizamos várias imagens de vários edifícios de outras religiões (*vide* Anexo 1.2.): hindu, judeu, muçulmano, ortodoxo, budista e católico, de forma a sensibilizá-los para outras culturas e à importância de respeitá-las. A apresentação da igreja é iniciada com uma contextualização histórica. Em toda a visita são focados os elementos arquitectónicos, artísticos, estilísticos,

decorativos, conjugados com relatos tradicionais. No interior a visita é feita seguindo uma leitura de fácil compreensão para os alunos, como se demonstra com o seguinte esquema, usando para tal a planta da igreja:

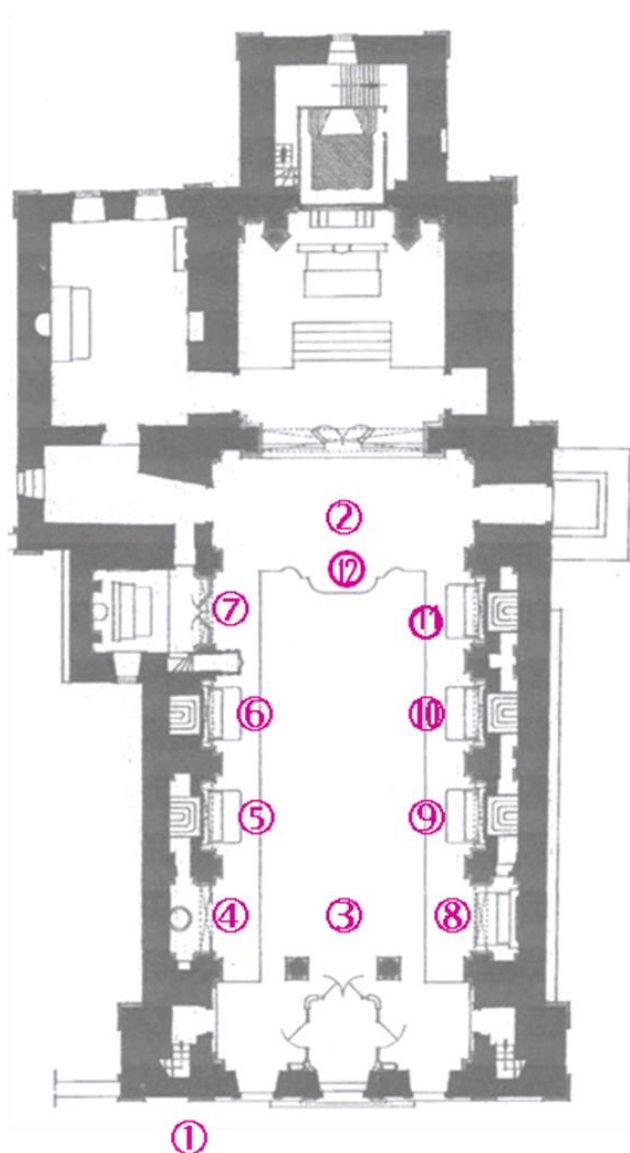


Figura 7 - Planta da igreja Matriz de Constância
(Fonte: Arquivo Municipal de Constância, 2007)
Circuito da visita (Elaboração própria)

1. Introdução à aula prática de Património histórico-artístico: apresentação do verbo “*respeitar*” e esclarecimento sobre o mesmo. Exposição de imagens relacionadas com outras religiões e os seus locais de culto. Contextualização histórica da igreja de Nossa Senhora dos Mártires, actual igreja Matriz: antiga Vila de Punhete, onde existia uma pequena capela com uma imagem milagrosa (inclusão de lenda, tradição oral), à qual faziam romarias desde o século

XIV. Esta torna-se pequena, e é iniciada a construção desta nova igreja no ano de 1680. Chamada de atenção para o relógio solar e para o cemitério. Descrição da fachada: maneirista, com torre sineira.

2. Entrada: pelo transepto do lado sul, devido ao facto de a entrada principal estar fechada fora de hora de culto. Relembrar o conceito aprendido nesta aula, de que é necessário respeitar os locais de visita. Após a fachada maneirista, um interior barroco, na sua composição estilística e na sua constituição arquitectónica.

3. Circuito interior: desde a porta até antes do nártex. Explicação dos termos nártex e nave. Explicação do passo seguinte: a apresentação detalhada de cada capela e altar laterais.

4. Pia baptismal: com tela representando o baptismo de Cristo. Breve e concisa explicação sobre o acto de baptizar.

5. Altar de Nossa Senhora da Boa Viagem: trata-se do altar com maior ligação às tradições locais, sendo a padroeira da Vila. Miniaturas de uma caravela (desperta entusiasmo nos alunos) e de um varino (mencionado na primeira aula). Evocar as festas anuais em louvor da padroeira e a procissão feita com o altar. Foi a última capela a ser concluída, a pedido dos marinheiros e pescadores da Vila.

6. Altar de Nossa Senhora da Piedade: explicar o contexto da representação escultórica. Estátuas de Miguel Arcanjo, São Francisco de Assis e São João Batista, com uma breve apresentação das figuras. Acrescentar o termo “mísula”.

Antes de seguir para a capela seguinte, chamada de atenção para o púlpito, com decoração rococó.

7. Capela do Cristo Rei: com estátua do Cristo Morto, neste momento ocultada. Tem uma tela representando a Última Ceia.

8. Segue-se na oblíqua deste último ponto à primeira capela do lado da Epístola: capela de Nossa Senhora da Conceição, com tela evocativa. Elucidação sobre os atributos usados para cada representação.

9. Altar de São Pedro e Santo António, com explicação dos atributos de cada um, ajudando assim os fiéis na percepção, dado que eram na sua maioria analfabetos.
10. Altar de Nossa Senhora do Rosário, com Santa Isabel e Santa Catarina: novamente destaque para as mísulas.
11. Altar do Sagrado Coração de Jesus, com Nossa Senhora de Fátima e São José: chamada de atenção para o mármore, material usado na construção de todos os altares e da igreja (colunas sobretudo).
12. Retorno até ao ponto inicial interior (ponto 2): os alunos sentam-se com o objectivo de ouvirem o resto da apresentação. É lembrado o termo “respeitar”, os estilos maneiristas, barroco e rococó, a composição do espaço (fachada, nártex, nave) e é acrescentada a explicação do altar-mor, com as imagens padroeiras da igreja, Nossa Senhora dos Mártires, Santa Basilissa e São João Batista. As marcas de fogueiras deixadas pelos soldados de Napoleão durante as invasões francesas de 1807 são outro ponto evidenciado.

Antes do término da visita, é apresentada a pintura no tecto da autoria de José Malhoa (cujo nome já tinha sido referido na aula anterior): uma alegoria onde está representada Nossa Senhora, a Vila de Constância em plano de fundo, e os rios Tejo e Zêzere personificados.

No final, os alunos apresentam as suas dúvidas, embora também o façam ao longo da visita. Este aspecto é muito relevante na formação das crianças.

Como habitualmente as populações usam as igrejas apenas como local de culto religioso, é importante focar o facto de ter havido uma tendência propositada para democratizar o local. De acordo com o princípio de acesso universal aos bens patrimoniais da Comunidade, de que é alvo esta igreja (Nossa Senhora dos Mártires, Matriz de Constância), provámos neste trabalho que há potencial no património sacro para outras funções que apenas as litúrgicas.

Os termos cronológicos foram mais frequentemente usados aquando da visita com os alunos do 3º ano, dado que está incluído no programa de Estudo do Meio. Todavia, tanto com o 1º ano como com o 3º ano, houve um cuidado para não exagerar na

transmissão de datas, que poderiam desviar a atenção e o interesse. Procedeu-se a uma explicação mais prática, de modo a entenderem, sobretudo com os alunos do 1º ano, que se trata de um edifício muito antigo.



Figura 8: Aula de Introdução ao Património histórico-artístico
Visita à igreja Matriz de Constância
(Fotos da Autora)

1.2. História da Pintura

1.2.1. Teórica

Nesta aula debruçamo-nos sobre a História da Pintura, desde a Pré-história ao século XX. O objectivo consiste em perceber qual o nível de literacia artística dos alunos, assim como avaliar o interesse dos mesmos em relação a este tema. A linguagem utilizada é simples, com tendência a elucidá-los sobre os estilos artísticos principais e a ordem de aparecimento, desde a arte rupestre às vanguardas. Após os verbos “preservar” e “respeitar”, esta aula tem como moto o verbo “conhecer”, explicando que para poder preservar e respeitar o património, é necessário conhecê-lo. À semelhança da

primeira aula, são mostradas imagens, com o auxílio de um computador ou de um projector. As obras apresentadas seguiram esta leitura cronológica:

c. 15000 a.C.	c. 1400 a.C.	1410	1434
			
Mãos em negativo	Bisonte	Cenas agrícolas	"Les Très Riches Heures du Duc de Berry", Irmãos Limbourg
Paleolítico Superior	Paleolítico Superior	Túmulo de Menna	França
Tintas orgânicas	Grutas de Altamira (Espanha)	Egipto	Iluminura Gótico Internacional
Primeira manifestação artística	Tintas orgânicas	Tintas orgânicas	Vida quotidiana
	Pinturas rupestres representando animais, relacionadas com o culto da caça	Vida quotidiana	"O Casamento dos Arnolfini", Jan Van Eyck
			Flandres
			Óleo Renascimento flamengo
			Vida quotidiana

1495	1658	1766	1857	1876
				
"Última Ceia", L. da Vinci	"A Leiteira", J. Vermeer	"O Baloço", J.-H. Fragonard	"As Respigadeiras", J.-F. Millet	"O Baile no Moulin de la Galette", P.-A. Renoir
Itália	Flandres	França	França	França
Têmpera Renascimento	Óleo Barroco	Óleo Rococó	Óleo Realismo	Óleo Impressionismo
Cena religiosa	Vida quotidiana	Cena de género	Vida quotidiana	

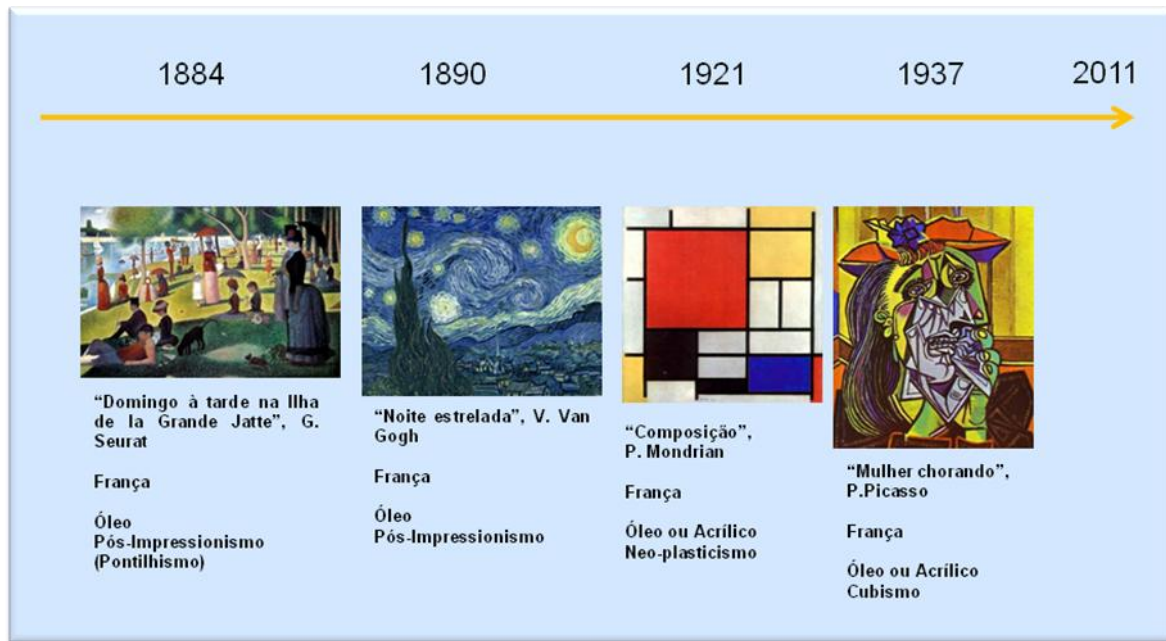


Figura 9: Quadro cronológico de História da Pintura
(Elaboração própria com uso de imagens retiradas de www.google.com/imagens, acessido em 25/05/2011)

Cada obra é interpretada e seguidamente comentada pelos alunos. Os nomes dos autores e o nome de cada obra são sempre evidenciados. É feita uma contextualização para cada imagem. São abordados os diferentes temas de maneira adequada, perceptível e clara. São focados os principais momentos de viragem que influenciaram as artes plásticas (novos materiais, fotografia, etc.). As obras foram escolhidas segundo a sua relevância (serão certamente reconhecidas pelos alunos), numa tentativa de combinar várias temáticas e autores mais famosos.

Numa visão de longo prazo, pretende-se a preparação dos alunos para a leitura de obras de arte e uma visão mais alargada da manifestação artística.

1.2.2. Prática

Após a aula teórica, na mesma semana é apresentada a aula prática, com uma componente didáctica e inovadora no sentido de ir à génese do que é a técnica artística para o exercício da pintura. Tendo em conta que os alunos já possuem certos conhecimentos sobre os materiais a utilizar, direccionámos a aula para o fabrico das tintas que usam ordinariamente nas aulas e em casa. É importante os alunos perceberem de que modo eram fabricadas antes da industrialização, nas épocas às quais pertencem os quadros visualizados na aula anterior. Seguiu-se um método próprio, com uma lista de materiais e os passos a seguir, em que os alunos estão a pintar e a ouvir as explicações entre cada exercício didáctico. Deste modo, “pôr a mão na massa” contribui para uma didáctica diferente, estimula a criatividade e o processo de interesse pelo tema. O conceito do dia é “*saber fazer*”.

Fabrico de tintas		
AGUARELA - Água - Pigmentos em pó	ACRÍLICO - Água - Cola - Pigmentos em pó	ÓLEO - Óleo de linhaça - Pigmentos em pó
		

Figura 10: Materiais usados para o fabrico das tintas conforme cada técnica (Elaboração própria)

A turma de 3º ano, do ano lectivo 2010-2011, teve a oportunidade de pintar uma tela em conjunto, deixando deste modo livre curso à imaginação de cada um, fomentando a partilha e memorizando os ensinamentos desta aula prática de História da Pintura.

1.3. História do Azulejo

1.3.1. Teórica

O Turismo cultural está interligado com o património histórico-artístico. Estes alunos estão a criar uma sensibilidade ao tema, e decerto que serão mais tarde turistas/excursionistas mais atentos, embora o possam ser de maneira inconsciente. Consequentemente é indispensável que percebam a importância do Património nacional para o Turismo cultural em Portugal e sejam sensibilizados para tal facto. Com esta aula, pretendeu-se comprovar que Portugal é rico em património característico e tradicional, aspecto que favorece o país do ponto de vista da originalidade e atrai os turistas estrangeiros. Escolheu-se portanto uma manifestação artística específica portuguesa: o azulejo, que se associou ao último verbo relacionado com o tema do estudo, “*cuidar*”.



Figura 11: Imagens apresentadas aos alunos sobre a História do Azulejo (Elaboração própria com imagens retiradas de www.google.com/imagens, acedido em 25/05/2011)

As imagens, visualizadas através do computador ou de um projector, ilustram a História da arte azulejar em Portugal, desde a sua introdução até ao início do século XX. São abordados os vários estilos e temáticas. Os termos técnicos continuam a ser aplicados, nomeadamente no que concerne as técnicas pictóricas aquando do fabrico dos azulejos.



Figura 12: Aula de História do Azulejo (teórica)
(Foto da Autora)

1.3.2. Prática

Nesta última aula de Património histórico-artístico, no âmbito do estudo “Educação para o Património histórico-artístico para os alunos do Ensino básico”, é apresentado o fabrico do azulejo, quando este é fabricado à mão. Para tal, escolheu-se um especialista nessa área e tivemos a colaboração do Dr. Ricardo Triães, Mestre e docente do Departamento de Arqueologia, Conservação e Restauro e Património, da Escola Superior de Tecnologia de Tomar (IPT). Foi acompanhado de uma maleta pedagógica com a qual explicou aos alunos o processo de fabrico dos azulejos, desde a matéria-prima, o barro, até à pintura com tinta específica. A maleta pedagógica foi elaborada pelos alunos do curso de licenciatura em Conservação e Restauro, da Escola Superior de Tecnologia de Tomar (IPT), mas nunca foi utilizada em contexto real e/ou de estudo. A arte azulejar é um tema desconhecido do universo das crianças que nunca foram despertados para esse Património tão valioso e tipicamente nacional. O objectivo pretendia desenvolver um diálogo com elas sobre algo que desconheciam até à aula de História do Azulejo, e medir o interesse em relação a este novo tema. No final da aula, é pedido aos alunos a elaboração de um exercício didáctico: colorir um padrão de azulejo

numa folha que lhes é distribuída, recortar esse “azulejo”, e no final criar um painel com todos os azulejos. A exposição do painel no hall da escola é um factor importante para que as crianças percebam que criaram algo de diferente, e para os pais é essencial perceberem que as aulas não foram em vão, e que foi elaborado algo de útil para o desenvolvimento dos conhecimentos culturais dos seus filhos/educandos. Com os alunos da turma de 3ºano do ano lectivo anterior, o exercício elaborado foi a pintura de um azulejo. Dado o número reduzido de alunos, tal investimento foi possível, e puderam assim levar uma recordação das aulas de Património histórico-artístico para casa.



Figura 13: Aula de História do Azulejo (prática) com Dr. Ricardo Triães (Fotos da Autora)

2. Análise às aulas

Para a elaboração deste estudo é necessário proceder à análise das aulas efectuadas. As aulas estão divididas por temas, portanto as análises têm de referir cada aula de forma independente, pois os alunos não reagem da mesma maneira aos vários temas abordados. Para o Seminário “*Turismo Cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino básico*” (vide Capítulo V, 5) foi elaborada uma apresentação cujos diapositivos utilizamos neste texto, como síntese.

- **Introdução ao Património - teórica**

Os alunos apresentaram-se curiosos com as aulas de “Património histórico-artístico”. Uma aula diferente é sempre motivo de interesse para eles. Com a apresentação da palavra “Património”, alguns alunos afirmaram já a conhecer ou já a ter ouvido. Existia portanto um reconhecimento relativamente à palavra enquanto vocábulo, e não quanto à sua definição. A palavra foi maioritariamente ouvida na televisão.



Figura 14: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo Cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico” de 27.10.2011 – Aula nº1 (Elaboração própria)

Resolvemos usar imagens, as quais chamamos de ícones “*multipatrimoniais*” para definir de maneira mais clara a palavra “Património”. Essa solução revelou-se muito interessante pois os alunos memorizam mais facilmente a matéria se esta estiver acompanhada de imagens mostradas em simultâneo. Os alunos reconhecem as imagens, há portanto um reconhecimento visual. Em alguns casos reconhecem o nome e atribuíram-lhe a imagem, como no caso da Torre Eiffel, de Camões e da igreja Matriz de Constância. Isto deve-se essencialmente ao conhecimento que estes alunos já

possuem relativamente ao território onde residem (no caso de Camões e da igreja Matriz) e obviamente será difícil obter este reconhecimento numa outra localidade a nível nacional (as aulas deverão ser ajustadas consoante a localidade). A Torre Eiffel por si só é um ícone com uma incalculável visibilidade e que surge em muitos desenhos animados, filmes, documentários, etc. Daí a ligação ao “mundo” infantil e consequentemente o seu reconhecimento por parte, sobretudo, dos alunos do 1º ano. Para a Catedral de Notre-Dame, foi feito um paralelo com o filme de animação “*O Corcunda de Notre-Dame*” (Disney), mais uma vez na tentativa de ligação entre o mundo infantil e o mundo do património e das artes. Os alunos sabem o que é o Fado, e conjuntamente com o varino, a Torre de Belém, o Templo de Diana e as pinturas rupestres foram dadas umas explicações usando uma contextualização histórica breve.

O facto de acrescentar uma descrição para cada imagem aumenta ainda mais a curiosidade dos alunos e a expectativa quanto ao resto das aulas. No final, com o exercício didáctico percebeu-se qual o exemplo mais apreciado de cada um, ajudando também na memorização da definição de “Património”, seguindo a nossa ligação à História da Arte. O exercício foi muito bem recebido.



Figura 15: Elaboração do exercício didáctico pelos alunos do 3º ano (2010) durante a aula de Introdução ao Património (Fotos da Autora)

O tratamento artístico/criativo revela no entanto uma fragilidade: os alunos estão demasiado presos aos desenhos que lhes é pedido fazer normalmente em sala de aula: desenhos com técnica e materiais impostos, uso de cores de acordo com a realidade,

desenhos para preencher segundo os contornos e sem ultrapassar esses mesmos contornos, a proibição do uso da cor preta, etc. Está provado que tais regras comprometem a expressão criativa, que está no seu auge na pequena infância, bloqueando assim qualquer tipo de criatividade no futuro e mesmo a sua perda (foi-nos possível observar esses factos durante as aulas, desde o Jardim-de-Infância até ao 3º ano do 1º ciclo, em que lhes são impostas regras para cumprir que não fazem qualquer sentido a nível de expressão plástica). Nos alunos do 3ºano, por exemplo, denotou-se uma falta de aptidão e criatividade ao nível da execução do desenho, quando postos em comparação com os alunos do 1º ano.

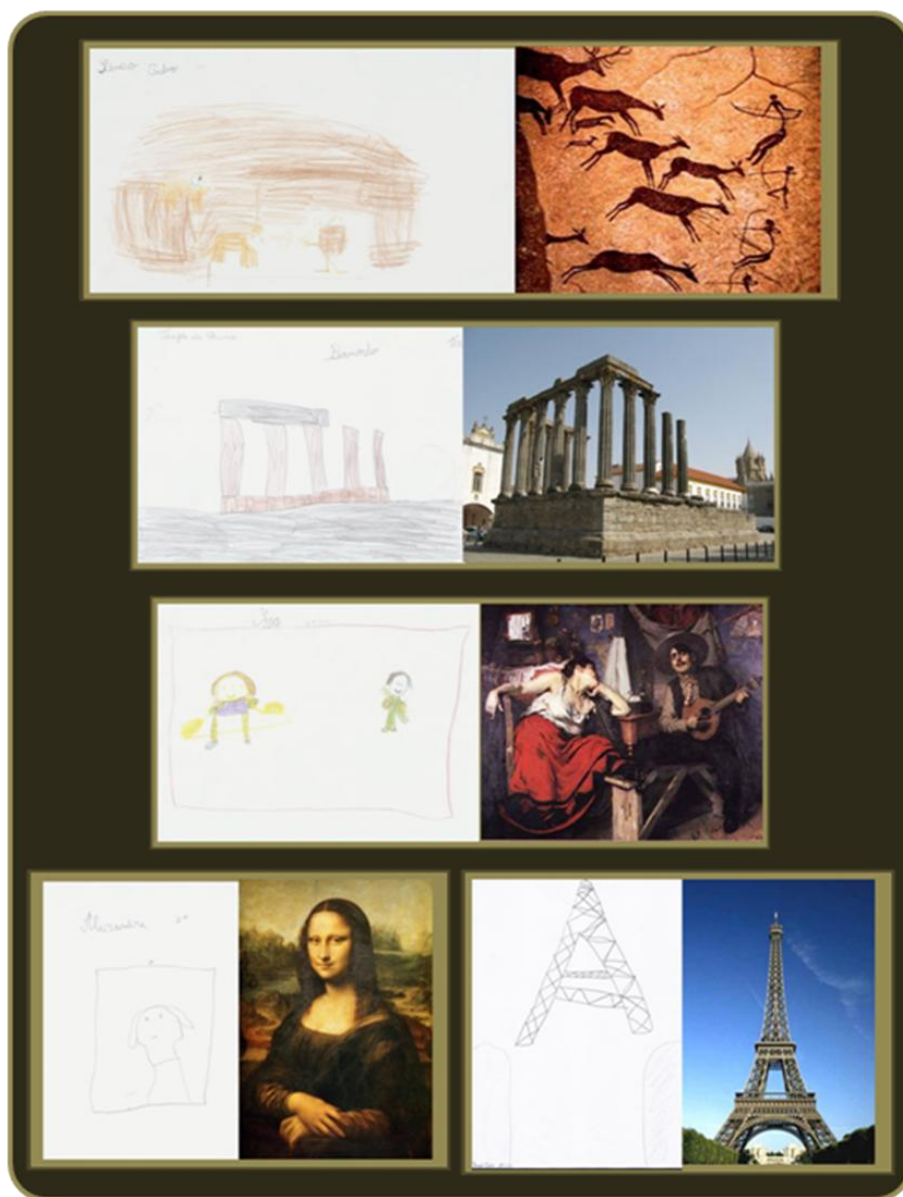


Figura 16: Exemplo de resultados do exercício didáctico elaborado pelos alunos dos 1º e 3º anos (Elaboração própria)

Em conclusão, os desenhos elaborados são simples e explícitos na interpretação que fizeram dos ícones apresentados (*vide* Anexo 2).

- **Introdução ao Património – prática (visita-guiada)**

O termo “*respeitar*” foi o mote de partida para esta aula, e o facto de lhes apresentar locais de culto de outras religiões foi para eles um começo muito interessante, pois não têm essa bagagem cultural, por não contactarem, ou raramente, com pessoas de outras religiões. Mostraram uma grande admiração pelas construções que lhes foram apresentadas (*vide* Anexo 1.2.). Mas a palavra “*respeitar*” também foi importante no sentido de os preparar para a entrada e permanência na igreja, com o devido comportamento. A maioria entendeu aquilo que lhes foi pedido, relembrando-o aos colegas durante a visita.

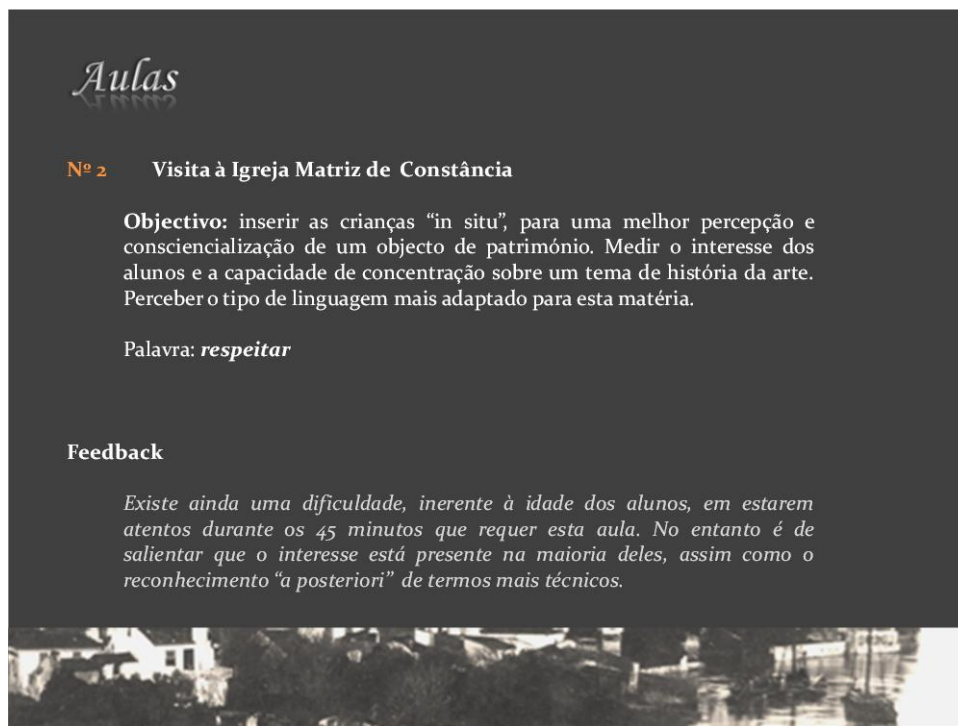


Figura 17: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico” de 27.10.2011 – Aula nº2 (Elaboração própria)

Os alunos ainda não estão habituados a fazer visitas-guiadas em contexto de estudo com a turma, o que trouxe uma dificuldade acrescida em conseguir ter uma atenção total por parte deles. O comportamento de alguns alunos também compromete o desenrolar da visita. No entanto, a esse nível, é de salientar que os alunos do 1º ano demonstraram maior atenção e curiosidade durante todo o circuito. Podemos afirmar que, maioritariamente, existe interesse e curiosidade, interesse esse que foi crescendo com o decorrer da visita. Os alunos gostaram sobretudo de conhecer as vidas dos santos e as explicações sobre os seus atributos. Interessaram-se também sobre o altar da padroeira da Vila (Nossa Senhora da Boa Viagem), o qual também foi explicado ao pormenor por haver nesse mesmo altar um varino, um dos objectos apresentados durante a primeira aula. A pintura de José Malhoa foi o foco de maior interesse das turmas, e a personificação dos rios foi acertada, surpreendentemente, pelos alunos das três turmas de estudo. Este facto permite afirmar que as crianças nesta faixa etária possuem um sentido crítico e uma sensibilidade mais acentuados do que a maioria dos adultos, se forem estimulados para tal.



Figura 18: Turmas de 1º e 3º anos durante a visita-guiada à igreja Matriz (Fotos da Autora)

No início e no final da visita, optámos por sentar os alunos no chão. Este procedimento constitui um ponto de ligação mais forte, criando uma maior cumplicidade, e assim uma maior concentração e interesse por parte dos alunos. É uma prática cada vez mais usada, um registo informal que foge da usual rigidez no espaço pedagógico e que é perfeitamente adaptável a certas situações.

Os termos técnicos foram mantidos. Para as crianças não são mais complicados, desde que exista uma explicação para cada um e uma imagem à qual os podem ligar. É importante aproveitar termos com sonoridades que causem maior impacto nos alunos, tais como “nave” e “rococó”, entre outros, que memorizaram facilmente.

- **História da Pintura – teórica**

A aula de História da Pintura tinha por objectivo apresentar aos alunos uma breve cronologia com as obras mais emblemáticas da História da Pintura, e que se adequassem na percepção que eles teriam de uma evolução na expressão artística ao longo dos tempos. Os alunos estiveram muito interessados pelo tema durante a aula inteira. Reconheceram algumas obras (“*Última Ceia*” e “*A Leiteira*”), sem no entanto saber nomeá-las, ou reconheceram o nome de alguns artistas (Picasso, da Vinci, e Van Gogh), à semelhança do que aconteceu durante a apresentação dos ícones “*multipatrimoniais*” da aula teórica de Introdução ao Património. É feito muitas vezes um paralelo com os processos criativos que eles usam (por exemplo as mãos em negativo ou positivo que são, geralmente, as primeiras manifestações criativas que elaboram na creche ou no Jardim-de-Infância, tal como terá sido a primeira manifestação artística do Homem), assim como a explicação de técnicas e tintas usadas pelos artistas nas suas obras. Perceberam perfeitamente a cronologia que aplicámos no quadro da sala de aula, e em que a data de cada obra é inscrita durante a apresentação da mesma. Os próprios alunos chegam à conclusão, e verbalizam-no, que a arte vai mudando devagar, mas que a partir de um certo período (séc. XIX), as mudanças são mais rápidas. Os alunos gostam de repetir o nome das obras, dos seus autores e dos estilos. Memorizam facilmente o nome das obras, sobretudo aquelas que apreciam mais (a nível visual). Interpretam muito facilmente e correctamente cada obra pictórica, com tendência em reparar em todos os detalhes presentes nos quadros.

Tanto os alunos do 3º ano (2010), como os alunos do 1º ano, souberam responder correctamente quando lhes foi perguntado qual teria sido a invenção que viria a revolucionar a Pintura no sentido de já não existir a prioridade de pintar consoante a realidade, ao dizer que se tratava da Fotografia.

A diferença perceptível entre os alunos dos 1º e 3º anos está na atenção que os alunos do 1º ano demonstram pelos detalhes e sobretudo pelo uso das cores. Outro ponto a mencionar: ambas a turmas não demonstraram a relutância preconceituosa que é demonstrada geralmente pelo público adulto sem formação artística quanto às obras de arte moderna.

Esta aula permitiu perceber que os alunos do ensino básico, e desde o 1º ano, estão aptos e têm capacidade e sensibilidade para a leitura e a interpretação das obras de arte.



Aulas

Nº 3 Introdução à História da Pintura, com cronologia

Objectivo: medir os conhecimentos e interesse dos alunos, assim como elucidá-los sobre a ordem do aparecimento dos estilos, desde a Pré-História às vanguardas.

Palavra: *conhecer*

Feedback

Notou-se um grande interesse por parte dos alunos nesta aula, devido sobretudo ao desconhecimento do tema. Identificam-se no entanto com algumas imagens que detêm uma maior difusão (Mona Lisa, a Leiteira) e identificam alguns nomes de autores (Leonardo da Vinci, Picasso).

Figura 19: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico” de 27.10.2011 – Aula nº3 (Elaboração própria)

- **História da Pintura – prática (fabrico de tintas)**

Usámos esta abordagem prática num objectivo de deixar às crianças uma total liberdade de expressão após a visualização de obras de arte pertencentes à aula teórica de História da Pintura. Era importante proceder ao manuseamento das tintas, num exemplo prático, mas ainda mais importante e interessante é aprenderem o fabrico dessas mesmas tintas (que usam frequentemente em contexto de aulas), trazendo deste modo um novo conhecimento aliado a esta componente lúdica.



Figura 20: Aula prática de História da Pintura com os alunos dos 1º e 3º anos (Fotos da Autora)

Os alunos revelaram-se muito interessados, atentos e curiosos com os processos e com os materiais usados. Perceberam e respeitaram as regras e os passos a seguir de maneira natural, sem qualquer tipo de problemas ao nível do comportamento. Comprovámos que os materiais e o processo são adequados para estas idades (dos 5 aos 9 anos). A aula é feita por etapas, mostrando-lhes como é fabricada cada tinta, processo

que reproduzem de seguida. Usam a tinta fabricada num pequeno desenho livre elaborado em papel de tamanho A4. Os alunos fazem-no com entusiasmo e a maioria retratou algo que estivesse em concordância com o tema do Património (castelos, barcos) mas também tendo como influência a aula anterior, reproduzindo as primeiras manifestações artísticas (mãos). Os alunos referiram e perceberam as diferenças na textura das tintas fabricadas.



Figura 21: Um dos desenhos elaborados pelos alunos do 3º ano (2010) durante a aula prática de História da Pintura (Fotos da Autora)

Os alunos do 3º ano (2010) pintaram uma tela colectiva com os restos das tintas que fabricaram e que não foram usados nos seus desenhos. Devido a uma maior dificuldade em termos financeiros, não nos foi possível desenvolver o mesmo exercício com as outras duas turmas.



Figura 22: Tela elaborada pelos alunos do 3º ano (2010) durante a aula prática de História da Pintura (Fotos da autora)



Figura 23: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico” de 27.10.2011 – Aula nº4 (Elaboração própria)

- **História do Azulejo – teórica**

Trata-se aqui da apresentação de um tema que os alunos desconhecem totalmente. Não esquecendo o mote base deste estudo e deste mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural, foi primordial darmos aos alunos um pequeno esclarecimento sobre o Turismo em geral, e sobre o Turismo Cultural em particular: os turistas vêm a Portugal pelas ofertas que o país possui e que eles não têm no seu país de origem. A arte azulejar é uma delas. Com esta breve abordagem contextualizou-se o azulejo e demonstrou-se a importância de uma manifestação artística típica nacional para o sector cultural e turístico.

A palavra “azulejo” é desconhecida para a grande maioria. Alguns sabem de que objecto se trata e referem-se a ele apenas como “*uma coisa que se mete nas paredes da cozinha e da casa de banho*”, não havendo portanto ligação artística ou cultural. No

entanto aproveitámos para explicar que o azulejo serve, com efeito, a proteger as paredes e todas as superfícies onde ele é aplicado, na sua generalidade.



Figura 24: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico” de 27.10.2011 – Aula nº5 (Elaboração própria)

Foram apresentadas imagens aos alunos (segundo o mesmo método das aulas teóricas anteriores) que ilustram a História do Azulejo em Portugal, numa síntese entre as técnicas e os estilos mais importantes. À semelhança de outras aulas, pretendeu-se usar os termos técnicos, que os alunos assimilaram facilmente (contrariando mais uma vez certas ideias contrárias), tais como as técnicas de corda-seca, aresta e majólica. O painel “*Panorama de Lisboa*” despertou neles um grande interesse. Foi feito mais um paralelo com o mundo infantil explicando que os azulejos dos painéis são juntados como se de um *puzzle* se tratasse. O painel “*O Casamento da Galinha*” teve o impacto já esperado, dado o seu lado mais divertido que funciona nas crianças para quebrar o ambiente mais sério da aula e acrescentar um aspecto engraçado que os ajudará na memorização. Podemos afirmar que estes alunos ficaram realmente sensibilizados e irão

certamente olhar os azulejos de outra maneira. Foram informados dos locais que podiam visitar na Vila de Constância e onde podiam ver azulejos: igreja da Misericórdia, Capela da Quinta de Santa Bárbara, fontanários, entre outros. Os alunos pediram que fosse efectuada com eles uma visita ao Museu Nacional do Azulejo.

Esta apresentação, com o uso de termos técnicos, preparou os alunos para a aula prática seguinte.

- **História do Azulejo – prática**

A aula, que contou com a participação do professor Ricardo Triães, teve uma repercussão muito grande nos alunos. Os alunos demonstraram um interesse constante e um comportamento irrepreensível. Ouviram com atenção as explicações do Professor Ricardo Triães sobre o fabrico do azulejo e as recomendações para a elaboração do exercício didáctico. Tendo em conta que já tinham ouvido na aula anterior certos termos e aprendido certos aspectos relacionados com a temática do fabrico do azulejo, a aula decorreu mais facilmente, sem ser necessária uma explicação mais detalhada. Além de permitir ganhar tempo para a elaboração do exercício, este facto contribuiu para que os alunos se sentissem mais confiantes perante novos dados e se pudessem concentrar em outros novos termos.



Figura 25: Alunos do 3º ano (2010 e 2011, respectivamente) perante as explicações do Professor Ricardo Triães (fotos da Autora)

É de salientar que os alunos demonstraram alguns conhecimentos que não seriam esperados nesta faixa etária, tais como saberem o que é o barro e a sua composição principal: “o barro é feito de rochas”. Os materiais e as técnicas usados e explicados, aliados à elaboração de um azulejo de aresta durante a aula sob o olhar atento dos alunos, é uma metodologia que se revelou acertada e que contribuiu para o sucesso desta aula, na mesma linha metodológica das outras aulas.

Os alunos (nesta faixa etária sobretudo, mas é um facto para qualquer idade) necessitam de resultados palpáveis, ou seja, de interligar a teoria com a prática. Os alunos do 3º ano (2010) pintaram um azulejo individualmente que levaram para casa como lembrança. Dado o número mais elevado de alunos dos 1º e 3º anos não nos foi possível efectuar com eles o mesmo exercício. Optámos então por simulações de um azulejo em suporte de papel, com o mesmo padrão, que cada um pôde pintar com lápis de cor. Após a recolha de todos os azulejos, foi formado um painel com os mesmos no hall da escola. O painel das aulas de Património histórico-artístico ficou exposto durante uma semana, para que alunos e pais/encarregados de educação pudessem ver um dos resultados das aulas. O facto de ter procedido à exposição de um trabalho executado em conjunto com as três turmas (1º ano, 3º ano e actual 4º ano) salienta a importância de certos valores (trabalho em equipa para resultado conjunto) e promove igualmente o sentido de exibição de um trabalho por eles elaborado.



Figura 27: Aluna do 3º ano durante o exercício didáctico sobre a História do Azulejo (Foto da Autora)



Figura 26: Professor Ricardo Triães frente ao painel de azulejos elaborado pelos alunos (Foto da Autora)

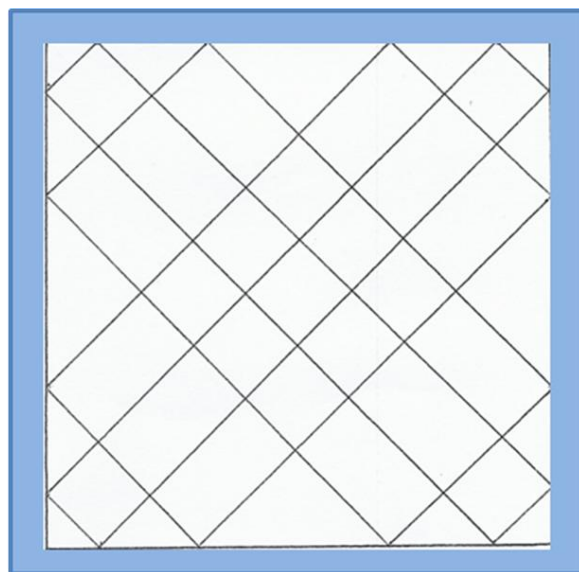


Figura 28: Padrão do azulejo usado na elaboração do painel, a preencher pelos alunos individualmente a lápis de cor (Elaboração própria)

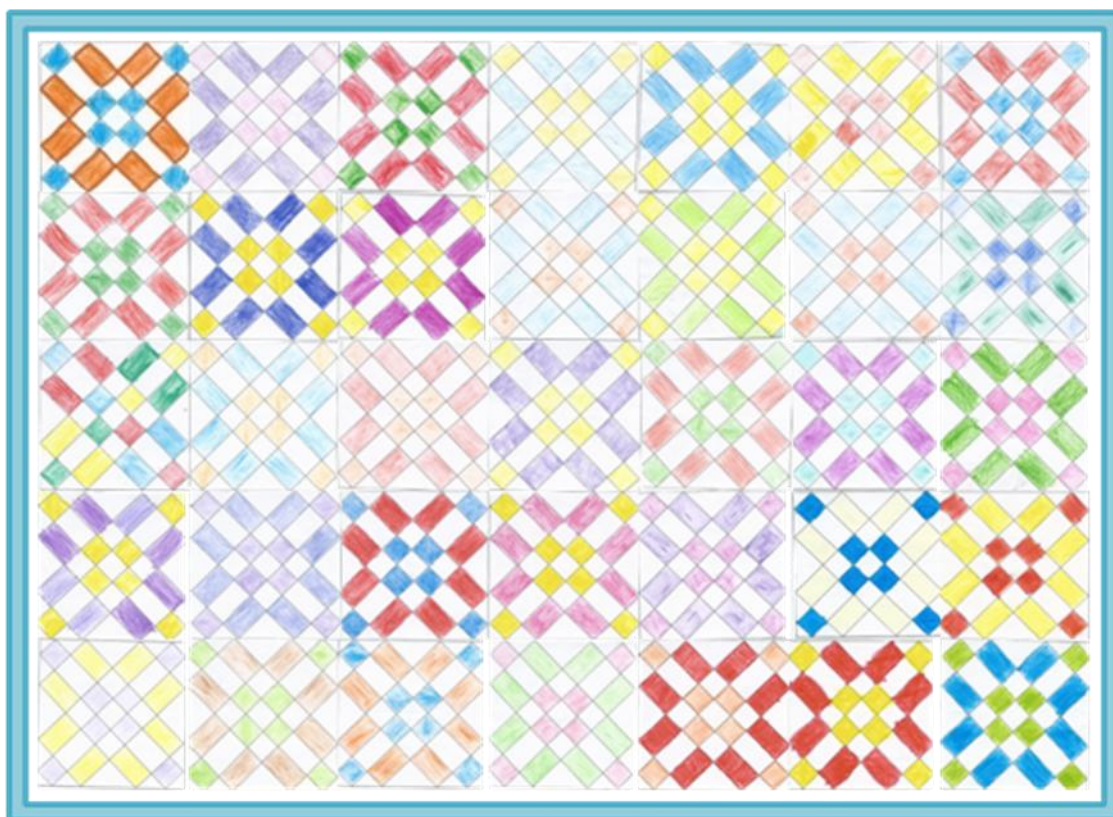


Figura 29: Resultado final do painel de azulejos elaborado pelos alunos (Elaboração própria)

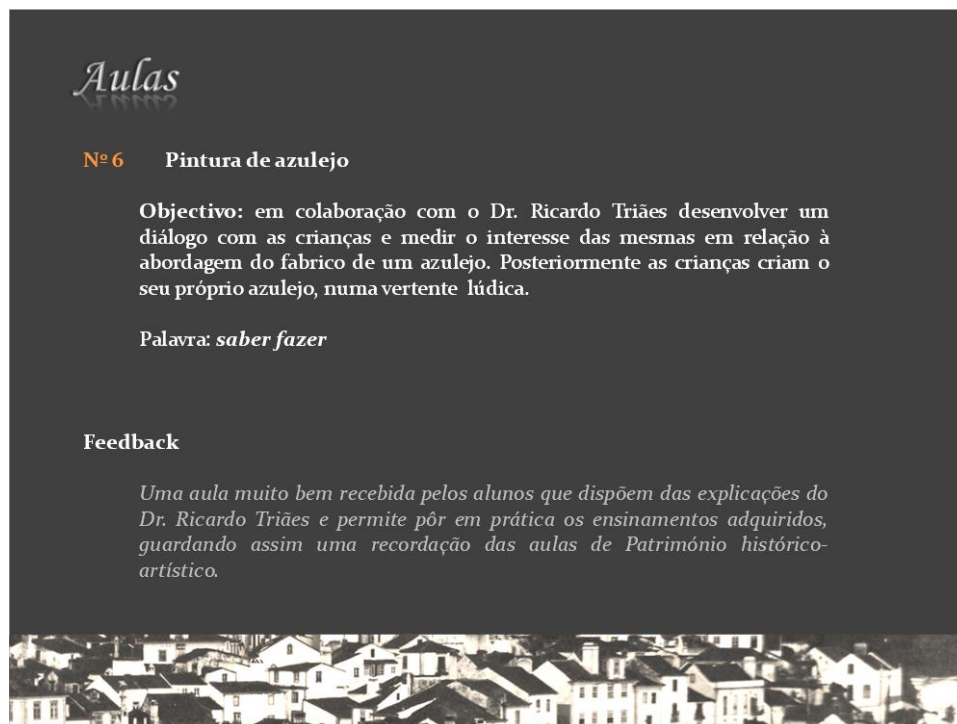


Figura 30: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico” de 27.10.2011 – Aula nº6 (Elaboração própria)

- **Feedback geral**

O interesse dos alunos é uma constante durante as aulas. Eles mostram-se curiosos e atentos ao tema. Os conhecimentos que eles possuem são demasiado subvalorizados. Adquiriram novos conhecimentos, souberam memorizá-los e ficaram sensibilizados para o tema.

Notou-se uma divulgação das aulas entre os alunos, pois os alunos da turma do 2ºano pediram para ter acesso às aulas de Património histórico-artístico.

No final das aulas, após o preenchimento dos questionários (*vide* Anexo 4), foi entregue aos alunos um diploma de participação (*Vide* Anexo 5).

3. Comentário global aos resultados obtidos no trabalho de campo

3.1. Feedback dos docentes e pais/encarregados de educação

Numa conversa informal, uma das docentes confidenciou que estava bastante céptica quando lhe foi apresentada esta iniciativa, não achando o tema interessante assim como duvidava do interesse dos alunos pelas aulas. No entanto ficou agradavelmente surpreendida com o impacte das aulas sobre os alunos e o interesse que revelavam ter quanto aos assuntos tratados. Usamos a terminologia inglesa “*feedback*” por ser o termo que explicita mais directamente o impacte da acção sobre os intervenientes.

A maioria dos pais/encarregados de educação transmitiram sempre interesse quanto ao estudo. Relataram as conversas com os filhos em relação às aulas dadas e assim puderam perceber que era um tema que suscitava grande interesse nos alunos, assim como uma facilidade em aprender e transmitir, em casa, os conhecimentos aprendidos durante as aulas. Este facto demonstra que ficaram claramente sensibilizados e com curiosidade em saber mais.

É de relatar ainda o interesse dos pais/encarregados de educação, docentes e alunos de outras turmas em ter igualmente acesso às aulas de Património histórico-artístico.

3.2. Análise aos inquéritos

Pais/Encarregados de Educação: O comportamento dos alunos é geralmente o reflexo do comportamento e formação dos pais. Esta afirmação tem no entanto uma hipótese de modificação graças ao papel cada vez mais educativo da escola. No entanto o papel dos pais é primordial para que os alunos aceitem e sejam mais abertos aos ensinamentos adquiridos na esfera escolar.

Aos pais foram entregues inquéritos (*vide* Anexo3.2.). Dos 37 inquéritos enviados (num total de 38 alunos, o inquérito do meu filho não conta para esta análise), só foram devolvidos 16, ou seja, menos de metade dos inquéritos. Isto permite iniciar esta análise

percebendo a fraca adesão de certos pais a este estudo, e/ou a falta de interesse por aquilo que os seus filhos/educandos estudam na escola.

Foi solicitado aos pais/encarregados de educação o preenchimento do inquérito, com carácter anónimo. Através destas respostas foi possível perceber de uma forma geral o impacto das aulas nos alunos, mas também nos pais/encarregados de educação, através da comunicação que possam ter na esfera familiar. No geral o retorno foi bastante positivo e o estudo bem recebido. A elaboração de uma análise através de gráficos (*vide* Anexo 3.2.3.) para cada pergunta demonstra a ideia geral. Os inquéritos englobam as três turmas de estudo.

Foram feitas sete perguntas. As repostas foram analisadas e são reproduzidas neste texto as que melhor traduzem o *feedback* individual e geral:

1. *O que achou inicialmente desta iniciativa?*

A esta pergunta a quase totalidade das respostas referiu tratar-se de uma iniciativa interessante, “*achei a ideia interessante e até inovadora...*”, “*uma iniciativa da maior importância para a formação dos públicos*”, “*esta iniciativa revelou-se muito importante porque proporcionou nos alunos (...) o contacto com o património do concelho e qual a sua importância*”, “*acho muito interessante, o meu filho gostou muito*”, “*foi muito gratificante*”. No entanto, é preciso informar que alguns pais não concordaram, demonstrando assim a falta de sensibilidade que tentamos quebrar com o nosso estudo. Obviamente não é possível agradar a todas as crianças, pois têm interesses diferentes. Mas é, de facto, de lamentar que os pais não incentivem os filhos a adquirirem conhecimentos mais alargados: “*Não concordo com nada disto, o tempo perdido com isto podiam estar a aprender ou adiantar matéria*”.

2. *A partir de que idade acha que os alunos estão receptivos para este tema?*

Existe aqui duas opiniões recorrentes, em que mencionam as idades de 5 e 8 anos para o início da aprendizagem deste tema, havendo ainda alguns pais que acham que é possível sensibilizar as crianças para o Património histórico-artístico desde os 3 anos, e outras que acham que é possível fazê-lo a partir de qualquer idade.

3. *Seria positivo a criação de uma disciplina com este tema no ensino básico?*

A grande maioria é peremptória na criação de uma disciplina que foque este tema, “*seria muito positivo, pois a sensibilidade para estes temas adquire-se*”. No entanto, alguns pais acham que não é necessário, pois “*a disciplina de Estudo do Meio já inclui esse tema*”, o que não é verdadeiro (aborda o tema, mas de maneira muito superficial), como já referimos anteriormente no nosso estudo.

4. *Costuma levar o seu filho/educando a conhecer locais culturais?*

Felizmente assistimos a uma modificação nos hábitos familiares, se tivermos em conta as respostas dadas pelos pais. Sempre que tal é possível, os pais levam os filhos a conhecerem locais de enfoque cultural. Isso inculca às crianças um hábito saudável e levá-los-á a continuar a proceder da mesma forma futuramente com os seus filhos. É um comportamento de uma grande importância, e é isso que o nosso estudo pretende. Há também as famílias que não o podem fazer devido a carências económicas ou falta de tempo. São factos a lamentar, mas desde que se tente sensibilizar a criança noutros aspectos, sem ter de a levar aos locais, é um comportamento indispensável. No entanto ainda assistimos a famílias que não demonstram qualquer interesse em criar um hábito de “abertura” em relação ao território em que habitam.

5. *O seu filho/educando falou sobre os conhecimentos que tinha adquirido durante as aulas? Se sim, escreva um ou vários exemplos daquilo que lhe foi contado.*

A satisfação em perceber o quanto as aulas foram bem aceites pelos alunos incita-nos em continuar com estas abordagens: “*falou bastante dos vários estilos que puderam ver nas igrejas e do fabrico dos azulejos*”, “*a ida à igreja Matriz e da pintura de azulejos*”, “*referiu a necessidade de preservar o património*”, “*adorou a azulejaria*”. Mais uma vez demonstra a aceitação destas aulas por parte dos alunos e o impacto positivo que elas tiveram sobre eles.

6. *Pensa sinceramente que estas crianças ficaram sensibilizadas com o tema?*

A grande maioria das respostas afirma que estas crianças ficaram sensibilizadas: “*foram poucas aulas mas sei que algo ficou*”, “*penso sinceramente que sim e isso deve-*

se ao trabalho que desenvolveu com os meninos, parabéns”, “sim, é pena que não haja continuidade no desenvolvimento da temática”, “a nossa filha sempre que chagava a casa tentava transmitir os conhecimentos aprendidos”, “as crianças ficaram a saber mais e de maneira divertida, é sempre uma mais-valia”, “sensibilizado e motivado em conhecer museus, que ainda não foi, como o Museu do Azulejo”. Com isto pudemos afirmar que um dos objectivos principais foi alcançado.

7. Outras sugestões ou comentários.

As respostas demonstram a importância que este estudo teve e a importância de continuar com estas iniciativas: *“deveriam desenvolver-se mais destas actividades para dinamizar a cultura e mostrar a estes jovens que em Constância há muito para aprender”, “deveria haver mais visitas e mais contacto com o património”, “lamento que tenha acabado”.*

Docentes: À semelhança do que foi feito com os pais/encarregados de educação, foram entregues às docentes uns inquéritos, com o objectivo de termos uma avaliação do estudo de um ponto de vista profissional e mais entendido quanto às pedagogias mais adequadas (*vide* Anexo 3.1.). Responderam a seis perguntas no total. De entre as respostas é possível destacar: *“É importante a sensibilização para a preservação do património desde muito cedo”, “as crianças tomaram contacto com alguns pormenores da arte”* no que se refere à utilidade deste estudo. Ambas as docentes concordam que só a partir do 3º ou 4º ano é que é possível abordar este tema com os alunos e que não é necessária a criação de uma disciplina para este tema, contudo *“será importante a abordagem destas questões na área de Estudo do Meio”*. Consideram a metodologia bem definida e adaptada assim como pensam que os alunos ficaram sensibilizados com o património histórico-artístico após a fruição das aulas. As docentes afirmam que os alunos não possuíam conhecimentos suficientes mas *“foram compreendendo a matéria”*.

Profissionais: Além das docentes e dos pais/encarregados de educação, foram também entregues inquéritos a profissionais da área do Turismo (Técnicos Superiores) e

do Ensino Superior (Docentes). As respostas demonstram interesse quanto ao estudo desenvolvido e alguma surpresa ao constatar que é realmente possível desenvolver o tema do Património histórico-artístico com alunos do ensino básico. Quando questionados sobre a utilidade deste estudo, as respostas foram claras: “*é bastante importante estimular as crianças desde cedo para a compreensão de temáticas diferentes*”, “*é muito importante (...) não só os alunos como toda a comunidade deveria ser alvo de acções de sensibilização*”. A idade ideal para o início desta sensibilização é, para eles, os 4/5 anos, ou seja, o 1º ano do ensino básico “*é curioso verificar que conseguem aprender, mesmo que desconheçam a sua importância, termos e técnicas que não seria de esperar nestas idades*”. A criação de uma disciplina sobre o tema é discutível, embora seja de uma grande importância porque “*podem enriquecer a formação das crianças de forma muito interessante e aplicada*”. Os inquiridos também referem a possibilidade de melhorar a inserção dos alunos na disciplina de Estudo do Meio, sem no entanto deixar em esquecido que a razão pela qual se deve a pouca relevância dada a este tipo de ensinamentos se ficar a dever “*à importância de Língua Portuguesa e Matemática*”. Para estes profissionais as crianças ficaram sensibilizadas com o tema: “*foram estimuladas e sensibilizadas para esta questão, o que contribui para o seu desenvolvimento pessoal ao nível artístico e estético*”, e deixam como sugestão “*continuar, continuar, continuar e não perder o entusiasmo*”.

3.3. Análise aos questionários dos alunos

Aos alunos foram entregues questionários a fim de testar os conhecimentos adquiridos e retidos, cerca de um mês após o final das aulas para as turmas do 1ºano e 3ºano, e após cinco meses para a turma de 3ºano do ano lectivo 2010/11, actual turma de 4ºano (*vide* Anexo 4).

Aos alunos do 3ºano e actual 4ºano, os questionários foram entregues e respondidos durante cerca de uma hora. É de referir que os alunos do 3ºano tiveram necessidade de acompanhamento enquanto respondiam às perguntas. Trata-se de uma turma complicada em termos de comportamento, alguns alunos revelam falta de concentração e de atenção, o que dificulta a análise correcta das aulas que lhes foram dadas.

Os alunos do 1ºano não possuem conhecimentos suficientes para poderem responder aos questionários sem ajuda. Com efeito, os questionários foram-lhes apresentados individualmente, ajudando à análise necessária aos seus conhecimentos.

Responderam a oito perguntas de resposta directa, algumas com recurso a imagens. Devemos salientar que foi explicado aos alunos que não se tratava de nenhuma avaliação, mas sim de um método para perceber o que tinham realmente aprendido. O facto de poder existir uma avaliação no sentido de colocar uma nota aos questionários, teria o efeito de “matar” o estudo e as aulas, aos olhos dos alunos.

Os questionários foram analisados individualmente, e contrariamente à análise elaborada aos inquéritos destinados aos pais/encarregados de educação através de gráficos, tivemos de optar por um método diferente que procurasse compreender se os objectivos principais foram alcançados: entendimento e sensibilização sobre o tema. Conseguimos igualmente perceber quais são as fraquezas para cada faixa etária quanto às metodologias usadas, assim como os assuntos que melhor assimilaram. Estes questionários foram alvo de um tratamento específico, na medida em que o método utilizado com os inquéritos anteriores não se adaptava às respostas dos alunos. Teve de existir uma intervenção nossa no sentido de interpretar as respostas mediante uma grelha de análise especial para que os dados recolhidos retratassem o mais fielmente possível a intenção da criança. Neste caso usámos a nossa intermediação.

Turma de 1º ano (estudo efectuado em Outubro de 2011): tratou-se de uma análise muito interessante, tendo em conta que estes alunos estão ainda numa fase básica dos seus conhecimentos e estudos, escolarmente falando. O questionário foi efectuado a onze dos doze alunos. À pergunta “*o que é o património?*”, todas as respostas fazem referência ao passado, assim como à preservação. Alguns alunos têm a necessidade de se referirem a certos objectos para definir o património (igrejas, castelos, quadros, etc.). Aquando da escolha das imagens pertencentes ao património histórico-artístico estudado nas aulas, nove dos onze alunos acertaram nas imagens correctas. A terceira pergunta revelou-se a mais difícil para esta faixa etária, no entanto com sete respostas correctas. Todos os alunos reconheceram cada artista pelo seu nome, assim como cada obra, porém a ligação entre os autores e as obras revelou-se difícil. Nas perguntas de resposta aberta, os alunos revelaram conhecimentos surpreendentes e muito

interessantes. Nas interpretações das três obras, mostraram ter maior capacidade de “olhar” para o quadro, para todos os detalhes, com maior curiosidade, se compararmos com os alunos do 3º ano, por exemplo. Os alunos fizeram referência à publicidade da “*Leiteira*”, comprovando a importância dos média na sua aprendizagem, e que este tipo de publicidade usando elementos do património artístico pode contribuir para a formação cultural das crianças, havendo mais tarde um reconhecimento iconográfico. No “*Casamento dos Arnolfini*”, fizeram sempre referência ao acto do casamento, assim como de alguns detalhes, mais frequentemente sobre a indumentária do casal. Sobre a obra de Seurat, a técnica do pontilhismo foi sempre referida. Os alunos demonstraram o interesse sobre as aulas de História do Azulejo, pois conseguiram lembrar-se de muitos elementos, desde os mais básicos aos mais complexos: ser um quadrado pequeno, feito de rochas (composição da argila), a argila e o barro, vai ao forno para cozer, serve de revestimento às paredes das igrejas e das estações de comboio, etc. As técnicas da corda seca, da majólica e da aresta foram igualmente citadas. “*É um quadro pequenino, pode ser feito com a técnica da corda seca. É feito com as pedras pequeninas das rochas que apanham sol e chuva e desfazem-se e assim com isso fabrica-se o azulejo*” (Tiago, 6 anos), “*É pintado e vai ao forno, usa-se a corda seca para as cores não se misturarem*” (Diogo Alexandre, 6 anos). Dois alunos souberam explicar detalhadamente o processo de fabrico do azulejo desde a argila até à cozedura e pintura. As respostas relativas à visita à igreja Matriz revelaram um grande interesse por parte dos alunos pelas imagens de santos inseridas nos vários altares ao longo da nave. Outros elementos que referiram foram as fogueiras, a pintura do tecto (evocando sempre a personificação do Tejo e do Zêzere), o púlpito, os estilos rococó e maneirismo, a nave, a pia baptismal e a fachada. Isto demonstra claramente que é possível fazer uso de termos mais técnicos nas vistas com as crianças, pois assimilam todas as palavras de maneira igual, sejam mais simples ou complicadas. Os alunos conseguiram recordar-se dos três verbos principais das aulas de Património histórico-artístico: preservar, respeitar e conhecer. A última pergunta, “*porquê é que o Património é importante?*”, os alunos fizeram referência à preservação, ao passado e ao conhecimento: “*porque as pessoas mais velhas não o destruíram e assim chegou até nós*” (Tiago, 6 anos), “*tem coisas muito importantes, é bom e tem de ser respeitado*” (Diogo Miguel, 6 anos), são algumas das respostas.

Turma do 3º ano (pertencentes ao estudo efectuado em Junho de 2011): trata-se de uma turma com uma bagagem cultural maior que a segunda turma de 3ºano estudada, quer a nível de comportamento, quer em preparação do ano anterior. O facto de ser uma turma com menos alunos pode contribuir para as diferenças sentidas em duas turmas distintas, embora do mesmo ano de escolaridade. Na primeira pergunta, os alunos responderam quase todos acertadamente, fazendo referência ao passado. Apenas um aluno disse não se lembrar. No momento de escolher as imagens pertencentes à abordagem feita na aula, todos acertaram. Na ligação das obras aos seus autores, apenas um aluno errou. Surpreendentemente, todos os alunos conseguiram referir correctamente o nome da obra e do autor na pergunta em que têm de dizer o que sabem sobre “*A Leiteira*”, “*O Casamento dos Arnolfini*” e o “*Domingo à Tarde (na Grande Jatte)*”. Quanto à pergunta “*o que é um azulejo, de onde vem e como é feito*”, referiram o seu fabrico nas fábricas de cerâmica, que a arte azulejar tinha sido trazida pelos muçulmanos, que é feito de argila e que vai ao forno, entre outras respostas. Sobre a visita à igreja Matriz, citaram o rococó, as imagens dos santos, as marcas das fogueiras, a pintura representando o Tejo e o Zêzere, o altar e a nave. Os alunos mencionaram dois dos três verbos principais aprendidos nas aulas (“*respeitar*” e “*preservar*”), e ainda adicionaram os verbos “*prevenir*”, “*restaurar*” e “*proteger*”, o que, apesar de não estar correcto, demonstra claramente que perceberam o intuito geral. Para esta turma, o património é importante na medida em que ajuda a perceber o nosso passado e a aprender coisas novas, “*o património é importante porque podemos aprender e saber como as pessoas viviam antigamente*” (Beatriz, 9 anos).

Turma de 3º ano (pertencentes ao estudo efectuado em Outubro de 2011): é uma turma muito complicada a nível comportamental, o que dificultou em muito a elaboração dos questionários e a análise aos mesmos. À primeira pergunta “*o que é o património?*”, a grande maioria fez referência ao passado e a coisas que se preservaram. Sobre as imagens que pertencem ao Património, apenas cinco alunos erraram uma a três imagens. Na ligação entre os quadros e os seus autores, apenas quatro alunos erraram. As perguntas abertas sobre os quadros e a sua interpretação demonstraram que a grande maioria reteve o essencial, pois só três alunos não responderam a esta pergunta: “*Este quadro foi feito com pintinhas e demorou muitos anos a ser feito*” (Soraia, 8 anos, sobre o “*Domingo à Tarde na Grande Jatte*”, de Seurat). Na pergunta “*o que é um azulejo, de*

onde vem e como é feito?”, fizeram referência a: barro, argila, molde, técnica da corda seca, tintas específicas e presença nas igrejas. A pergunta “*o que viram na igreja Matriz?*” obteve respostas muito interessantes, pois conseguiram reter elementos tais como o rococó, a presença de imagens de santos, a nave, a pintura no tecto, as fogueiras e o varino do altar de Nossa Senhora da Boa Viagem. Isto demonstra que é possível abordar conceitos técnicos, e que a abordagem, embora tenha sido de curta duração, teve um impacto positivo. Sobre os verbos aprendidos em cada aula, seis alunos lembraram-se dos três verbos principais: preservar, respeitar e conhecer. Para estes alunos do 3º ano, o património é importante para “*saber coisas sobre o passado, mostrar aos filhos, aprender e preservar coisas antigas*”.

Com esta análise pudemos concluir que os alunos do 1º ano têm um poder de síntese e de memorização acima do que sucede com os alunos do 3ºano. Assimilam melhor os novos conhecimentos, interessam-se mais por eles, têm melhor comportamento, e conseqüentemente maior capacidade de concentração. Subsiste esta pergunta: estaremos nós a “matar” essas capacidades por não os acharmos capazes? Com isto comprova-se que os alunos são subestimados pelo sistema educativo.

Concludentemente pudemos afirmar através desta análise e deste questionário que mesmo um mês após o término das aulas de Património histórico-artístico, estes alunos conseguiram reter o essencial e com certeza que lhes servirá de bagagem cultural no futuro.

4. Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico” (27.10.2011)

Após seis meses de trabalho com as turmas-piloto, existia a necessidade de obter um ponto de vista sobre o estudo efectuado e os resultados obtidos até então. Este problema foi resolvido mediante a organização de um seminário que pretendeu divulgar à comunidade em geral o trabalho desenvolvido. O seminário teve lugar na Casa-Memória Camões, em Constância, no dia 27 de Outubro de 2011, às 18 horas. O local foi escolhido de entre as propostas possíveis existentes, gentilmente facultadas pela

Câmara Municipal de Constância. Trata-se de um local com uma óbvia importância a nível patrimonial, histórico, cultural e icónico da Vila de Constância, aliado a excelentes infra-estruturas. O seminário teve a duração de duas horas, com a apresentação do meu estudo, para efeitos de dissertação de mestrado, completada pelas intervenções do Doutor Luís Mota Figueira, director e coordenador do Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural e meu Orientador, e do Doutor Máximo Ferreira, actual presidente da Câmara Municipal de Constância.

A apresentação foi feita através de slides projectados (Power-Point), focando os seguintes pontos:

- Pergunta de partida
- Definições de conceitos aplicados
- Objectivos
- Metodologia
- Aulas elaboradas
- Arquivo fotográfico
- Análise ao contributo das aulas
- Conclusões
- Visão do projecto ESAP



Figura 31: Seminário, vista geral (à esquerda) e presença de Doutor Luís Mota Figueira e Doutor Máximo Ferreira (à direita) (Fotos da Autora)

5. Balanço aos resultados obtidos no Seminário e análise aos inquéritos

Estiveram presentes no seminário cerca de dez pessoas, apesar de o convite ter sido feito a toda à comunidade (através de cartazes cobrindo o concelho de Constância e da criação de uma página na internet), aos pais / encarregados de educação, docentes e funcionários da Câmara Municipal de Constância (*vide* Anexo 6). Com isto denota-se uma falta de interesse, não pelo tema em si, mas por actividades diferentes, como é a participação a um seminário de curta duração, que trata de um assunto ligado à cultura, mas também à educação e à vila de Constância, baseando o estudo nos alunos da escola local. Mesmo assim o público era constituído por docentes, encarregados de educação, representantes da Câmara Municipal e de instituições do Concelho de Constância e de profissionais da área do Turismo. Era portanto um público considerado instruído e aberto à apresentação do tema da sessão.

No início foi entregue aos presentes um inquérito (*vide* Anexo 3.1.), interrogando-os sobre a análise pessoal que faziam relativamente ao tema debatido. As respostas às sete perguntas foram na sua maioria positivas. “*Considero que estudos neste âmbito são fundamentais (...) numa criação da identidade do Património*”, “*extremamente importante*”, “*a metodologia é inovadora e alicerçada em bons princípios*”, foram três respostas, entre outras, que demonstram o que pensam sobre a utilidade deste estudo. São unânimes quanto à existência de uma disciplina que trate desse tema no ensino básico e consideram que essa sensibilização tem de ser feita a partir de ensino pré-primário (3 anos), de modo adaptado, e que tem de ser implementado até ao 12ºano, no ensino secundário. À pergunta “*pensa sinceramente que estas crianças ficaram sensibilizadas com o Património histórico-artístico após terem usufruído destas aulas?*”, as respostas não deixam dúvidas: “*foi com muito gosto que ouvi a minha filha falar de Património*” e “*nunca mais se esquecem destas aulas*”. Uma pessoa sugere: “*Este estudo científico deve chegar ao Ministério da Educação e não ficar na Biblioteca do IPT.*”

Com todas as respostas aos inquéritos pode se afirmar que o estudo tem um impacte bastante positivo. Em conversas menos formais percebe-se que de início não é dada grande importância a este tema nem a um estudo que aborde esta temática, mas após uma apresentação concordam com a investigação desenvolvida, com os objectivos e

surpreendem-se com os resultados obtidos com as aulas de Património histórico-artístico. É portanto um feedback bastante positivo, contribuindo assim para o desenrolar do estudo com maior confiança e certeza de uma finalidade que tem de ser alcançada.

CAPÍTULO IV

Projecto ESAP

*“O futuro dependerá daquilo que fazemos
no presente”*

Mohandas Gandhi

1. Criação e objectivos da empresa

Com a elaboração deste estudo, concluiu-se que existe realmente uma lacuna em termos pedagógicos na componente lectiva. Essa lacuna deve de ser colmatada, pois existe mercado para tal. Foi provado que os alunos estão aptos a receber uma educação que trata de um tema diferente, e que esses conhecimentos não podem ser dados por docentes que não estão preparados para tal. Esses mesmos docentes fazem um trabalho importantíssimo, e é necessário aliviar as responsabilidades de uma abordagem para a qual não foram preparados, e para a qual não se pretende que o sejam.

Esta lacuna permite a criação de um Projecto/Produto que pode ter como efeito a criação de uma empresa.

O projecto ESAP, Educação para a Salvaguarda do Património cultural, terá à vista os seguintes objectivos:

- Promover e divulgar o Património através de um conjunto de aulas teórico-práticas
- Incutir o sentido de preservação do Património
- Desenvolver o civismo e a sensibilização sobre este tema
- Criar um público já instruído para o Turismo Cultural

O núcleo do projecto ESAP reside no tema escolhido e na aplicação que é possível fazer com ele. Daí a dinâmica parte para os alunos, numa vertente de sensibilização dos mesmos para o tema do Património histórico-artístico. Numa fase final criar-se-á uma sensibilização de toda a comunidade, através dos conhecimentos adquiridos pelos alunos, que o irão difundir, e de acções realizadas pela empresa ESAP.

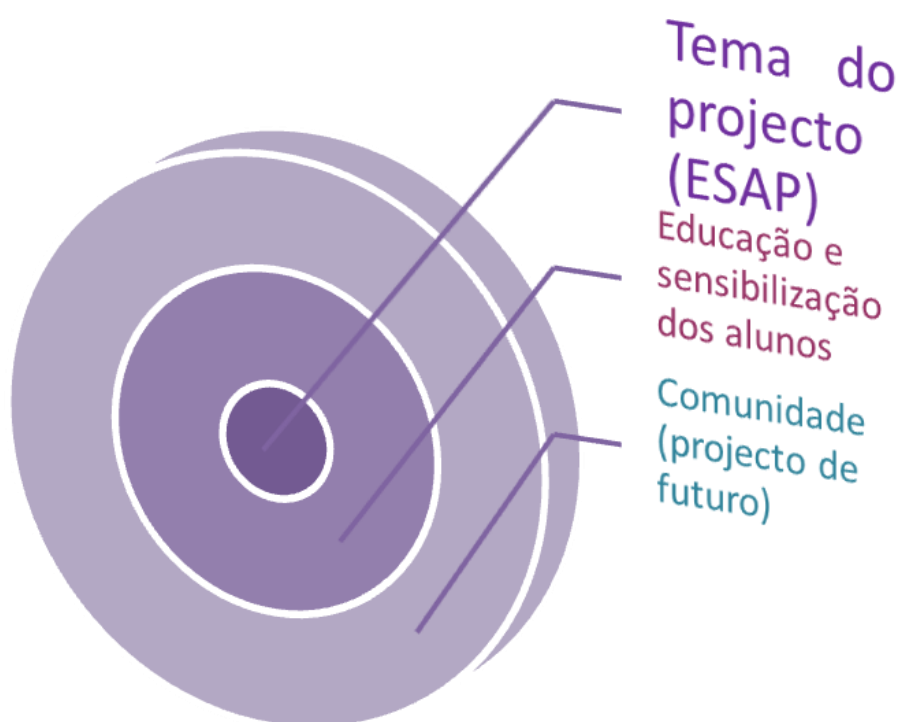


Figura 32: Núcleo do projecto e sua dinâmica (Elaboração própria)

O projecto terá como ponto de implementação o território de Constância. O concelho, à semelhança do estudo desenvolvido no âmbito desta dissertação, será o laboratório experimental desta proposta.

Contactamos o IGESPAR, através da APTC. A nossa proposta recebeu uma resposta positiva. Neste sentido, acreditamos haver condições para que este nosso projecto venha a ter acolhimento por parte dos interessados (*vide* Anexo 7).

2. O produto e a sua aplicação

2.1. Aulas de Património histórico-artístico

À semelhança do estudo aqui elaborado, uma das propostas do projecto ESAP passa essencialmente pela sensibilização dos alunos para o Património histórico-artístico através das aulas temáticas itinerantes. Para além das aulas pertencentes à fase inicial do projecto (Introdução ao Património histórico-artístico, História da Pintura, História do Azulejo), irão ser acrescentadas outras temáticas *a posteriori*, numa continuidade do projecto a médio e longo prazo. As aulas são auxiliadas por maletas pedagógicas adquiridas pelos alunos.

2.2. Maletas pedagógicas

Tendo como referência as aulas dadas durante o trabalho de campo, as maletas pedagógicas possibilitam a oferta deste produto. Estas maletas têm como função auxiliar as aulas de Património histórico-artístico, na medida em que, desta forma, cada aluno possui as suas ferramentas de trabalho e estudo. O facto de se tratar de um produto facilmente adaptável a qualquer aula/tema e qualquer idade, permite uma aplicação viável, quer a nível pedagógico/educativo, quer a nível lúdico, mas também a nível económico para a empresa.

Estas maletas (fabricadas em madeira), destinadas unicamente aos alunos, contêm elementos adequados à faixa etária que este estudo analisou (dos 5 aos 9 anos), por conseguinte pertencem à fase inicial do projecto. No entanto, as maletas pedagógicas podem ser facilmente modificadas a fim de se adequarem a outras faixas etárias. Os elementos-chave que constituem o seu conteúdo são: livro didáctico, jogo(s) e materiais, modificando-os e ajustando-os segundo os temas tratados. Os livros didácticos, em

forma de caderno conjugam informações, perguntas e jogos relacionados com o tema proposto. Cada maleta tem igualmente um jogo didáctico, este também relacionado com o tema em questão. Os materiais incluídos, o terceiro elemento da maleta, fornecem as ferramentas necessárias para a elaboração dos exercícios propostos.

As maletas são portanto constituídas da seguinte forma, respeitando cada tema tratado:



Maleta pedagógica
Introdução ao Património

- livro didáctico para os alunos
- cubos em madeira para construção (com instrução)
- conjunto de lápis de cor
- cartas do Património para jogo de memória

História da Pintura

- livro didáctico para os alunos
- cubos para puzzles com obras de arte famosas e 1 lado em branco para o aluno pintar
- 1 mini tela
- 2 pincéis + pigmentos

História do Azulejo

- livro didáctico para os alunos
- puzzle com painel de azulejos
- barro
- 1 molde
- 1 azulejo em branco para pintar

Figura 33: Projecto das maletas pedagógicas (Elaboração própria)

Passamos de seguida à descrição de cada maleta:

Maleta pedagógica de Introdução ao Património: o livro didático contém informações sobre a definição de Património em geral, e de Património histórico-artístico em particular. Contém também algumas imagens, seguindo a mesma metodologia das aulas elaboradas durante o trabalho de campo, e um pequeno exercício didático, semelhante àquele que foi elaborado pelos alunos na primeira aula. Com os cubos de madeira, o aluno pode reproduzir construções que vão ilustradas numa ficha de instrução, tais como o castelo de Almourol, a Torre de Belém, o templo de Diana, etc. Além de desenvolver as suas capacidades de memorização através do jogo, estimula a criatividade, acabando sempre por inventar novas construções. O conjunto de lápis de cor permite elaborar os exercícios presentes no livro didático. Sendo a primeira maleta pedagógica do conjunto de maletas da empresa ESAP, esta contém mais um jogo didático com cartas ilustradas por imagens de ícones “*multipatrimoniais*”, em duplicado, formando assim um jogo de memória.

Maleta pedagógica de História da Pintura: o livro segue as linhas orientadoras das aulas de História da Pintura, com as imagens dos quadros, contextualização, cronologia, etc. Inclui instruções quanto ao fabrico das tintas, a fim de usar os pincéis e os pigmentos na pintura da mini tela, elementos contidos na maleta. Com os cubos, o aluno consegue formar cinco puzzles representando obras-primas da História da Pintura, já imprimidas, e um sexto puzzle em branco onde pode pintar a sua própria obra-prima.

Maleta pedagógica de História do Azulejo: o livro didático contém os mesmos elementos das aulas de História do Azulejo, ou seja, uma apresentação sobre a arte azulejar em Portugal, a sua evolução, as técnicas utilizadas e uma componente prática, reflexo da aula dada em conjunto com o Professor Ricardo Triães. Esta última prepara o aluno para a elaboração do exercício prático proposto e que se resume no fabrico de um azulejo usando o barro e o molde disponíveis na maleta. O aluno tem ao seu dispor um azulejo em branco que pode pintar como quiser.

Um dos nossos objectivos é alargar a aplicação da maleta pedagógica a outros temas, tais como:

- Arte Contemporânea
- Escultura em barro
- Os Museus
- Talha Dourada

Muitos outros temas são possíveis, interligando sempre o Património histórico-artístico ao Turismo Cultural, e divulgando as artes e as tradições nacionais.

Através das maletas pedagógicas, podemos afirmar que os alunos serão mais facilmente sensibilizados para o tema do Património histórico-artístico, podendo levar a maleta para casa, assim como proceder à sua complementação posterior sempre que desejado. Adquirindo todas as maletas, o aluno pode criar a sua colecção “ESAP”.

2.3. Manuais auxiliares para docentes

Foi já referido neste estudo a falta de formação que os docentes de ensino básico demonstram para com temas do foro artístico. O facto de não serem temas aprofundados durante as formações académicas, não lhes permite possuir a sensibilidade nem os conhecimentos necessários. A componente lectiva, em termos de matérias planeadas, também não foca a arte e o património como assunto de essencial aprendizagem. Facto que é necessário modificar.

Com os manuais auxiliares para docentes “ESAP”, essas lacunas estão colmatadas. Podem ser usados quer para preparação dos alunos antes das aulas de Património histórico-artístico, quer para abordagem ao tema, *a posteriori*.

Os manuais são, numa primeira fase, divididos em dois volumes: 1º e 2º ano, e 3º e 4º ano. Posteriormente serão planeados manuais que estender-se-ão a todo o ensino básico e secundário. A divisão dos manuais em vários volumes permite uma aquisição

mais centrada por parte dos docentes, um estudo pormenorizado dedicado a cada etapa e faixa etária, adaptando assim os mesmos temas de forma diferente consoante o público.

Nesta fase será necessário proceder a um estudo de mercado e receber o parecer de profissionais da área da edição.

3. Plano de negócios

3.1. Análise da proposta e estratégia financeira

É possível transformar esta ideia num negócio que possa acrescentar valor à formação das crianças neste ciclo de estudos. Seguimos, para tal, as directrizes constantes no site do IAPMEI⁴, nomeadamente no documento “*dez passos para a criação de uma empresa*”, adaptando-o ao nosso estudo.

O projecto “ESAP” é sem dúvida um produto “market-pull”: foi identificada uma necessidade que vai ser colmatada, conferindo-lhe uma maior probabilidade de sucesso e maior viabilidade.

Missão (a curto prazo): desenvolver um produto sustentável, que se destaque no mercado, que demonstre a sua utilidade enquanto finalidade educacional de um público-alvo pré-definido. Aplicar o produto a todo o ensino básico e secundário, adaptando-o. Implementar uma imagem de confiança e qualidade, conquistar parceiros sólidos, tais como editoras, autarquias, escolas, associações, etc. É essencial a existência de fidelidade dos clientes. A criação de um posto de trabalho é uma mais-valia. O mercado-alvo inicial é o território do Médio-Tejo.

Visão (a longo prazo): a edição de manuais, o reconhecimento da nossa marca pela sua qualidade pedagógica e a cobertura do mercado a nível nacional são os principais objectivos a longo prazo. Para tal sabemos que é essencial apostar numa maior divulgação, assim como conseguir uma influência que suscite uma discussão sobre a

⁴ www.iapmei.pt

eventual criação de uma disciplina, ainda que a título experimental e extra-curricular. A criação de uma equipa de trabalho, abrindo assim lugar a mais postos de trabalho, desenvolver eventos de sensibilização, acções de formação para profissionais do sector turístico/cultural e docentes, são outras medidas a alcançar, acrescentando a elas a criação de aulas inter-ligadas ao tema (turismo, artes, museologia, arqueologia, etc.) sempre com o intuito de sensibilizar as crianças para estas realidades que serão sempre uma ferramenta de aprendizagem riquíssima.

Factores críticos: a diferenciação e a inovação são dois factores que definem a empresa e lhe conferem viabilidade. O facto de tratar-se de um produto que apresenta propostas contínuas e diferentes ajudam a definir uma continuidade e duração mais exequíveis. São factores críticos que podem definir desde já o potencial sucesso da empresa.

Análise de mercado: é necessário ter consciência de que o público, actualmente, compra o que realmente necessita, e não porque quem vende o produto tem a certeza de tratar-se de um produto com valor. Tomando em consideração a conjuntura económica, as soluções têm de ser as mais apelativas. Como já foi referido, o projecto “ESAP” pretende preencher a lacuna existente (sensibilização para o Património histórico-artístico), mas consideramos igualmente importante que não se trate apenas de um produto comercial mas que seja um produto que faça a diferença no mercado pela sua utilidade pedagógica.

Os potenciais clientes serão sobretudo os pais/encarregados de educação, alunos e docentes, num primeiro plano (clientes directos). As autarquias e as editoras serão clientes fundamentais num segundo plano (clientes indirectos).

Potencial: o projecto de empresa “ESAP” tem pontos positivos e oportunidades que deverão ser trabalhadas para conseguir alcançar os objectivos pretendidos. A vontade de trabalhar neste sector, o gosto pela área escolhida, a determinação e o empenho no projecto, em junção com a boa vontade de parceiros públicos e privados conferem-lhe um futuro promissor.

Marketing: as principais manobras passam pelo alcance de cinco objectivos:

- chegar ao mercado e consolidar a posição da empresa;
- chegar ao estatuto *top of mind* no sector da educação no ensino básico;
- criar um posicionamento inovador;
- fidelizar o cliente;
- criar uma imagem de confiança.

Uma das maiores potencialidades do negócio manifesta-se na ausência de concorrentes, ou seja, não há nenhuma empresa/organização que tenha um produto igual, semelhante ou com os mesmos objectivos. É neste ponto que a introdução (fase embrionária do ciclo de vida do produto) no mercado ganha força. Este projecto é, de imediato, líder no sector, e esta ideia tem de ser constantemente tida em conta relativamente ao Marketing. A promoção será efectuada através de vários procedimentos, que passam sobretudo pela presença nos manuais dos professores (parceria com editoras), contactos com a base de dados dos professores (FENPROF), palestras nas escolas, presença em visitas-guiadas, site da própria empresa, realização de concursos, entre outros. No entanto, um dos contactos iniciais a realizar tem a ver com a obtenção de uma parceria fundamental para o avanço deste projecto: o Ministério da Educação.

Parceiros: os principais parceiros, tal como já foi explicitado anteriormente, serão evidentemente os agrupamentos escolares, as autarquias, associações culturais, empresas privadas, e numa conjuntura mais favorável, o Ministério da Educação.

Resultados espectáveis: pretendeu-se com o projecto “ESAP” introduzir uma vertente de empreendedorismo nesta dissertação, de modo a futuramente poder operacionalizá-la em termos de negócios para a criação de um, ou mais, posto de trabalho. Do mesmo modo cria-se uma oportunidade no desenvolvimento de outras empresas semelhantes e de parceiros.

Fases de implementação: contamos com uma fase de introdução com uma duração de aproximadamente seis meses, após os quais pretendemos iniciar a fase de crescimento. Os pontos seguintes – maturidade e declínio - são dificilmente programáveis ou imagináveis, pois vários factores impedem esse cálculo, tais como a conjuntura económica actual que potencia recursos financeiros mais controlados. Podemos também ter em conta o aparecimento no mercado de concorrência que poderá igualmente afectar as previsões do seguimento do negócio. Será sempre importante perceber o *feedback* dos clientes (através de entrevistas, por exemplo), sobretudo após a fase de introdução, a fim de pôr em prática um planeamento estratégico. Fazer análises ao trabalho desenvolvido, com os pontos negativos e positivos irá auxiliar na prevenção de certos problemas que possam advir e que poderiam prejudicar de certa forma o negócio. São aspectos fundamentais a ter em conta, para uma organização e gestão correctas deste projecto.

Em suma, é preciso referir que o cliente não está só a comprar um produto – maletas pedagógicas ou manuais – está sobretudo a comprar desenvolvimento cultural e cognitivo para as crianças do ensino básico.

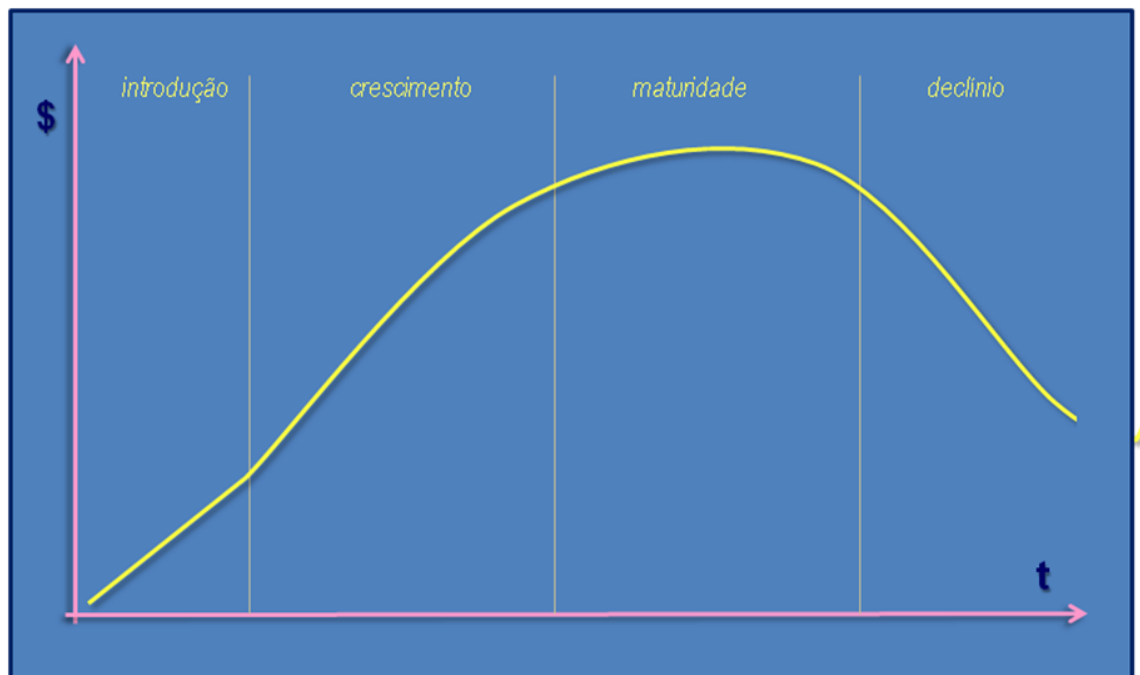


Figura 34: Gráfico do ciclo de vida de um produto (Elaboração própria)

3.2. Viabilidade económica

A viabilidade económica deste projecto obriga a uma análise financeira detalhada. Contudo, o investimento inicial neste tipo de projecto específico será baixo e por isso sem necessidade de recurso a créditos bancários. Pretende-se iniciar a componente comercial com a venda das aulas primeiramente, depois adicionar as maletas pedagógicas e os manuais para docentes.

Apesar do esforço para que fosse integrado nesta dissertação a componente orçamental e dado que as respostas não chegaram em tempo útil, não deixamos contudo de anotar esta circunstância e como explicado acima considerar a viabilidade económica do projecto tanto mais que a resposta positiva do IGESPAR pode considerar-se como fundamento para a operacionalização do produto (*vide* Anexo 7).

3.3. Análise SWOT

Esta análise SWOT serve para demonstrar a viabilidade do projecto, visto que faz diagnóstico às envolventes interna e externa e às oportunidades e riscos, não analisando o estudo produzido (página seguinte).

Soluções para o futuro: passam pelas oportunidades, que têm de ser aplicadas. As ameaças não deixam de ser passíveis de modificações através de soluções encontradas. Estas soluções, no futuro, serão a possibilidade de uma maior incrementação do projecto “ESAP”.

Uma divulgação deste estudo (e de outros estudos sobre outras áreas da educação) a nível regional, numa primeira fase, visando as autarquias, pode criar uma maior motivação política em investir na educação dos seus municípios mais jovens.

A necessidade de um trabalho conjunto, criando uma sinergia e não uma concorrência entre sistemas ajudará na aplicação do projecto “ESAP”, assim como de projectos semelhantes.

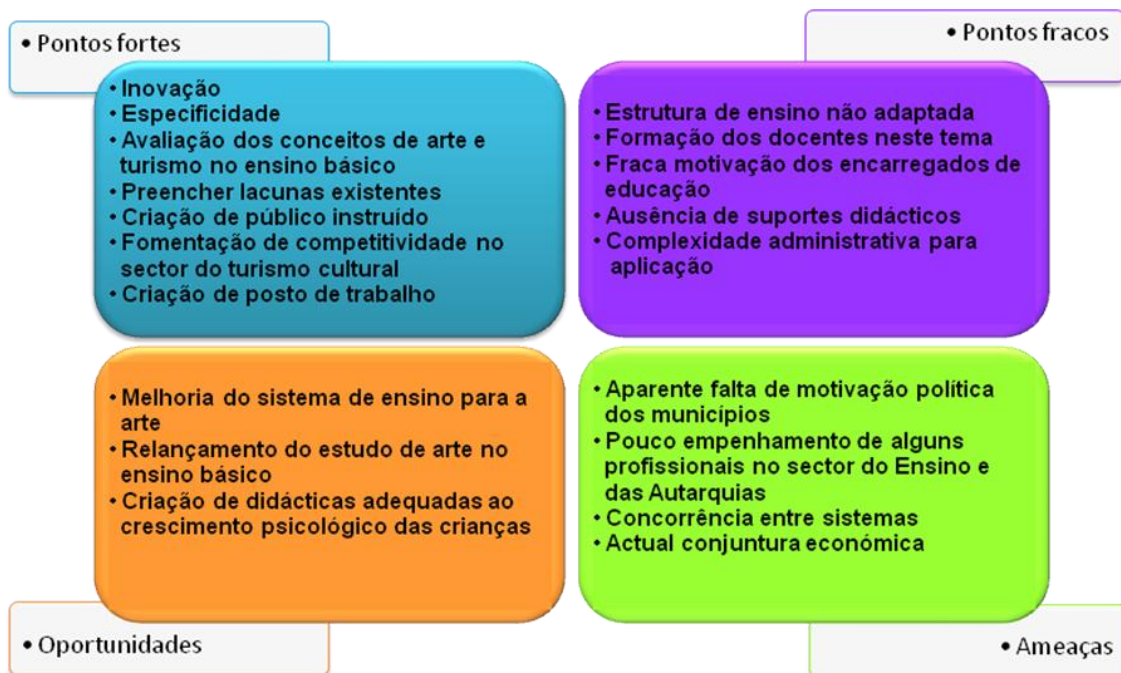


Figura 35: Análise SWOT do projecto ESAP (Elaboração própria)

A problemática da conjuntura económica actual só pode ser ultrapassada com cedências de cada parte, num ajustamento entre custos e lucros que beneficiem ao melhor ambas as partes, mas também numa preocupação com o uso de materiais mais acessíveis do ponto de vista económico (neste caso referimo-nos essencialmente à composição das maletas pedagógicas) e numa noção dos reais interesses, que são: a educação e o crescimento económico derivado do Turismo Cultural.

CAPÍTULO V

Resultados e comentários

1. Objectivos atingidos e resultados obtidos

O objectivo primordial a atingir é o de educar os alunos enquanto futuros cidadãos responsáveis e cientes da cultura patrimonial, não esquecendo que os mesmos se tornarão futuros turistas/excursionistas. Para tal é necessário criar e/ou modificar as pedagogias e consequentes mentalidades dos “actores” do meio educacional.

Durante o Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino básico”, em que fizemos uma pré-apresentação do nosso estudo, os objectivos foram enunciados da seguinte forma:

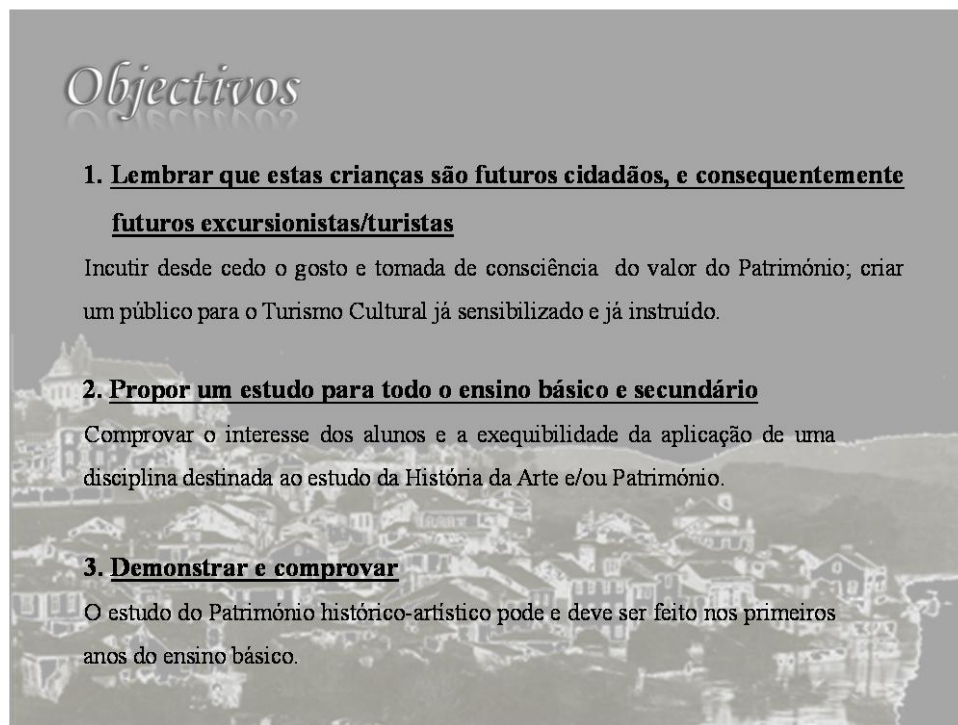


Figura 36: Diapositivo retirado da apresentação no Seminário “Turismo cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino Básico” de 27.10.2011 (Elaboração própria)

Os objectivos principais propostos foram atingidos, obtendo resultados acima do esperado. Com efeito, comprovamos que:

- As crianças podem e devem ser sensibilizadas para o Património e para o estudo das Artes;
- É possível fazer essa sensibilização a partir do 1ºano do Ensino básico;
- Os alunos demonstraram um real interesse pelas aulas e uma capacidade de entendimento sobre a temática proposta;
- Quando preparadas desde o Ensino básico, são crianças mais atentas à realidade artística;
- A História da Arte não pode ser somente leccionada no Ensino secundário e destinada apenas aos alunos que escolheram áreas formativas ligadas às artes. A História da Arte pertence à cultura geral e deve o seu estudo abranger todos os alunos;
- Com a aplicação de uma disciplina que forme os alunos sobre os estudos das Artes e/ou do Património, criar-se-á adultos/cidadãos com maior informação, enquanto turistas/excursionistas, mas também enquanto possíveis profissionais das áreas relacionadas (turismo, museologia, docência, artes plásticas, gestão autárquica, etc.).

Os resultados obtidos servem para nos orientar a fim de podermos apresentar propostas neles baseados. O projecto ESAP é uma dessas propostas. É essencial ainda mencionar que escolhemos apresentar este estudo enquanto dissertação e não enquanto projecto. Aprofundámos essencialmente e propositadamente o trabalho de campo, pois esse é o motivo principal desta dissertação: encontrar uma solução para a modificação do perfil do turista cultural. A ideia do projecto “ESAP” ganhou forma no decorrer do estudo.

Além da análise feita neste estudo, o contributo das aulas de Património histórico-artístico foi igualmente medido através dos inquéritos e do Seminário “Turismo Cultural: Educação para o Património histórico-artístico para os alunos do Ensino básico”, o que permitiu perceber os diferentes pontos de vista de quem tenha estado directa ou indirectamente ligado a este estudo (análise positiva na maioria) e a viabilidade do mesmo na sua vertente prática.

Contudo, ainda existe um preconceito sobre os estudos das artes, a educação artística e o estímulo que a arte tem sobre as crianças.

2. Relevância científica

Trata-se de uma área pouco estudada. É inovadora no sentido em que estuda o tema “*in situ*”, portanto baseada em factos e estudando logo a receptividade dos alunos.

A abordagem tem de ser conjugada entre aulas teóricas (com um máximo de sessenta minutos) e aulas práticas (máximo de cento e vinte minutos), a fim de haver neles uma maior concentração e receptividade.

Consoante a abordagem e a linguagem utilizada, o tema do Património histórico-artístico pode ser estudado desde os primeiros anos de escolaridade, pois as crianças têm um poder de memorização maior do que um adulto, assim como um interesse e uma curiosidade mais aguçados. E é nestas idades que importa inculcar os melhores hábitos e despertá-los para a arte, para a cultura e para aquilo que os rodeia de uma forma geral.

3. Problemática da ausência de estudos nesta temática

Dado que não existe bibliografia específica neste domínio do ensino do turismo, especialmente focada no ensino básico, foi necessário amplificar o trabalho de campo com o objectivo de reflectir e avançar através da percepção dos resultados. No entanto optou-se por um estudo bibliográfico mais alargado, passando pelos temas aqui abordados nesta dissertação: pedagogia, turismo, história da arte, educação artística,

património cultural, etc. Por existir esta lacuna em termos de base de estudo, a escolha deste tema para dissertação foi predominante. Baseamo-nos portanto no trabalho de campo para desenvolver o estudo e assimilar os resultados.

4. Necessidade de um parecer de uma equipa multidisciplinar

Para a avaliação deste estudo é necessária a colaboração de profissionais numa interligação entre várias áreas, todas elas relacionadas com o tema, tais como:

- Educador(a) de Infância
- Professor(a) do Ensino básico
- Pedagogo
- Pedopsicólogo(a)
- Pediatra
- Editor(a)

Profissões ligadas às crianças podem esclarecer, ou mesmo afirmar, os efeitos positivos que este tipo de aulas poderia ter nas crianças, sobretudo a nível cognitivo, no desenvolvimento da personalidade, na inserção na sociedade e comunidade, entre outros critérios.

São necessários para o projecto “ESAP” dados exactos sobre o mercado da edição a nível nacional, dados esses fornecidos por profissionais do sector que entendam as necessidades do mercado e as oportunidades de negócio.

5. Contributo para o Turismo cultural e inserção no PENT

O principal contributo é a formação dos públicos enquanto turistas culturais. Através do esquema seguinte é possível perceber a possível consequência que esta formação terá a longo prazo para o Turismo Cultural:



Figura 37: Contributo para o Turismo Cultural (Elaboração própria)

O objectivo do estudo está sobejamente presente no esquema. Partindo de um conceito base da formação de públicos, chegamos ao crescimento do sector do Turismo Cultural, em termos de negócios.

É necessário relembrar que actualmente o turismo vive de autenticidade: tradição e cultura. Mas também de profissionalismo e de qualidade, factores hoje exigidos pelos clientes informados.

Consequentemente é possível afirmar que promover um ensino informal do turismo cultural no ensino básico e secundário na comunidade escolar, é uma proposta a incrementar.

Relativamente ao PENT (Plano Estratégico Nacional do Turismo), este estudo está inserido no ponto 2: Interesse Estratégico, pois contribui para os objectivos estratégicos na geração de emprego e numa aplicação generalizável ao território. Em termos de produtos inclui-se no Touring Cultural, sector que tem vindo a crescer cerca de 5 a 7 % anualmente na procura, não se restringindo nem à sazonalidade nem aos centros urbanos.

É de referir também neste capítulo a importância da Arte no Turismo. “*A Arte é um fenómeno da sociedade*”(Stern, 1991, apud Sousa, 2003: 165), por mais que certos estudiosos pretendam que a Arte é simplesmente o reflexo de uma parte da sociedade particular, dada a fantasias e a pensamentos não-científicos. Hoje, como sempre, a Arte é parte integrante da sociedade, na medida em que se encontra presente em qualquer manifestação criativa. No sector turístico, a Arte é igualmente alvo de interesse por parte dos turistas, englobando-a no Turismo Cultural. “*A Arte altera, mas para melhor, tem essa capacidade.*” (Vicente, 2011: 28). Esta frase define na perfeição o benefício da arte.

6. Enquadramento legal

A legislação nacional tem vindo a aplicar normas regulamentares sobre o Património Cultural, conseguindo deste modo incrementar a ideia da importância do Património para a sociedade. A lista seguinte reporta a legislação nacional aplicada, considerada de maior relevância para este estudo⁵:

- 1º Alvará régio de 20 de Agosto de 1721

⁵ Adaptado do *site* da Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico e Cultural de Santarém

- Decreto de 10 de Novembro de 1875: comissão para nomeação dos Monumentos Nacionais
- Decreto de 19 de Novembro de 1910: protecção e defesa do Património Nacional
- Decreto nº 16791, de 30 de Abril de 1929: criação da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
- Decreto-Lei nº 245/80, de 22 de Julho: os trabalhadores na defesa do Património
- Decreto-Lei nº13/85, DR 153/85 SÉRIE I de 1985-07-06: Lei de Bases do Património Cultural Português
- Decreto-Lei nº 278/91, de 9 de Agosto: criação do Instituto Português de Museus
- Portaria nº 376/2007, de 3 de Março: aprovação dos estatutos do IGESPAR, I.P. (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I.P.)
- Decreto-Lei nº 138/2009: criação do Fundo de Salvaguarda do Património
- Decreto-Lei nº 107/2001, de 10 de Setembro: estabelecimento das bases da Política do Regime de Protecção e Valorização do Património Cultural
- Decreto-Lei nº 96/2007, de 29 de Março: lei orgânica do IGESPAR, I.P.
- Lei nº 59/2007, de 4 de Setembro, Código penal: punições por danos causados a monumentos ou património cultural (artigos 204º, 210º, 213º e 242º)

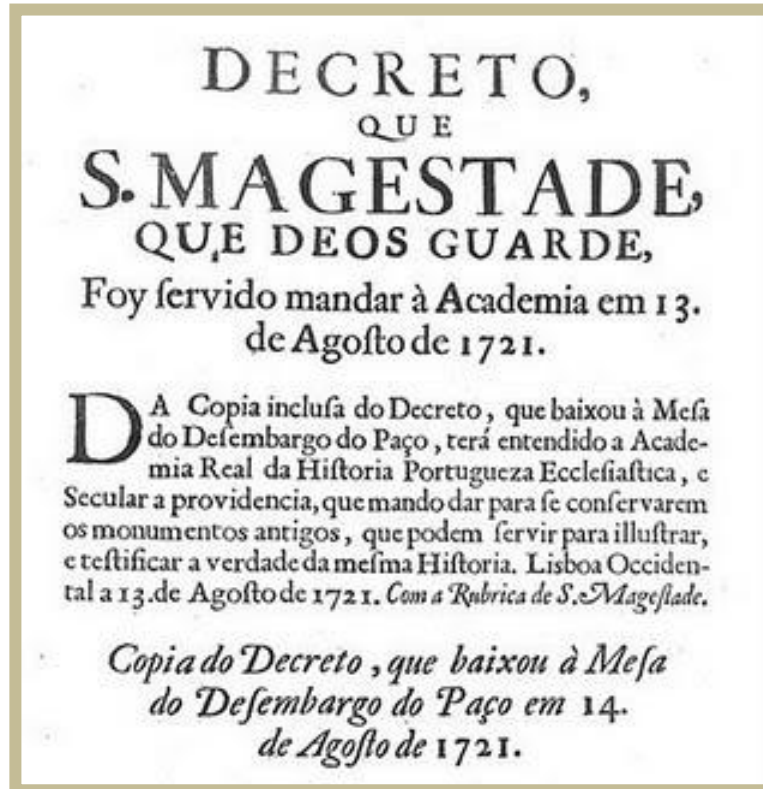


Figura 38: Alvará régio de 20 de Agosto de 1721
(Fonte: www.google.com/imagens, acedido em 21/12/2011)

CONCLUSÃO

Terminado o processo de investigação que deu origem a esta dissertação, pudemos concluir que:

- Os resultados alcançados permitem-nos considerar que os objectivos propostos foram alcançados.
- Por outro lado, a aplicação da minha área de formação básica (Artes Plásticas – Pintura) contribuiu de facto para a criação do Projecto/Produto ESAP.
- A relação estabelecida com o meio escolar nomeadamente alunos, encarregados de educação/pais, professores, autarcas e outros públicos, enriqueceu o trabalho de campo e permitiu que se delineasse ilações teóricas que muito caracterizem o produto final que agora se apresenta na forma de dissertação.
- Como pudemos comprovar, a nossa pergunta de partida e as hipóteses colocadas funcionaram numa proposta de trabalho, que se cumpriu e cujo centro mais importante se passa em enunciar com maior detalhe:
 - 1) Não temos dúvida agora que a educação pelas artes aliada ao domínio do turismo pode ser importantíssima na formação dos jovens estudantes;
 - 2) O envolvimento dos professores, dos alunos e da comunidade envolvente é decisivo para qualquer processo em que se queira introduzir a pedagogia das Artes e do Turismo, nomeadamente cultural;
 - 3) Na óptica de Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural, o resultado final parece responder aos objectivos traçados neste domínio.

Por último, devemos concluir que é fundamental proporcionar aos estudantes logo no ensino básico matérias educativas e experiências sensitivas, como as que transmitimos neste relatório. Assim este trabalho virado para o desenvolvimento humano e comunitário é capaz de criar futuro a todos estes jovens que serão futuros turistas, mas sobretudo futuros cidadãos do mundo.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (2004), “1º ciclo do Ensino básico – organização curricular e programas: Programa de Estudo do Meio”, in www.dgidec.min-edu.pt, acedido em 25/05/2011
- AA.VV. (s.d.), “Currículo Nacional para o Ensino Básico: Educação Artística”, in www.dgidec.min-edu.pt, acedido em 17/11/2011
- AA.VV. (2011), “Estudo do Meio: 1º ano”, Porto Editora, Porto
- BARBOSA, A. M. (1986), “Arte-Educação no Brasil: Realidade hoje e expectativas futuras”, in Congress on Quality on Art Teaching, UNESCO
- DINIS, C., FERREIRA, L. (2006), “Estudo do Meio 3º ano”, Coleção: Caminhos, Porto Editora, Porto
- DUBORGEL, B. (1992), “Imaginário e Pedagogia”, Coleção: Horizontes Pedagógicos, Ed. Instituto Piaget, Lisboa
- FERRAZ, M. F. (2009), “Terapias Expressivas Integradas”, Coleção: Expressão em Terapia, Vol. 1, Tutirév Editorial, Lisboa
- FIGUEIRA, L. M., (2007), “Património, Identidade e Turismo Cultural: Abordagem ao caso da Golegã” in SUPERAVIT – Revista de Gestão & Ideias, Nº1, Escola Superior de Gestão de Tomar, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar
- GOMBRICH, E. H. (2001), “Histoire de l’Art”, Ed. Phaidon, Paris
- GRINSPUM, D. (2000), “Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola - Responsabilidade compartilhada na formação de públicos”, tese de Doutoramento em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo
- ICOMOS (1999), “Charte Internationale du Tourisme Culturel: la Gestion du Tourisme aux Sites de Patrimoine Significatif”, in www.international.icomos.org, acedido em 1/07/2011

JULIÃO, L. (2010), “*Construindo a Acção Cidadã das Crianças em Contexto Institucional*”, dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Universidade de Aveiro, Aveiro

LOPES, J. M. S., (2004), “*A História da Arte no contexto escolar português: repensar os currículos*”, Coleção: Textos Pedagógicos, nº10, Ed. Universidade de Aveiro, Aveiro

MENDES, C. V. (2010), “*A Importância das Artes num Projecto autárquico de Turismo Cultural*”, dissertação de Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural, Escola Superior de Gestão de Tomar, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar

MOURA, A. (2011), “*O Conhecimento na Acção: Investigação empírica sobre Arte, Aprendizagem cultural e Educação artística baseada na prática*”, in Revista Profissão Docente, vol. 11, nº 23, Universidade de Uberba, Uberba

NASCIMENTO, M. (2008), “*Arquitectura Religiosa em Portugal: Igrejas da Vila de Constância*”, desenvolvido na disciplina de História da Arte em Portugal do curso de licenciatura em Artes Plásticas – Pintura e Intermédia (ESTT - IPT), sob orientação da professora Joana Guedes (policopiado), Tomar

PÉREZ, X. P. (2001), “*Leituras da Antropologia*”, Departamento de Antropologia Aplicada, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Chaves

PINTO, A. L., MEIRELES, F., CÂMBOTAS, M. C. (2002), “*Cadernos de História da Arte: edição revista*”, Porto Editora, Porto

ROSA, C. (2011), “*A Interpretação do Património Arquitectónico para um Público deficiente visual: Estado da Arte e proposta*”, dissertação de Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural, Escola Superior de Gestão, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar

ROSENBERG, P.(2009), “*Enseigner l’Histoire de l’Art*”, in colóquio *L’enseignement de l’Histoire de l’Art à l’école*, Universidade de Sorbonne, Paris

SANTOS, J. F., CARVALHO, Rui (2010), “*Tomar Património, estratégia turística local: Estudo de caso*”, in *International Congress on Tourism*, Porto

SOUSA, A. B., (2003), “*Educação pela Arte e Artes na Educação: 3º Volume – Música e Artes Plásticas*”, Coleção: Horizontes Pedagógicos, Ed. Instituto Piaget, Lisboa

TURISMO DE PORTUGAL, I. P. (2007), “*Plano Estratégico Nacional do Turismo*” in www.turismodeportugal.pt, acedido em 9/12/2011

Referências electrónicas

www.agrupamentoescolasconstancia.pt – Agrupamento de Escolas de Constância – Escola Básica e Secundária Luís de Camões, acedido em 17/11/2011

www.dgidec.min-edu.pt – Direcção Geral da Educação, acedido em 1/07/2011

www.iapmei.pt – Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação, acedido em 14/01/2012

www.igespar.pt – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, acedido em 27/05/2011

www.international.icomos.org – Conseil International des Monuments et des Sites, acedido em 1/07/2011

www.latribunedelart.com – La Tribune de l’Art, acedido em 14/11/2011

www.onwto.org – World Tourism Organization, acedido em 23/09/2011

www.patrimonio-santarem.pt – Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém, acedido em 14/11/2011

www.preservationnation.org – National Trust for Historic Preservation, acedido em 3/10/2011

www.turismodeportugal.pt – Turismo de Portugal, acedido em 9/12/2011

ANEXOS

Anexo 1: Conjunto de imagens usadas nas aulas

- 1.1. Aula teórica de Introdução ao Património histórico-artístico.....89
- 1.2. Aula prática de Introdução ao Património histórico-artístico.....90

Anexo 2: Exercícios didáticos - Aula teórica de Introdução ao Património histórico-artístico

- 2.1. 1º ano.....91
- 2.2. 3ºano (2010).....100
- 2.3. 3º ano (2011).....107

Anexo 3: Inquéritos

- 3.1. Profissionais, comunidade e docentes
 - 3.1.1. Inquérito original118
 - 3.1.2. Guião dos inquéritos.....119
- 3.2. Pais e encarregados de educação
 - 3.2.1. Inquérito original.....120
 - 3.2.2. Guião dos inquéritos.....121
 - 3.2.3. Gráficos de análise aos inquéritos.....122

Anexo 4: Questionários aos alunos

- 4.1. Questionário original.....126
- 4.2. Guião dos questionários.....128

Anexo 5: Diploma130


Anexo 6: Cartaz de divulgação (Seminário).....131

Anexo 7: Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, resposta do IGESPAR.....132

Anexo 8: Arquivo fotográfico.....133

Anexo 1 – Conjunto de imagens usadas nas aulas

1.1. Aula teórica de Introdução ao Património histórico-artístico

LOCAL - REGIONAL				
	Luís de Camões	Varino (barco tradicional)	Igreja Matriz de Constância	
	NACIONAL			
“O Fado” de José Malhoa		Torre de Belém (Lisboa)	Castelo de Almourol	
MUNDIAL				
	Fernando Pessoa	Templo de Diana (Évora)		
MUNDIAL				
	“Mona Lisa” de L. da Vinci	Torre Eiffel (Paris)	Arte rupestre (Pré-História)	Catedral Notre-Dame (Paris)

1.2. Aula prática de Introdução ao Património histórico-artístico



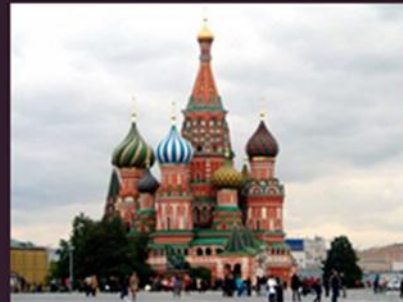
Religião hindu
Templo Akshardham (2005)
Nova Délhi, Índia



Religião muçulmana
Mesquita Al Saleh (2005)
Sanaa, Iémen



Religião judaica
Sinagoga de Astana (2004)
Astana, Cazaquistão



Religião ortodoxa
Basilica de São Basílio (1561)
Moscovo



Religião católica
Igreja Matriz N. Sra da Assunção (1556)
Caminha, Portugal



Religião budista
Templo Heian Jingu (1895)
Quioto, Japão

Anexo 2 – Exercício didático - Aula teórica de Introdução ao Património histórico-artístico

(Nota 1: tamanho original em A4)

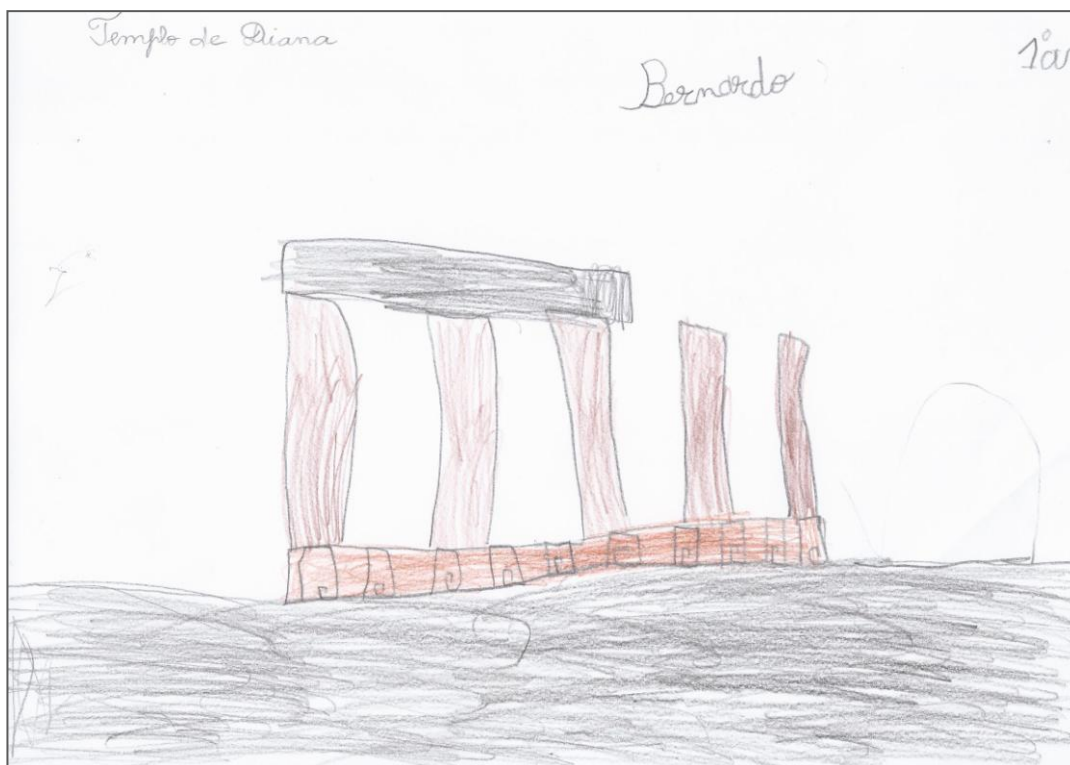
(Nota 2: os desenhos em falta devem-se à ausência do(s) aluno(s) no dia da aula)

2.1. 1º ano

Rodrigo Alexandre, Torre Eiffel



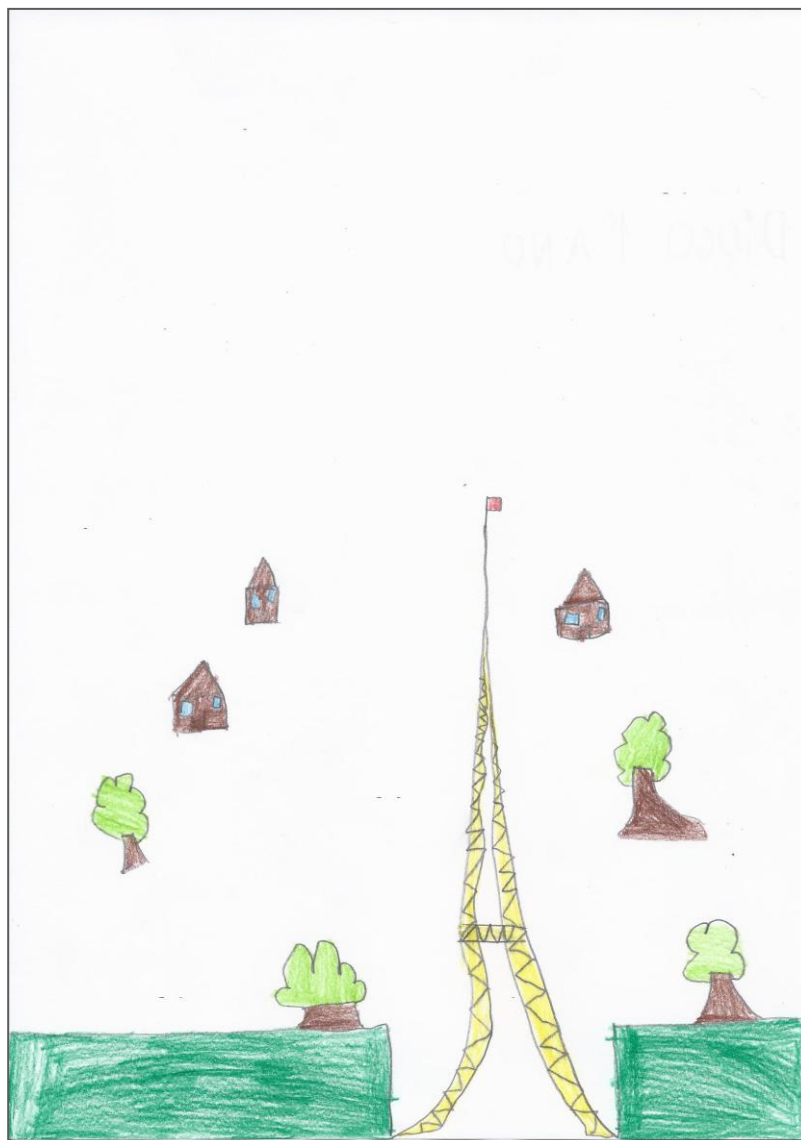
Bernardo, o Templo de Diana



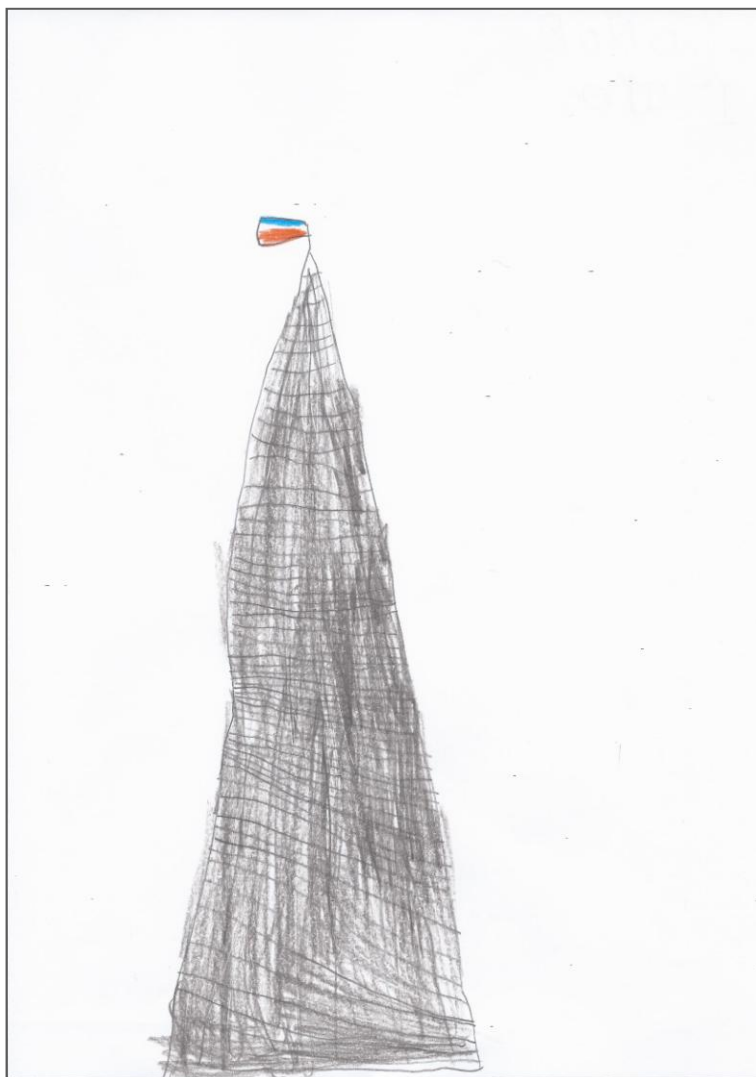
Inês, "O Fado" de José Malhoa



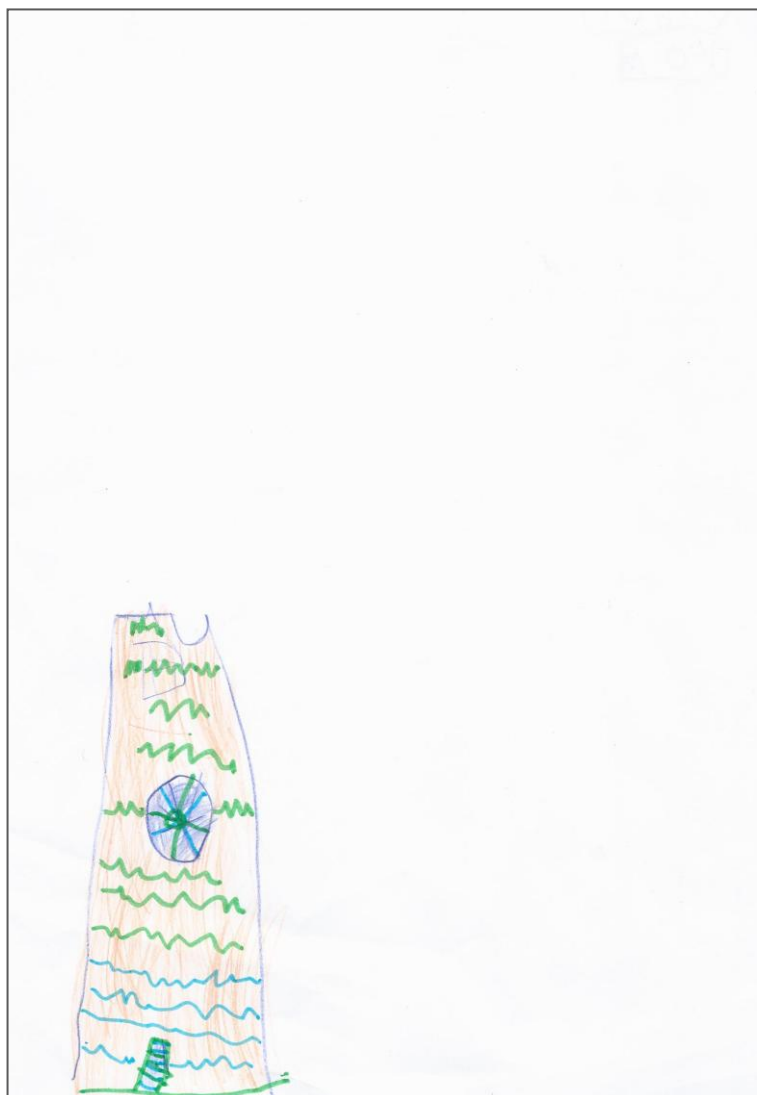
Diogo Alexandre, Torre Eiffel



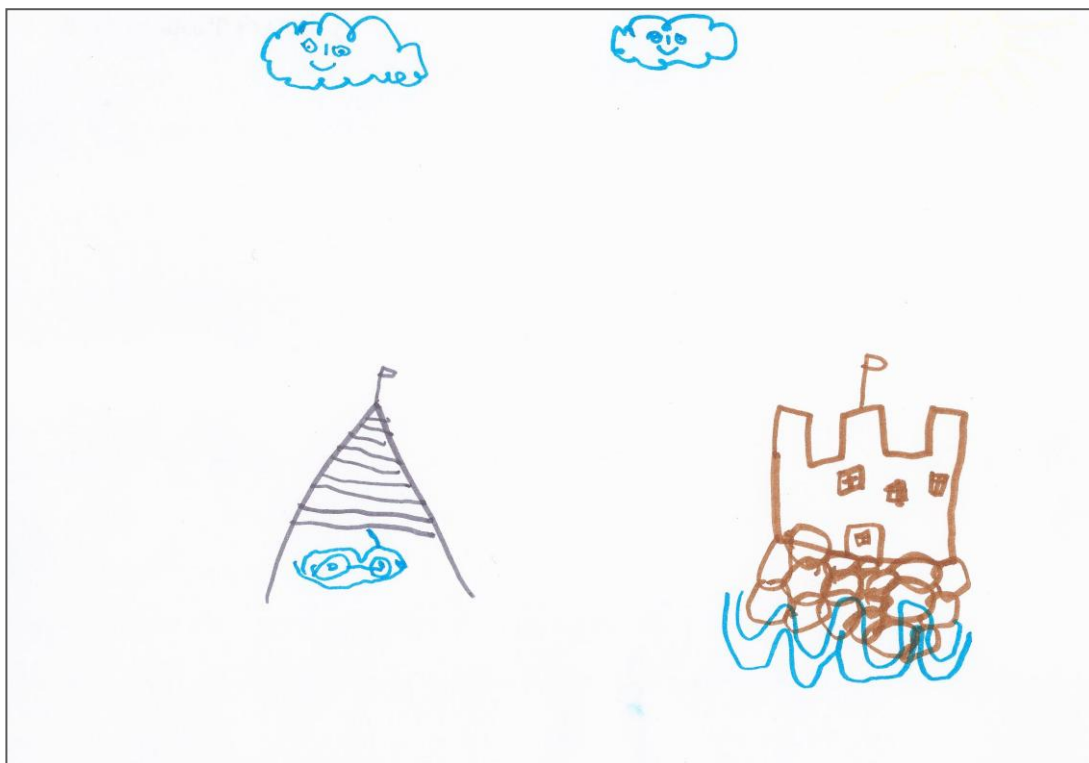
Leonor, Torre Eiffel



Diogo Miguel, Catedral Notre-Dame



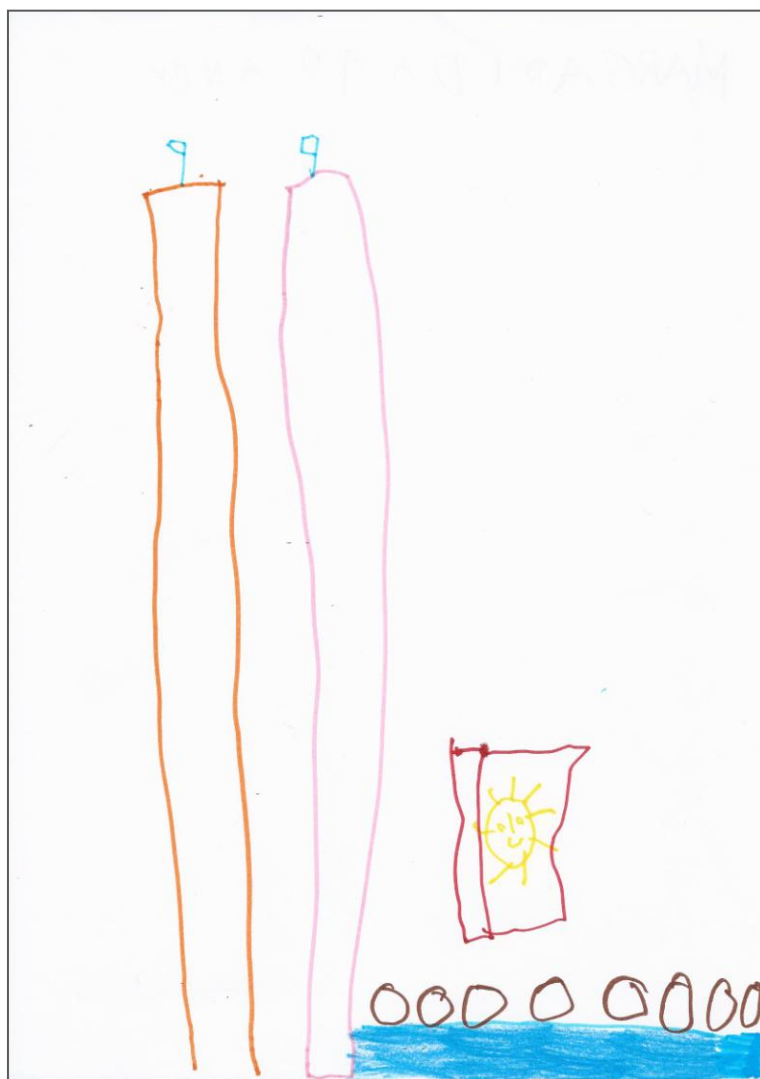
Sílvia, Castelo de Almourol e Torre Eiffel



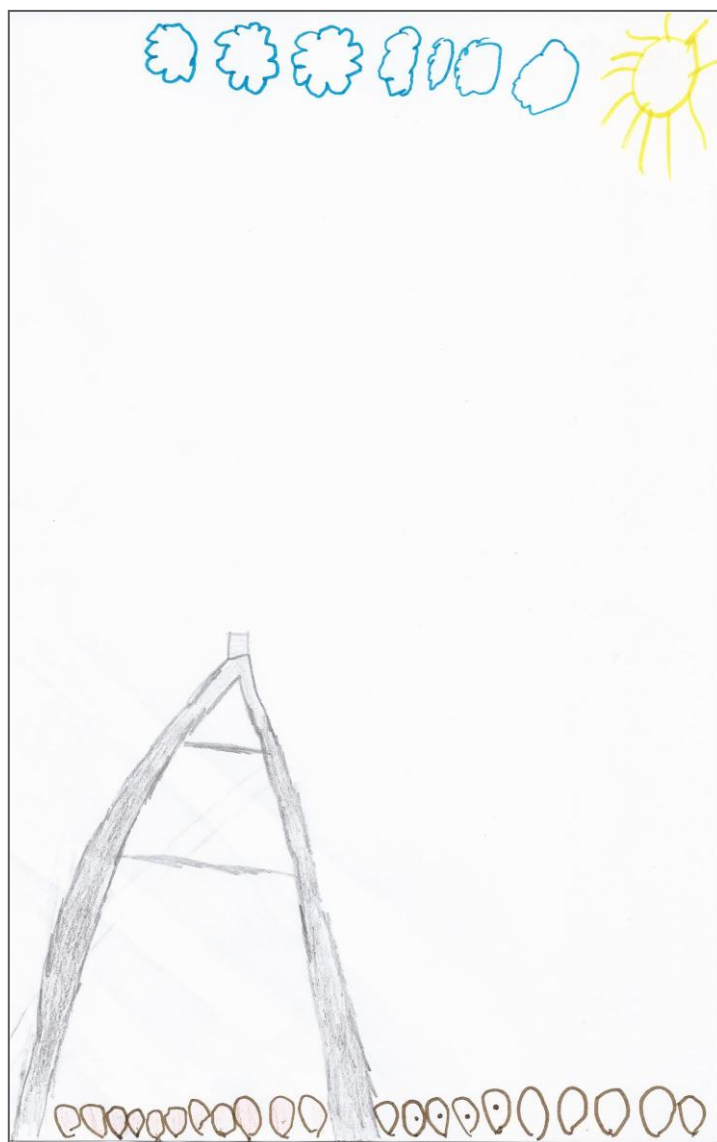
Simão, Arte rupestre



Margarida, Torre de Belém



Tiago, Torre Eiffel

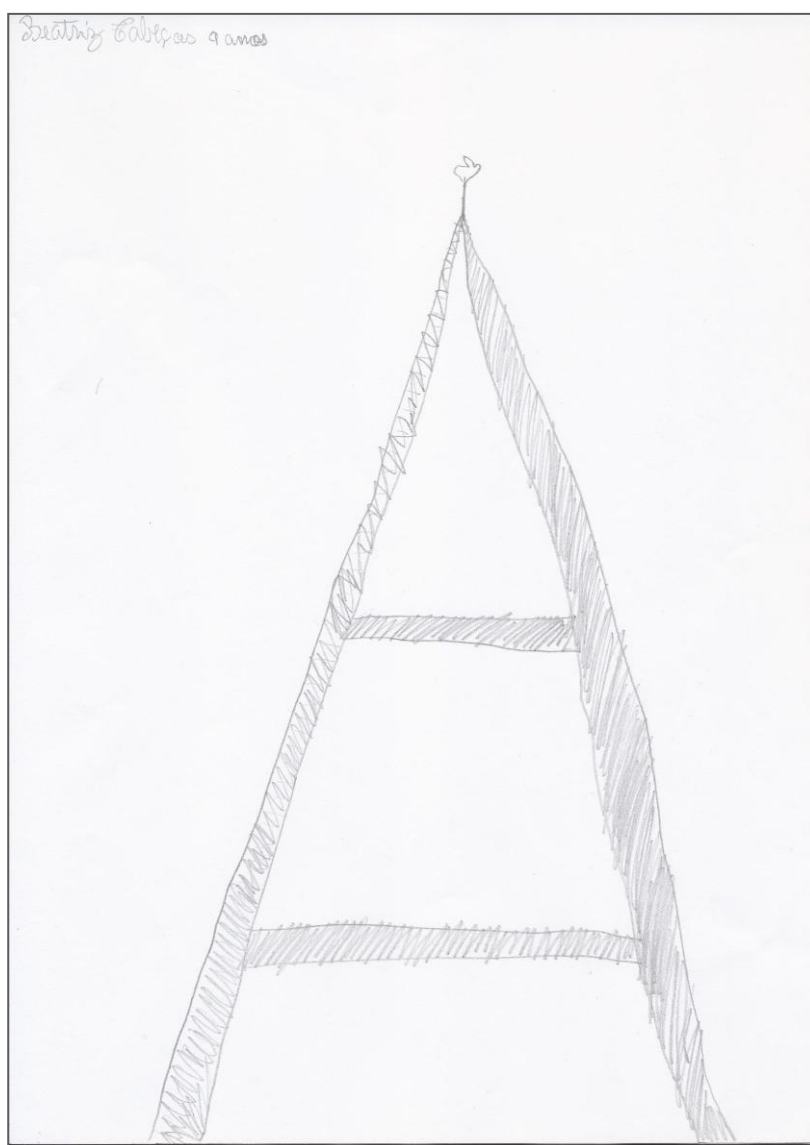


Rodrigo João, Torre Eiffel



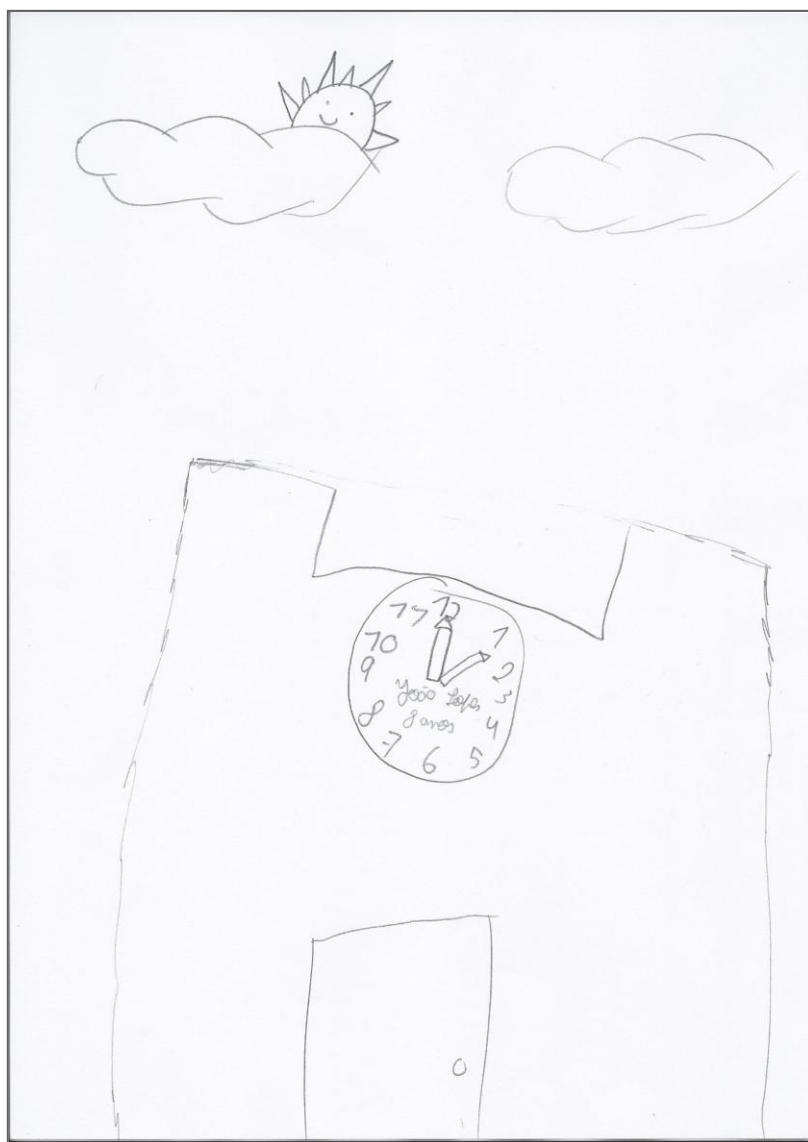
2.2. 3º ano (2010)

Beatriz, Torre Eiffel

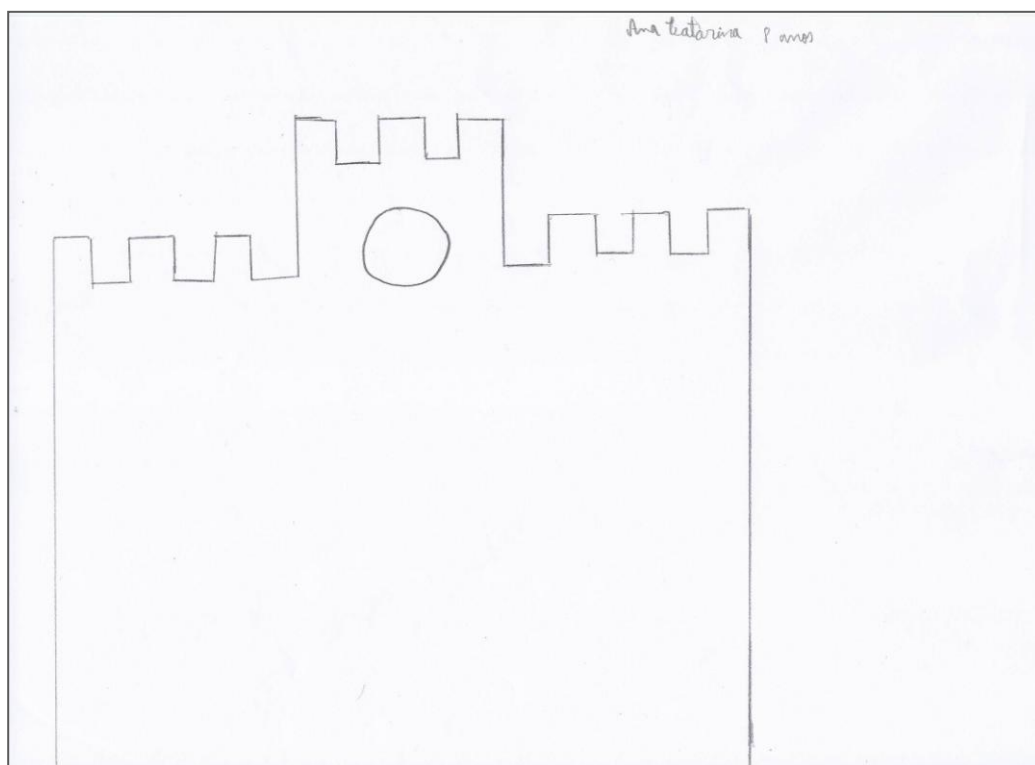


João, Big Ben de Londres, Reino Unido

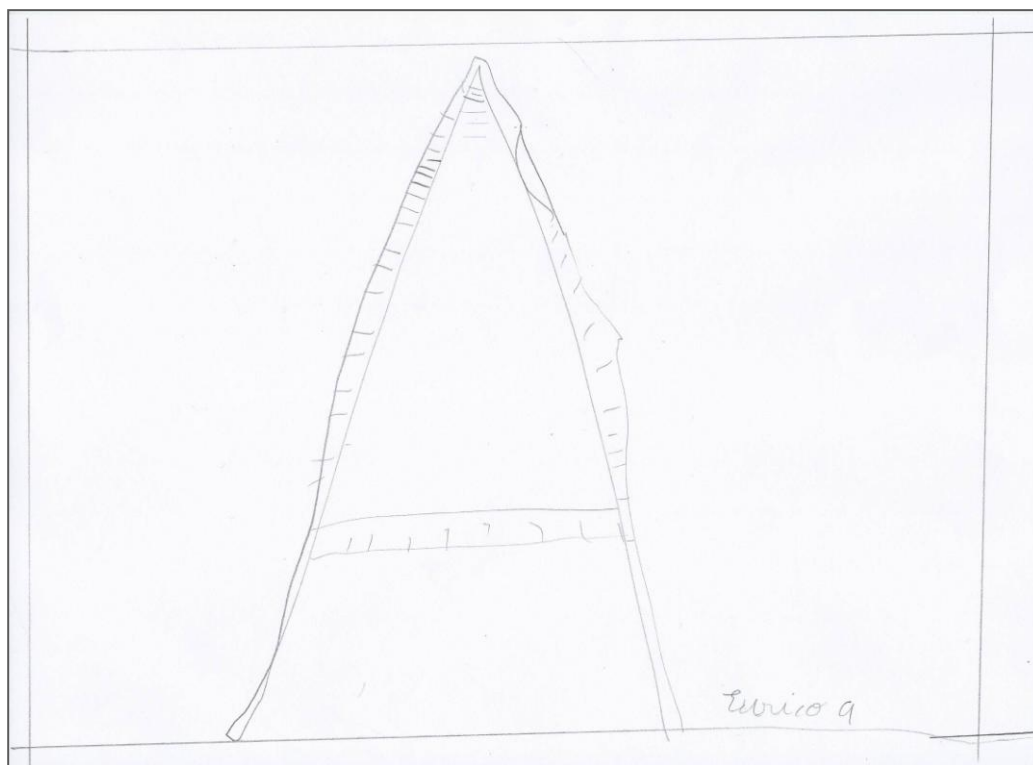
(não incluído nos ícones apresentados)



Ana Catarina, Castelo de Almourol



Eurico, Torre Eiffel

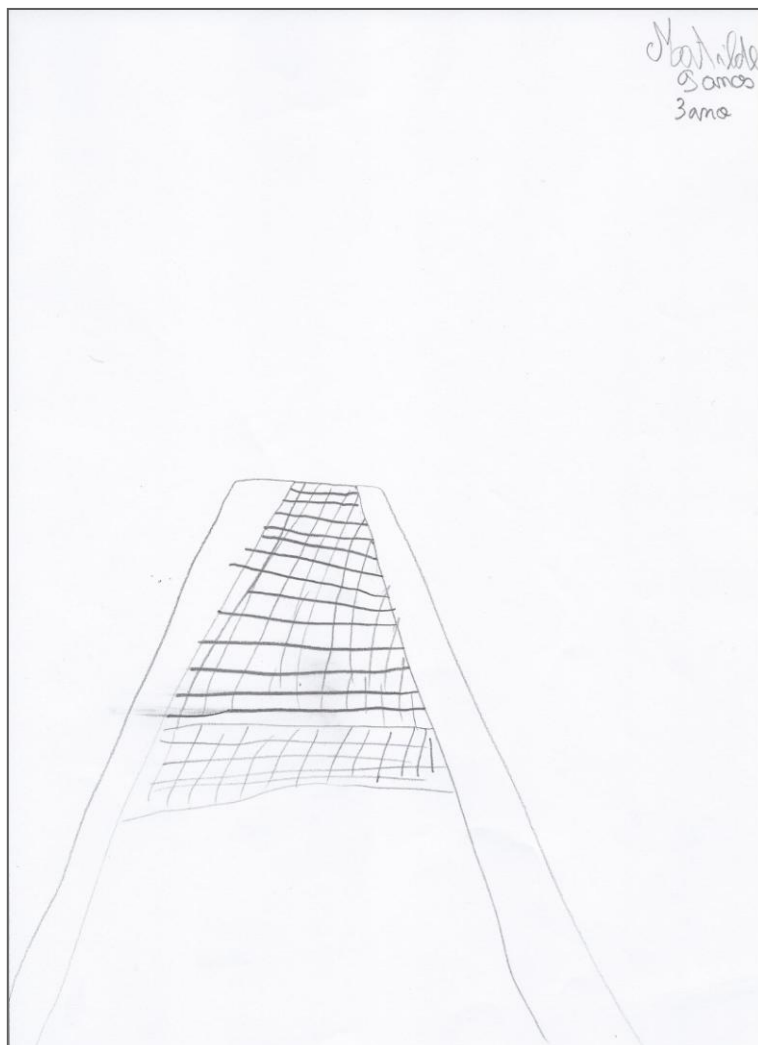


Leonardo, habitações pré-históricas

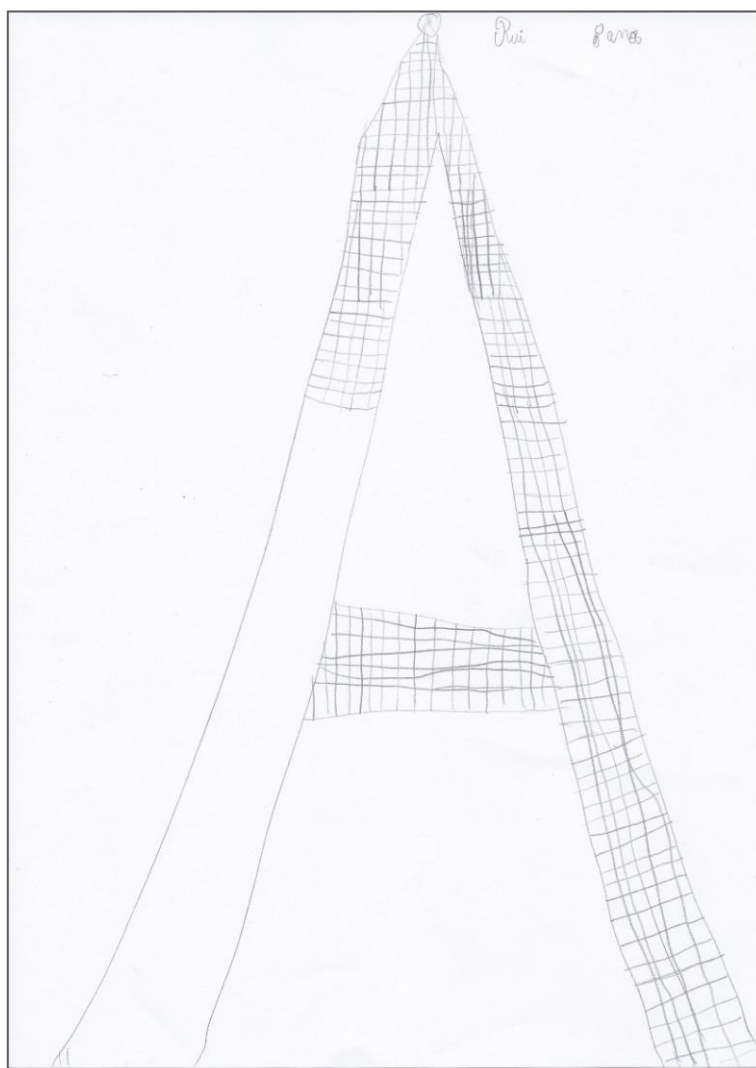
(não incluído nos ícones apresentados)



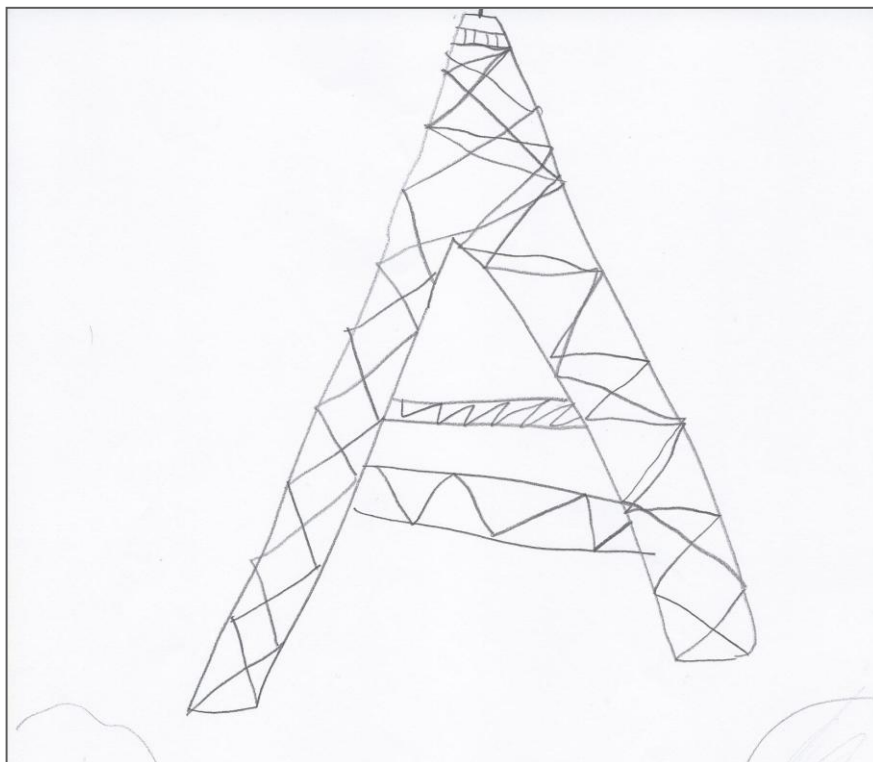
Matilde, Torre Eiffel



Rui, Torre Eiffel



Tomás, Torre Eiffel

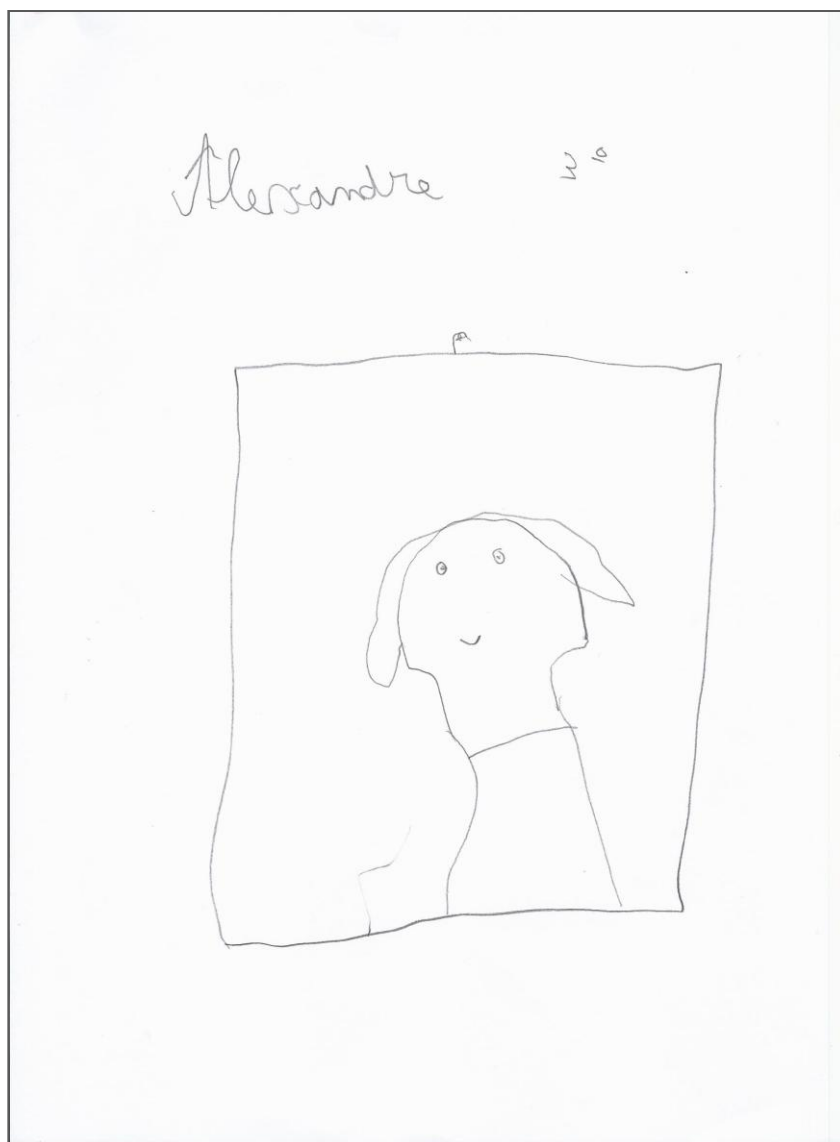


Inês, Castelo de Almourol

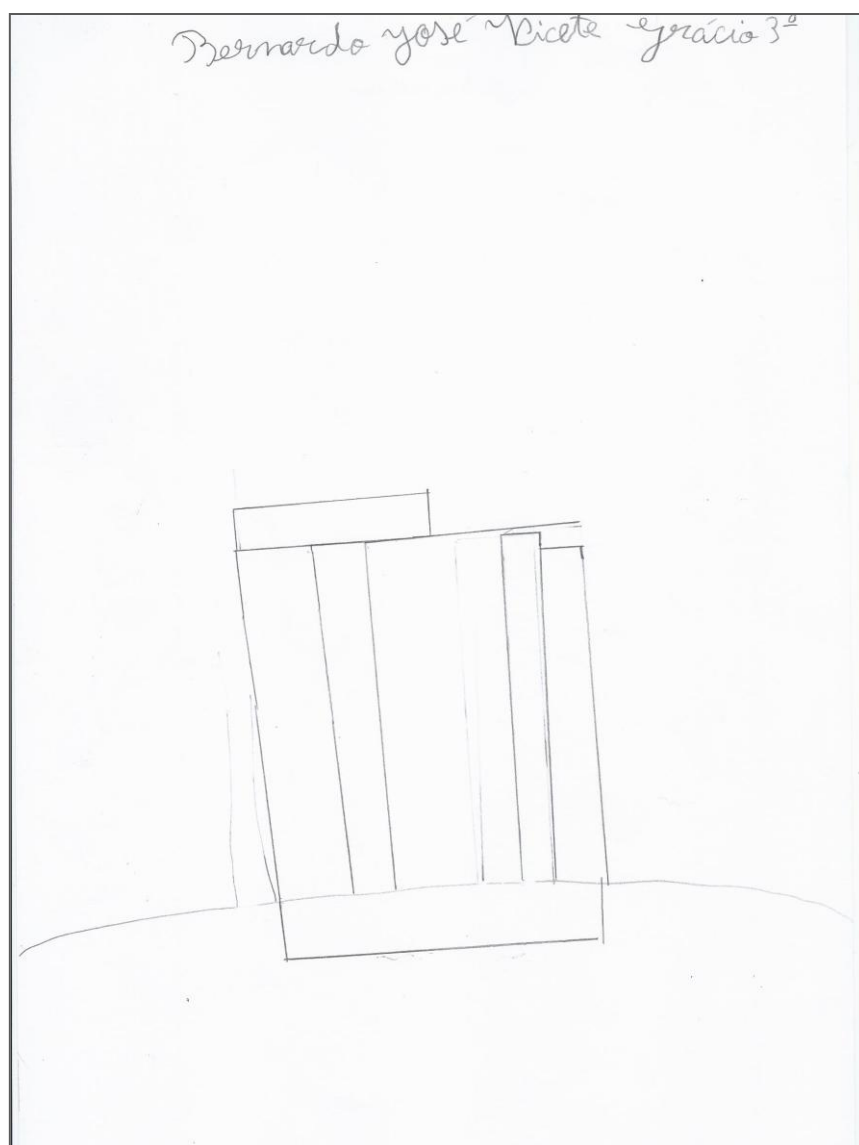


2.3. 3º ano (2011)

Alexandre, “A Gioconda” (ou “Mona Lisa”) de Leonardo da Vinci



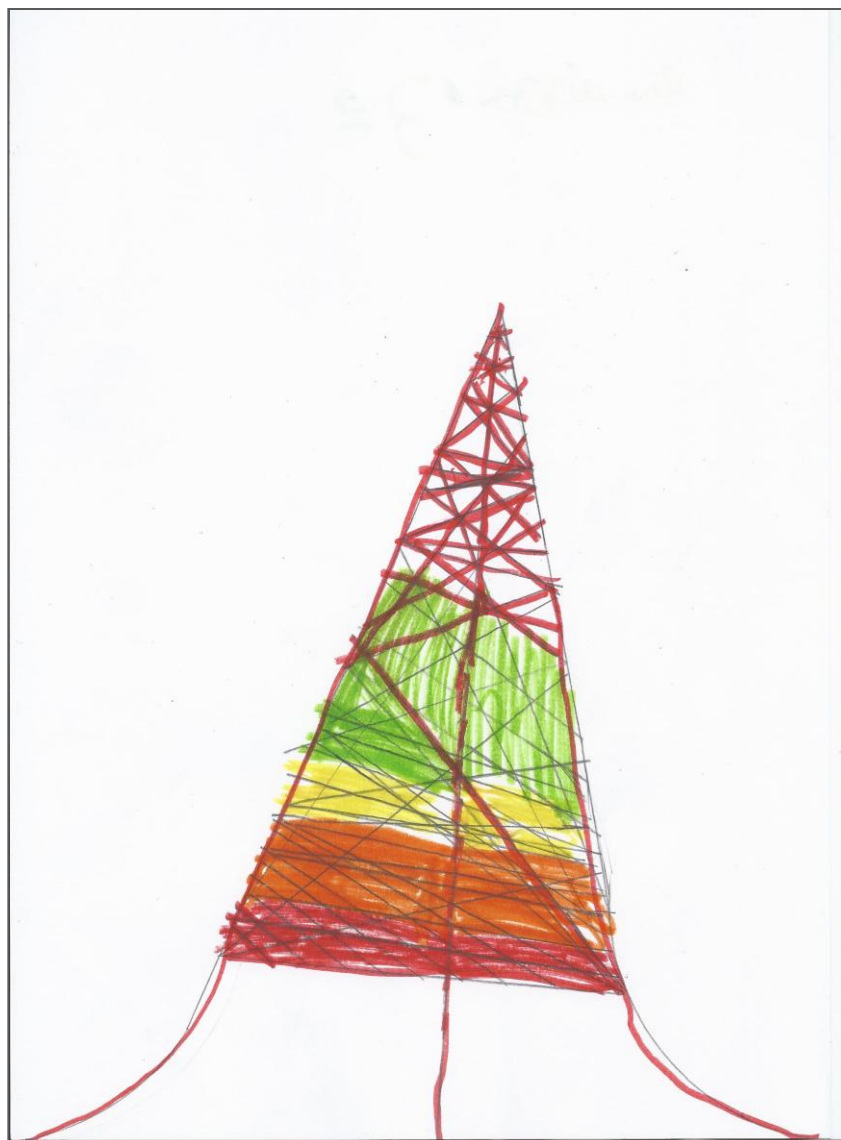
Bernardo, Templo de Diana



Daniel, “A Gioconda” (ou “Mona Lisa”) de Leonardo da Vinci



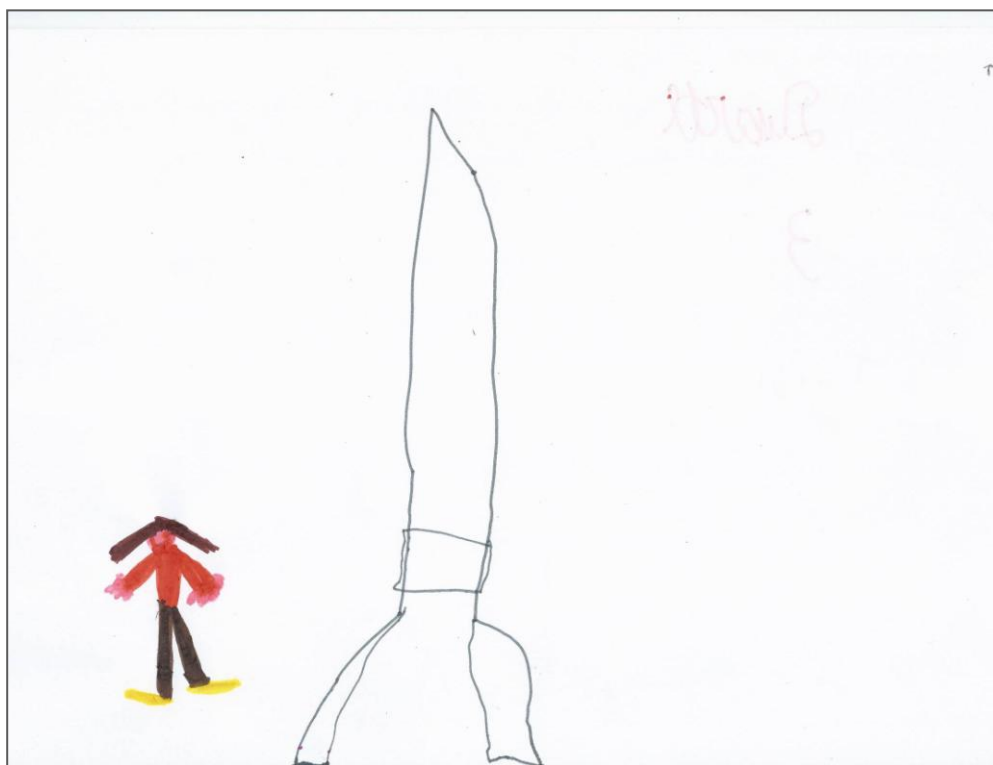
Francisco, Torre Eiffel



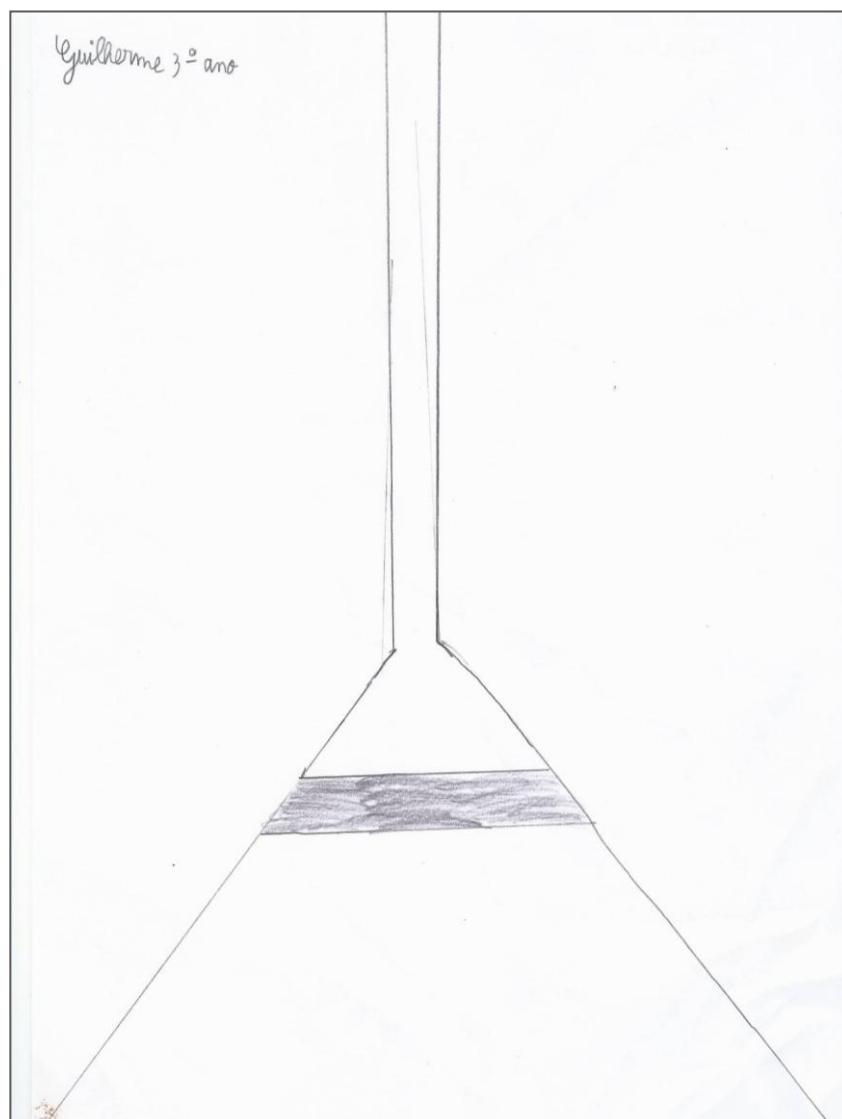
Beatriz, Varino



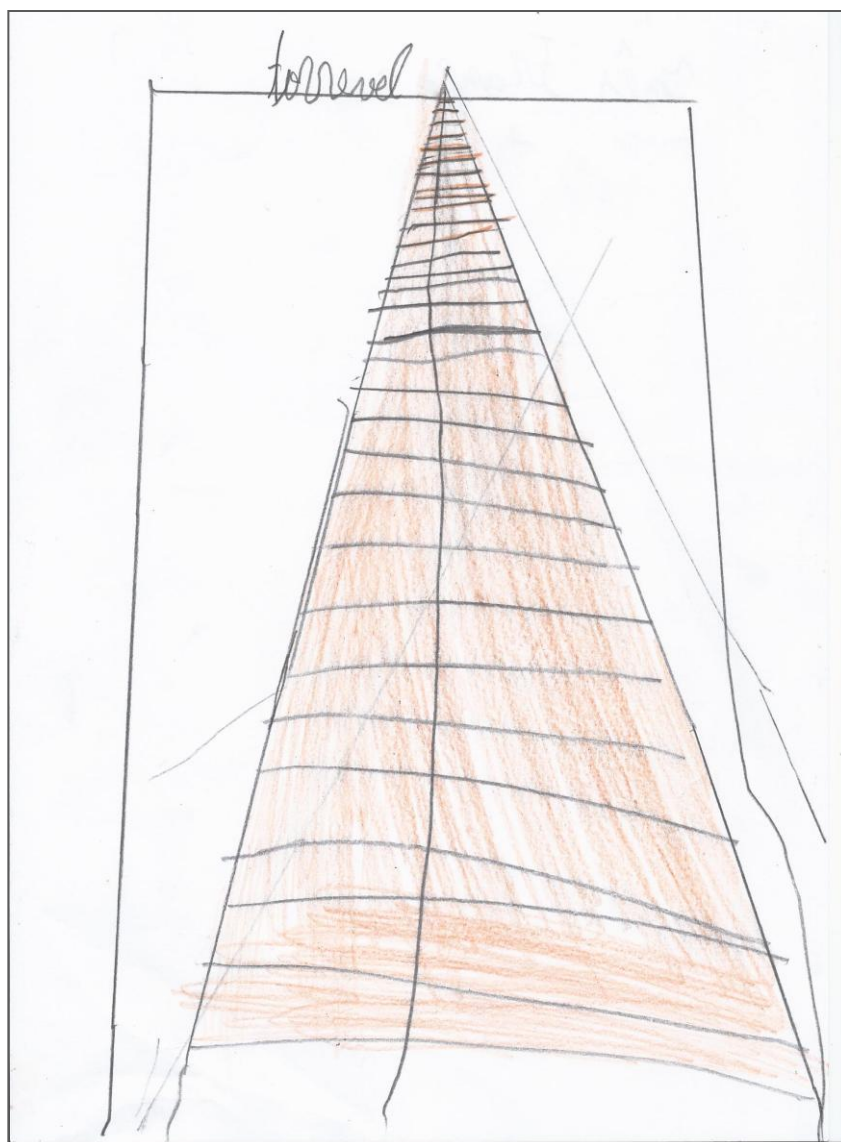
Duarte, Torre Eiffel



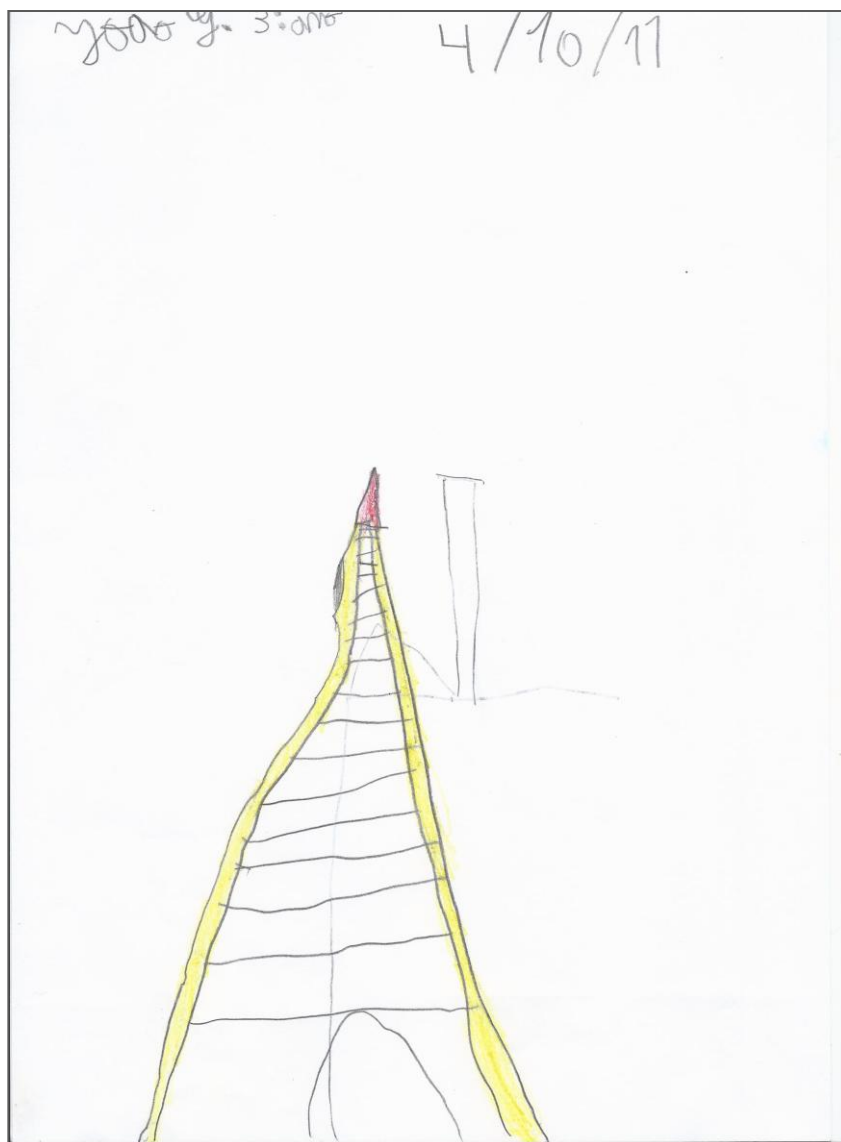
Guilherme, Torre Eiffel



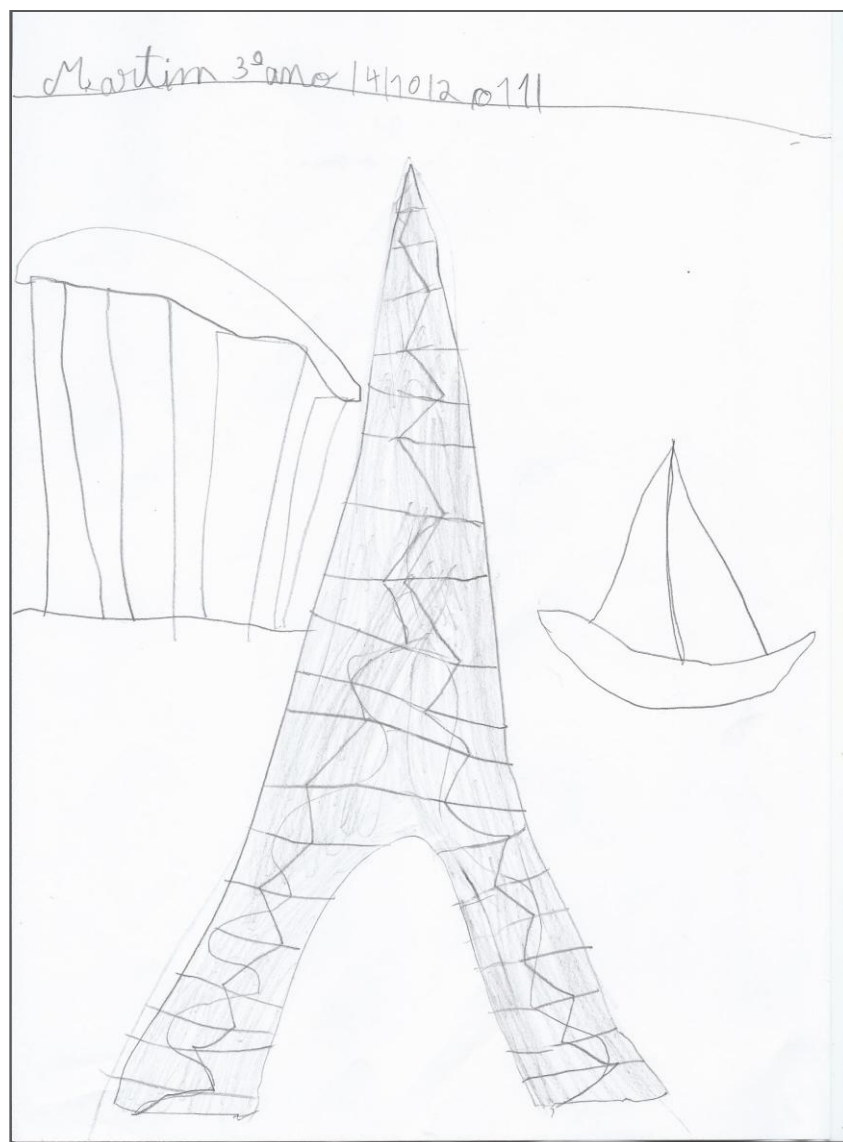
Inês, Torre Eiffel



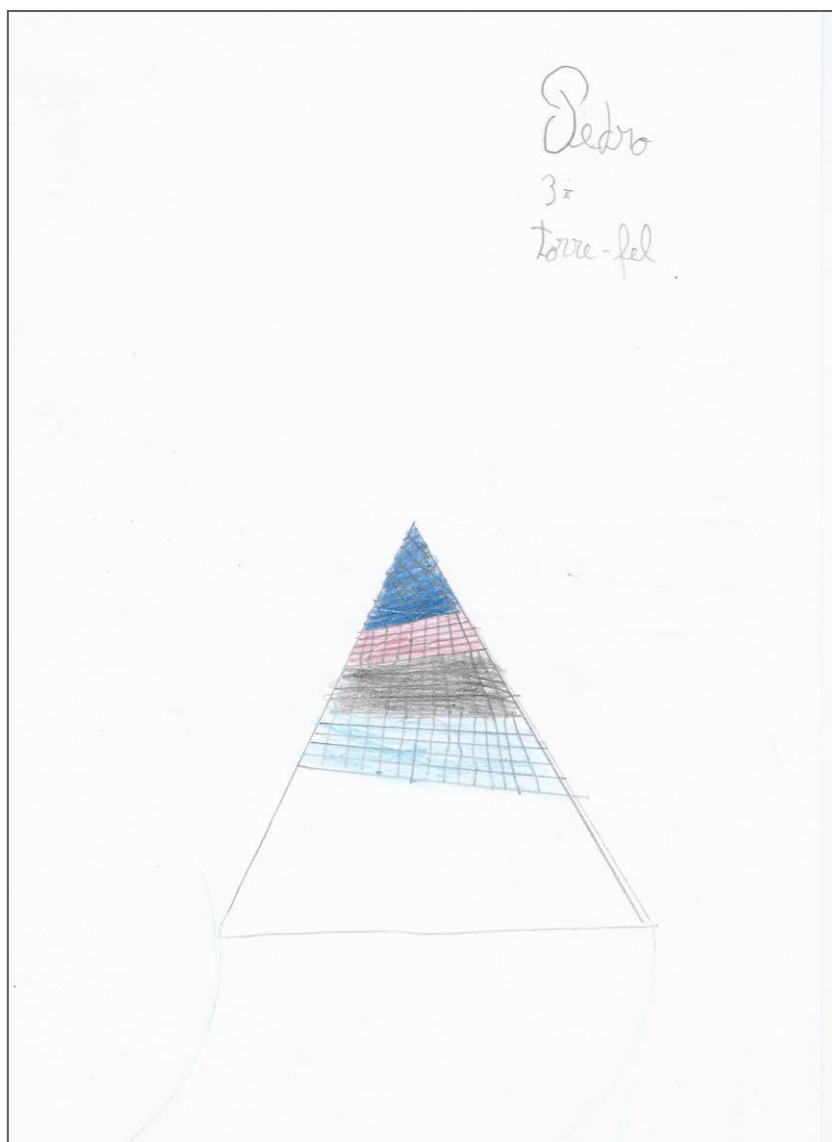
João Guilherme, Torre Eiffel



Martim, Torre Eiffel

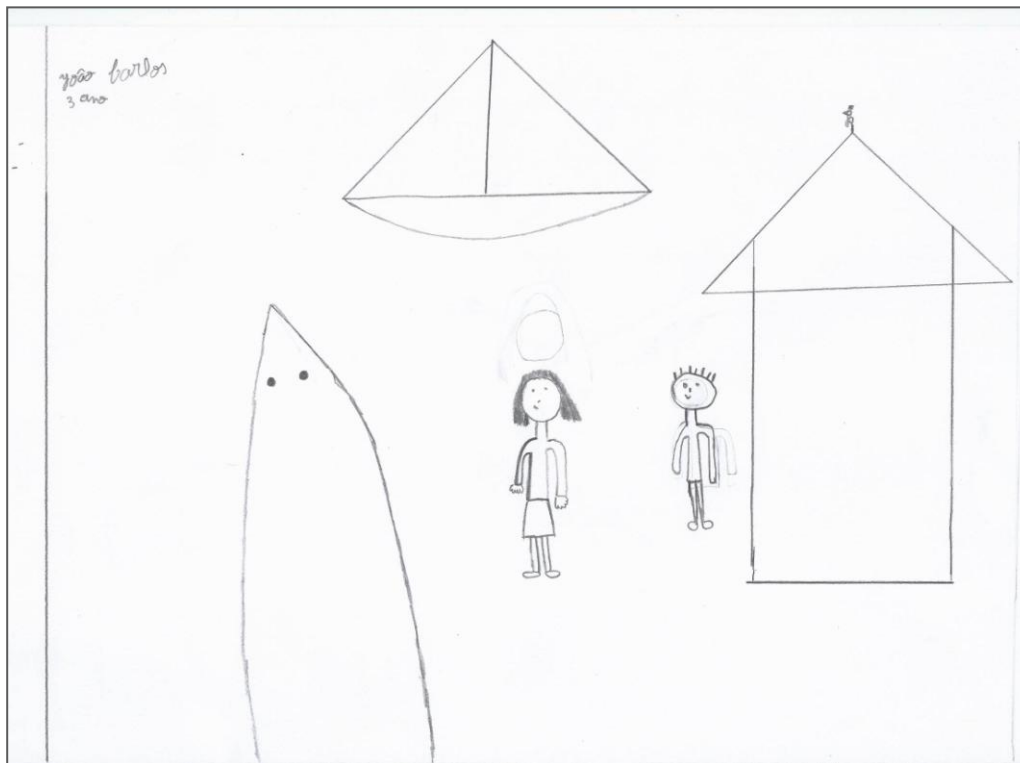


Pedro, Torre Eiffel

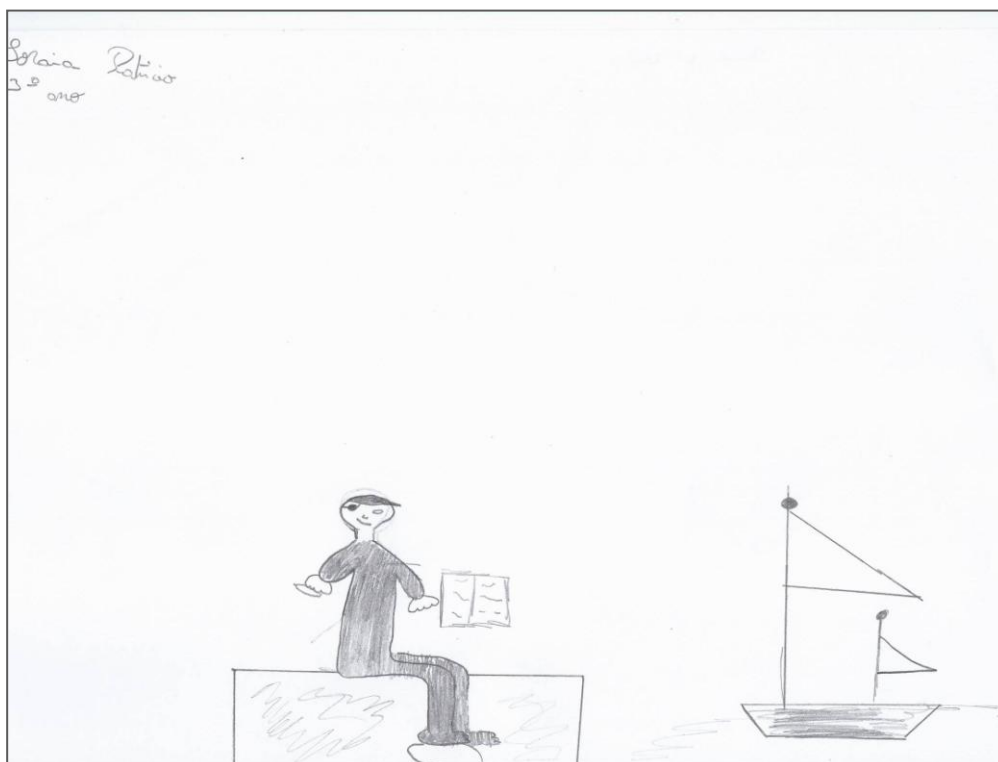


João Carlos, Camões e varino

(entre outros elementos cuja identificação o aluno não esclareceu)



Soraia, Camões e varino



Anexo 3 – Inquéritos

3.1. Profissionais, comunidade e docentes

3.1.1. Inquérito original

(Nota: tamanho original em A4)

QUESTIONÁRIOS	
Este questionário é anónimo e destina-se à recolha de dados importantes para a continuação deste estudo. A sua ajuda será preciosa. Muito obrigada.	
Responda resumidamente:	
1) Qual é do seu ponto de vista a utilidade deste estudo?	<hr/> <hr/> <hr/>
2) No seu ver, a partir de que idade os alunos têm de ser sensibilizados para o Património histórico-artístico?	<hr/> <hr/>
3) É importante existir uma disciplina que trate deste tema logo no ensino básico?	<hr/> <hr/> <hr/>
4) A metodologia do estudo está bem definida e adaptada?	<hr/> <hr/> <hr/>
5) Os alunos possuem conhecimentos e compreensão suficientes para lhes ser inculcada esta temática?	<hr/> <hr/> <hr/>
6) Pensa sinceramente que estas crianças ficaram sensibilizadas com o Património histórico-artístico após terem usufruído destas aulas?	<hr/> <hr/> <hr/>
7) Outras sugestões que acha pertinentes:	<hr/> <hr/> <hr/>

3.1.2. Guião do inquérito

Objectivo: Observar e conhecer as avaliações pessoais relacionadas com o estudo desenvolvido e a utilidade deste. Responderam a este inquérito as docentes das turmas de estudo, profissionais da área do Turismo e da Cultura e pessoas ligadas à comunidade local que tenham estado em contacto com o estudo desenvolvido para esta dissertação, nomeadamente através do Seminário “Turismo Cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino básico”.

A elaboração das perguntas visa um propósito concreto, baseado nas respostas que são necessárias para a análise deste estudo:

1. Perceber a opinião dos inquiridos antes do contacto com este estudo, feito através da apresentação no Seminário ou das aulas com os alunos do ensino básico.
2. Saber qual a idade adequada para iniciar a sensibilização para o tema abordado, no parecer dos profissionais/docentes/comunidade.
3. Após o contacto com o estudo desenvolvido, solicita-se que os inquiridos analisem a provável utilidade de uma disciplina específica no ensino básico.
4. Tendo em conta que os inquiridos pertencem a áreas ligadas a este estudo ou que tenham estado em contacto com o mesmo através do Seminário, é possível fazerem uma análise à metodologia utilizada.
5. Perceber a opinião dos inquiridos acerca das verdadeiras potencialidades cognitivas dos alunos, nesta faixa etária.
6. Conhecer a opinião dos inquiridos sobre o real impacte das aulas de Património histórico-artístico nos alunos
7. Sugere-se a colocação de sugestões ou outros comentários que os inquiridos achem pertinentes para o estudo.

3.2. Pais / Encarregados de educação

3.2.1 Inquérito Original

(Nota: tamanho original em A4)

Exmos Pais / Encarregados de Educação,

Acabaram as aulas de Património histórico-artístico, às quais os alunos responderam de maneira muito positiva e aos quais espero ter ensinado algo que lhes será útil. Mas porque o vosso contributo também é importante, solicito que preencham este inquérito até dia 15/11/2011, de carácter anónimo, que será indispensável para a finalização do meu estudo. Muito obrigada.

1. O que achou inicialmente desta iniciativa?

2. A partir de que idade acha que os alunos estão receptivos para este tema?

3. Seria positivo a criação de uma disciplina com este tema no ensino básico?

4. Costuma levar o seu filho/educando a conhecer locais culturais?

5. O seu filho/educando falou sobre os conhecimentos que tinha adquirido durante as aulas? Se sim, escreva um ou vários exemplos daquilo que lhe foi contado.

6. Pensa sinceramente que estas crianças ficaram sensibilizadas com o tema?

7. Outras sugestões ou comentários:

Mélanie Nascimento
Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural - IPT



3.2.2 Guião do inquérito

Objectivo: obter os comentários, avaliação pessoal, críticas e sugestões dos pais/encarregados de educação sobre o projecto e o estudo elaborado com os seus filhos/educandos e os outros alunos. Perceber de que maneira o aluno descreveu a sua experiência (as aulas de Património histórico-artístico) no núcleo familiar. É necessário ter em conta que os pais/encarregados de educação foram formalmente convidados para assistirem ao Seminário “Turismo Cultural: Educação em Património histórico-artístico para os alunos do Ensino básico” (27.10.2011, Casa-Memória Camões, Constância), onde só compareceram os pais de um aluno.

A elaboração das perguntas visa um propósito concreto, baseado nas respostas que são necessárias para a análise deste estudo:

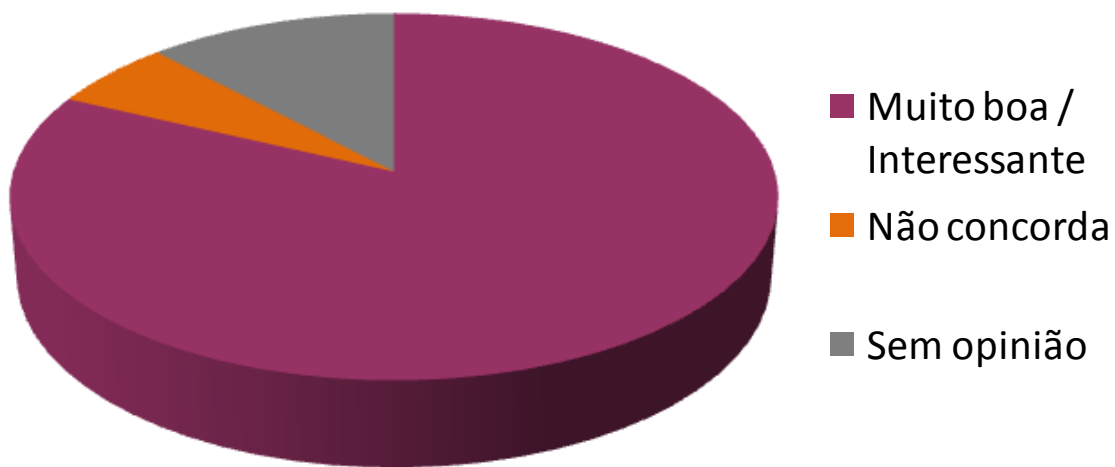
1. Perceber o ponto de vista dos inquiridos no início das aulas de Património histórico-artístico, ou antes deste, através de observações pessoais e do contacto com o filho/educando.
2. Pretende-se que, enquanto pais/encarregados de educação, e somente através de uma visão de conhecimento enquanto tal, dêem a sua opinião sobre a idade que acham a mais adequada à receptividade para o tema abordado nas aulas.
3. Numa fase já posterior às aulas, em que a maioria dos alunos expressou-se sobre as mesmas fora do núcleo escolar, solicita-se novamente a opinião pessoal dos pais/encarregados de educação sobre o assunto.
4. Tentámos conhecer, através das respostas a esta pergunta, os hábitos familiares quanto à fruição de locais de índole cultural.
5. Conhecer o feedback dos alunos, tendo em conta que no núcleo familiar este é mais genuíno. Aprofundar esses dados com exemplos dados pelos alunos.
6. Através do contacto com a criança, perceber se houve de facto uma real sensibilização para o tema em estudo.
7. Sugere-se a colocação de sugestões ou outros comentários que os inquiridos achem pertinentes para o estudo.

3.2.3. Gráficos de análise ao inquérito aos pais / encarregados de educação

(Nota: tivemos em conta o total de inquéritos aos quais os pais/encarregados de educação responderam, que corresponde a 43 % do total dos inquéritos entregues)

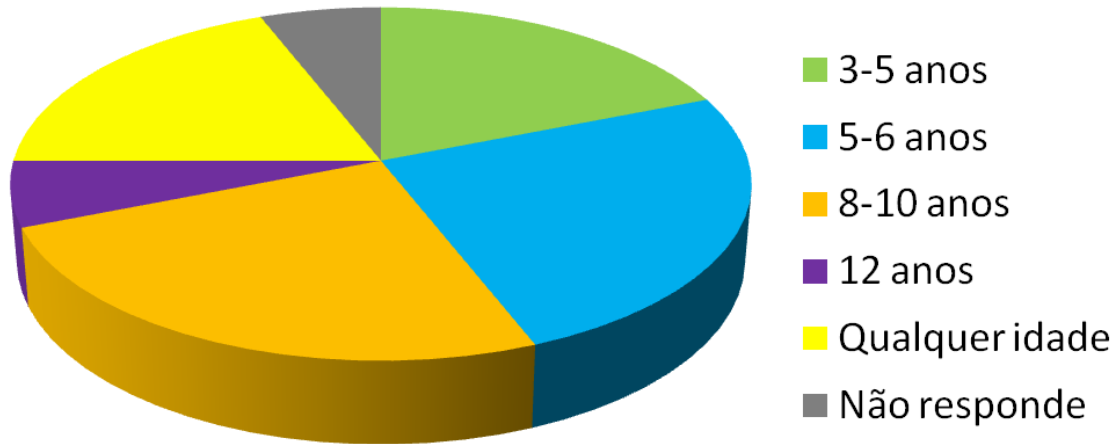
1. O que achou inicialmente desta iniciativa?

Pergunta 1



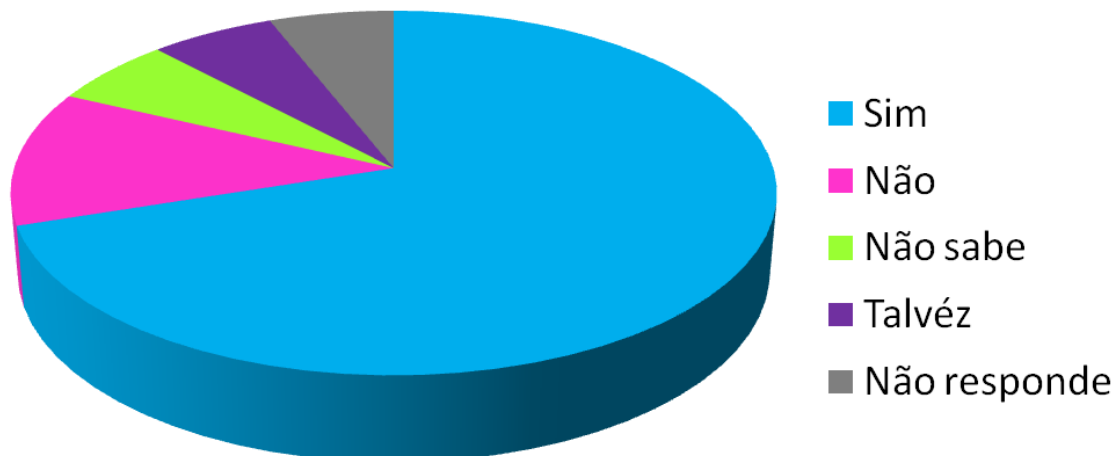
2. A partir de que idade acha que os alunos estão receptivos para este tema?

Pergunta 2



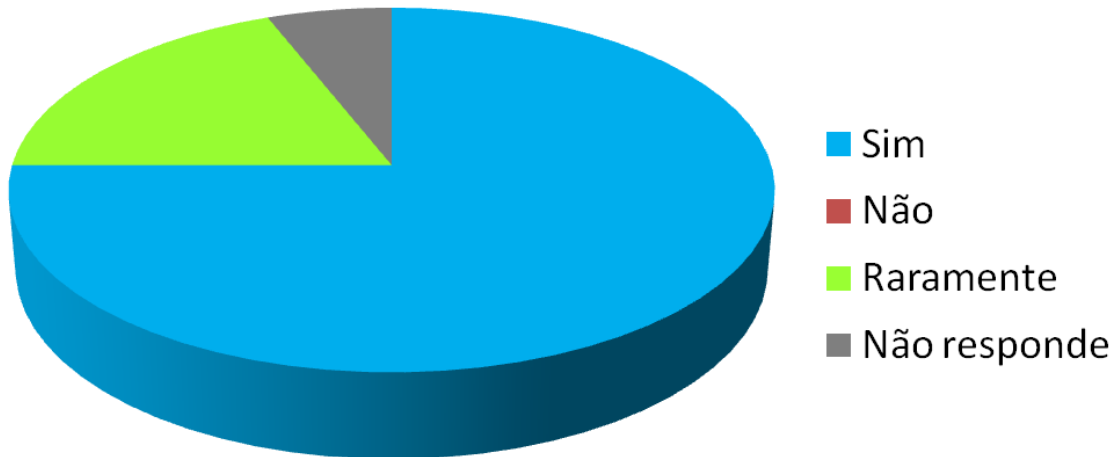
3. Seria positivo a criação de uma disciplina com este tema no ensino básico?

Pergunta 3



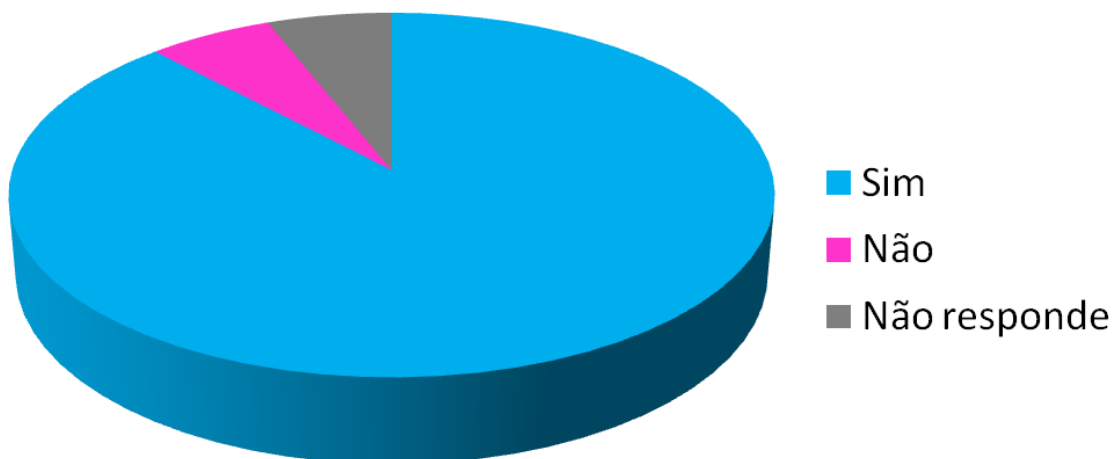
4. Costuma levar o seu filho/educando a conhecer locais culturais?

Pergunta 4



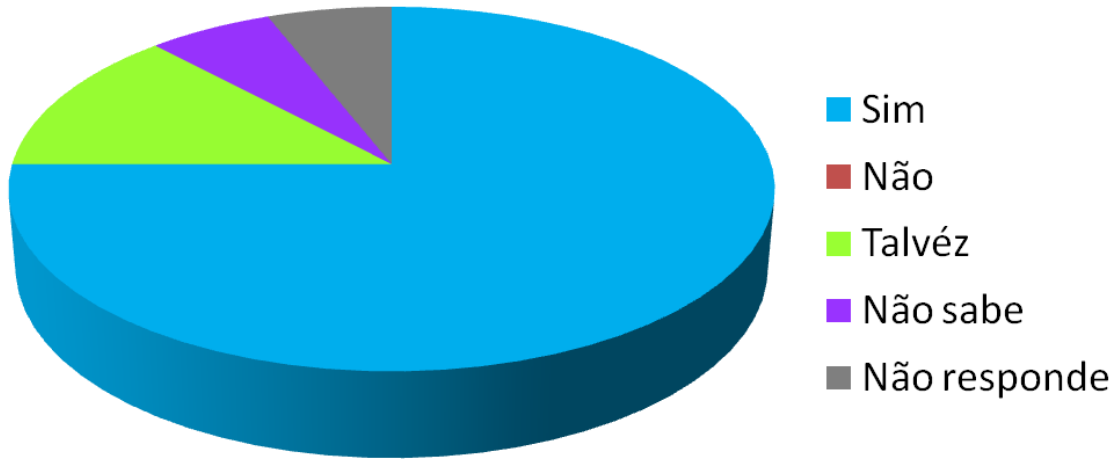
5. O seu filho/educando falou sobre os conhecimentos que tinha adquirido durante as aulas? Se sim, escreva um ou vários exemplos daquilo que lhe foi contado.

Pergunta 5



6. Pensa sinceramente que estas crianças ficaram sensibilizadas com o tema?

Pergunta 6



Anexo 4 – Questionários aos alunos

4.1. Questionário original

(Nota: o questionário tem duas páginas e tamanho original em A4)




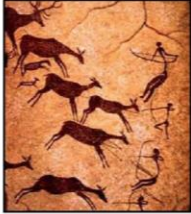


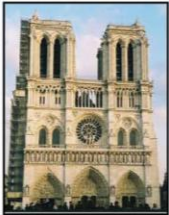

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

Nome: _____ Data: _____





1ºano 3ºano 4ºano

1. O que é o Património?

2. Quais destas imagens pertencem ao Património histórico-artístico que estudamos nas aulas?

 <input type="checkbox"/>	 <input type="checkbox"/>	 <input type="checkbox"/>	 <input type="checkbox"/>
 <input type="checkbox"/>	 <input type="checkbox"/>	 <input type="checkbox"/>	 <input type="checkbox"/>

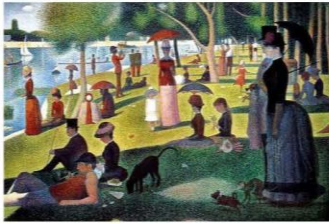
3. Liga os quadros aos autores:

 ○	♦ homens das cavernas ♦	○	
	♦ Picasso ♦		
 ○	♦ Leonardo Da Vinci ♦		
	♦ Van Gogh ♦	○	

4. Diz o que sabes sobre estes quadros:







5. O que é um Azulejo, de onde vem e como é feito?

6. O que viram na igreja Matriz?

7. Quais são os verbos que aprenderam e que pertencem ao tema "Património"?

8. Porquê é que o Património é importante?

4.2. Guião do questionário

Objectivo: avaliar os conhecimentos que os alunos adquiriram durante as aulas de Património histórico-artístico. Esta avaliação não é quantitativa (aplicando uma nota) pois não é isso que este tipo de estudo pretende, mas antes conseguir perceber se a metodologia é adequada, assim como o conteúdo, a linguagem usada e as temáticas abordadas estão adaptadas a esta faixa etária e a este território de estudo. Este aspecto foi explicado aos alunos antes do preenchimento do questionário. As perguntas seguem a mesma ordem das temáticas abordadas nas aulas. As perguntas são colocadas alternadamente: perguntas de desenvolvimento e de escolha múltipla.

A elaboração das perguntas visa um propósito concreto, baseado nas respostas que são necessárias para a análise deste estudo:

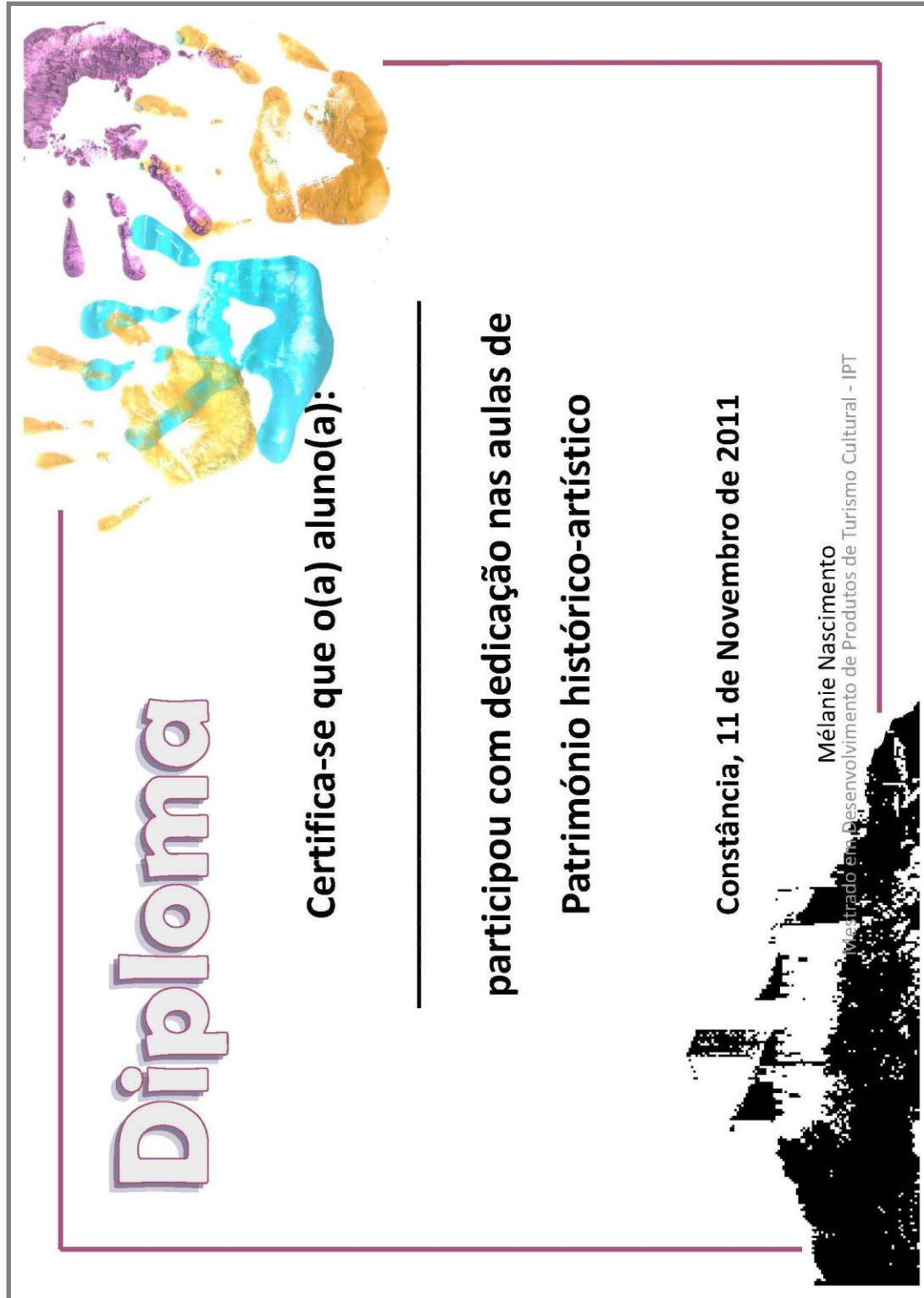
1. Pretende-se uma definição pessoal baseada nas aulas de Património histórico-artístico. Com isto sabe-se se o aluno compreendeu a temática abordada.
2. O aluno terá de escolher, através de escolhas múltiplas, as imagens correspondentes à temática estudada durante a primeira aula. Conseguimos perceber se as imagens geraram o impacto pretendido e se o aluno memorizou as imagens visualizadas denominadas de ícones “*multipatrimoniais*”.
3. Identificação das imagens e criação de relação entre os autores e as obras correspondentes. As obras foram escolhidas segundo uma diferenciação entre as temáticas e as técnicas, assim como o aspecto visual onde o aluno se baseia para fazer essa mesma diferenciação. Foram usadas as obras estudadas na aula de História da Pintura.
4. Pretende-se que o aluno exprime livremente a sua interpretação quanto às imagens apresentadas, com base nos dados fornecidos durante a aula de História da Pintura. Estas três obras foram escolhidas conforme o seu conteúdo. Mais uma vez houve a intenção de fazer uma diferenciação entre as temáticas e também as épocas de origem de cada obra.
5. Uma pergunta de desenvolvimento que permite-nos compreender os ensinamentos adquiridos acerca da arte azulejar.

6. As respostas dadas servem para perceber os elementos da visita que causaram maior impacto no aluno. A análise a esta resposta permite saber igualmente as modificações a implementar para que outros elementos, que não constam da lista apresentada na resposta, sejam evidenciados de melhor maneira na próxima visita.
7. Da lista de verbos relacionados com o estudo e expostos em cada aula, o aluno manifesta desta forma aquele (s) que melhor memorizou. Desta forma conseguimos perceber quais os mais mencionados, mas também saber se entenderam o objectivo da apresentação desses verbos, a definição de cada um e a ligação com o tema.
8. Retomando o tema principal, o aluno expõe a sua opinião pessoal, tendo como base as aulas de Património histórico-artístico a que assistiu durante um mês. Com esta pergunta pretendemos entender se o aluno compreendeu a importância do património e de que forma o verbaliza.

É importante explicar que estas respostas têm de ser interpretadas consoante a linguagem usada pelo aluno. As perguntas também têm de ser explicadas aos alunos de maneiras diferentes consoante a idade dos mesmos e, se necessário, auxiliar o seu preenchimento.

Anexo 5 – Diploma

(Nota: tamanho original em A4)



Anexo 6 – Cartaz de divulgação (Seminário)

Seminário

Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural
Escola Superior de Gestão – Instituto Politécnico de Tomar

Apoio: Câmara Municipal de Constância

Turismo Cultural:

Educação em Património histórico-artístico para alunos do ensino básico

Sessão

Abertura: *Presidente da Câmara Municipal de Constância,
Doutor Máximo Ferreira*

Tema: *Mestranda Mélanie Nascimento*

Debate

Encerramento: *Prof. Luís Mota Figueira*

**Dia 27 de Outubro
Casa-Memória Camões - Constância
a partir das 18h**

Informações: 912 153 221 ou mel_n@sapo.pt



Arquivo 7 – Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, resposta do IGESPAR

No âmbito da iniciativa anual do “Dia Internacional dos Monumentos e Sítios”, a 18 de Abril de 2012, a APTC (Associação Portuguesa do Turismo Cultural) enviou uma proposta baseada no meu projecto ESAP, para a criação de uma actividade que será organizada no Convento de Cristo, em Tomar. O regulamento, o cartaz de divulgação e o programa podem ser consultados em www.igespar.pt.

Nesta anexo divulgamos o e-mail recebido, que atesta a resposta positiva por parte do IGESPAR:

----- Original Message -----

From: Sandra Vaz Costa [mailto:svcosta@igespar.pt]

To: aptcultural@gmail.com

Sent: Tue, 6 Mar 2012 15:15:51 -0000

Subject: RE: Proposta de Actividade APTC para dia 18 de Abril de 2012 no Convento de Cristo

Exmos. Senhores

Vimos por este meio informar que recebemos a vossa proposta de actividades a realizar no Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, e que a mesma será incluída no programa nacional do evento.

Agradecendo a empenhada participação da vossa instituição nesta ocasião comemorativa, informamos ainda que, logo que se encontre disponível, enviaremos por e-mail o programa geral, em formato digital.

Com os melhores cumprimentos,

Sandra Vaz Costa

Instituto de Gestão do Património Arquitectónico, IGESPAR IP

Departamento de Inventário, Estudos e Divulgação

Palácio Nacional da Ajuda,

1349-021 Lisboa

T.: +351 21 361 4331

e-mail: svcosta@igespar.pt

Anexo 7 – Arquivo fotográfico

Referimos que foi solicitada a devida autorização aos pais/encarregados de educação para fotografar os seus filhos/educandos.

Algumas aulas carecem de fotografias devido à ausência de **auxílio**.

O arquivo fotográfico está dividido por aulas, nas suas temáticas, e por turmas.

Aula nº1 e nº2 – Introdução ao Património histórico-artístico:

Turma 1º ano





Turma 3º ano (2010)

(não tem)

Turma 3º ano (2011)



Aula nº3 e nº4 – História da Pintura:

Turma 1º ano



Turma 3º ano (2010)





Turma 3º anos (2011)



Aula nº5 e nº6 – História do Azulejo

Turma 1º ano





Turma 3º ano (2010)



Turma 3º ano (2011)



